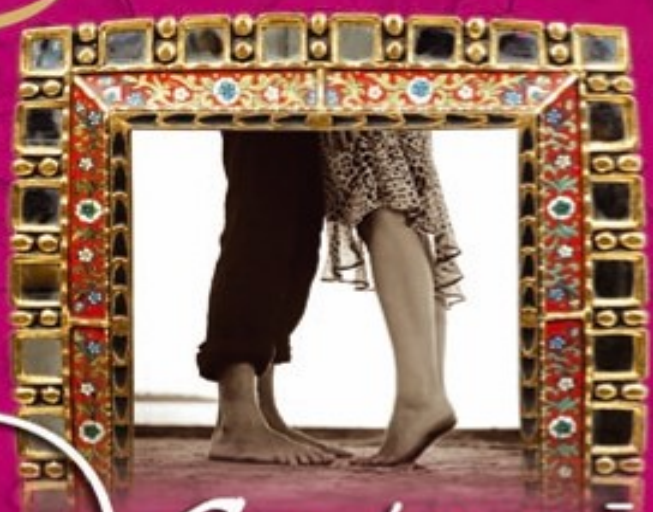


ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Nora Roberts



As irmãs
Stanislaski
Um Amor a Defender ~ RACHEL ~

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Nora Roberts

UM AMOR A DEFENDER — RACHEL

As Irmãs Stanislaski — Volume II



Título original: *Um amor a defender*
Copyright © 1993 por Nora Roberts
Copyright da tradução © 2008 por Editora HR Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R549a

Robert, Nora, 1950-
Um amor a defender [recurso eletrônico] / Nora Roberts; tradução de Maria de Fátima Oliva do Coutto. Rio de Janeiro: HR, 2008.
recurso digital

Tradução de: Falling for Rachel
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7687-561-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Coutto, Maria de Fátima Oliva Do. II. Título.

08-1621

CDD: 813

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
www.harlequinbooks.com.br

Caros leitores,

Por acaso, acredito ser especialista no sexo feminino, uma vez que sempre vivi cercada de homens. Era a caçula de uma família de cinco e a única filha. Portanto, estava em desvantagem numérica. Isso significa aprender a usar os atributos femininos básicos a fim de obter vantagem. Vejam bem, não estou falando em lágrimas e queixas, embora elas tenham sua utilidade. Estou falando sobre a mente feminina e todos os seus interessantes questionamentos e pontos de vista. E sobre o coração feminino — seus profundos porões e, com frequência, incompreensível lógica. Como menina, aprendi a apreciar e a admirar a feminilidade, cujo tipo nada tem a ver com rendas e babados e tudo a ver com emoção.

Tive a sorte de aprender. E agora, que tenho marido e dois filhos, estou em desvantagem numérica mais uma vez.

Quando escrevi pela primeira vez sobre Rachel Stanislaski, ela era estudante de direito, a filha caçula de imigrantes ucranianos e a segunda menina da prole. Embora cada um dos membros da família Stanislaski tenha exercido enorme fascínio sobre mim, Rachel era especial devido às ambições pessoais, à força de suas convicções e ao modo como vinham à tona, mesclados com o forte amor pela família.

Ao criar o personagem de Zack Muldoon, sabia que ele precisaria de uma mulher especial. Rachel, com sua inteligência, temperamento, senso de justiça e profunda compaixão, era a companheira perfeita.

Estou encantada por participar da celebração da condição feminina, através das edições da Harlequin, e espero que Rachel ocupe um lugar especial em seus corações como ocupa no meu.



PRÓLOGO

Nick não podia imaginar como pudera ser tão idiota. Para ele, fazer parte de uma gangue talvez fosse mais importante do que gostaria de admitir. Ou estivesse com raiva do mundo. Ou ainda calculasse que deveria tirar o que lhe era devido sempre que tivesse uma oportunidade. E, certamente, ficaria desmoralizado se tivesse recuado quando Reece, T.J. e Cash estavam tão animados.

Mas a verdade é que nunca desrespeitara as leis antes daquele episódio.

Não era bem verdade, lembrou-se enquanto se enfiava pela janela quebrada e entrava pelos fundos na loja de produtos eletrônicos. Mas tinham sido apenas pequenos delitos. Armar uma banca de jogo na *Avenida Madison* para que turistas desavisados e otários tentassem descobrir no três montinhos onde ele colocara a carta, vender relógios ou imitações da *Gucci* na *Quinta Avenida*, falsificar carteira de identidade para poder comprar cerveja. Ele havia trabalhado numa oficina de desmonte de carros por um tempo, mas isso não era tão grave, considerando que ele não roubava os carros. Apenas os desmontava para pegar peças. Fora preso algumas vezes por brigar com a gangue adversária, os *Hombres*, mas isso era questão de honra e lealdade.

Entrar numa loja e roubar calculadoras e aparelhos de som portáteis constituía um grande salto. Depois de algumas cervejas, levava na brincadeira, mas a realidade começava a lhe assustar e causar-lhe pânico.

Nick caíra numa armadilha, como sempre acontecia. Não havia escapatória.

— Ei, cara, isso é melhor do que afanar barras de chocolate, certo? — Os olhos escuros e ameaçadores de Reece examinavam as estantes da loja. Era um homem baixo, abrutalhado, que passara muitos de seus vinte anos no reformatório. — Vamos ficar ricos.

T.J. gargalhou. Era seu jeito de concordar com tudo o que Reece dizia. Cash, que normalmente mantinha a própria opinião, já enfiava caixas de games na mochila preta que carregava.

— Anda, Nick. — Reece lhe passou uma bolsa camuflada. — Encha.

O suor começou a escorrer pelas costas de Nick, enquanto ele colocava rádios e gravadores na sacola. Que diabos ele estava fazendo ali? Depenando um pobre coitado que tentava apenas ganhar a vida? Não era igual a enganar turistas ou vender mercadorias de outra pessoa. Isso era roubar, droga!

— Ouça, Reece, eu... — Calou-se quando Reece virou-se e iluminou os olhos de Nick com a luz da lanterna.

— Algum problema, meu irmão?

Estou encurralado, pensou Nick de novo. Dar o fora agora não impediria os outros de pegar o que tinham vindo buscar. E apenas lhe traria humilhação.

— Não, cara, problema nenhum. — Ansioso para acabar logo com aquilo, enfiou mais caixas na sacola sem se dar ao trabalho de olhá-las. — Não vamos ficar de olho grande, tudo bem? Quero dizer, temos que tirar a mercadoria e depois repassá-la. Não queremos tirar mais do que podemos carregar.

Com os lábios repuxados num esgar, Reece bateu nas costas de Nick.

— É por isso que eu gosto de você ao meu lado. Por causa de sua mente prática. Não se preocupe. Já disse que tenho um receptor.

— Certo. — Nick umedeceu os lábios secos e lembrou-se de que era um *Cobra*. Era tudo o que jamais fora, tudo o que jamais seria.

— Cash, T.J., levem esse primeiro carregamento para o carro. — Reece entregou as chaves. — Não se esqueçam de trancar a porta. Não queremos que algum mau elemento roube nada, certo?

As risadas de T.J. ecoaram nas paredes quando ele pulou pela janela.

— Não, senhor. — Ele ajeitou os enormes óculos escuros no nariz. — Tem ladrões por todo lado, não é mesmo, Cash?

Cash apenas resmungou e saiu pela janela.

— Esse T.J. é um perfeito idiota. — Reece levantou um videocassete embalado. — Pode me dar uma mãozinha, Nick?

— Pensei que você tivesse dito que só íamos levar coisas pequenas.

— Mudei de ideia. — Reece colocou a caixa nos braços de Nick. — Minha velha anda sonhando com um destes.

Reece jogou o cabelo para trás antes de subir na janela.

— Sabe qual seu problema, Nick? Consciência demais. O que você já teve? Agora, tem uma família, os *Cobras*. Só precisa ter consciência em relação à sua família. — Esticou os braços. Quando Nick entregou-lhe o videocassete, Reece sumiu na escuridão.

Família, pensou Nick. Reece tinha razão. Os *Cobras* eram sua família. Podia contar com eles. Tinha de contar com eles. Afastando as dúvidas, colocou o saco nos ombros. Devia pensar em si, não? Sua cota de trabalho do dia iria manter um teto sobre sua cabeça por um mês ou dois. Ele poderia ter pagado o quarto de modo lícito se não tivesse sido dispensado do emprego de motorista de caminhão de entregas.

Economia porca, pensou. Se precisava roubar para pagar suas contas, a culpa era do governo. A ideia o fez dar um risinho abafado ao passar uma perna pela janela. Reece tinha razão, concluiu. Cada um tinha de cuidar de si.

— Precisa de ajuda?

A voz desconhecida deixou-o imóvel. Na luz difusa, viu o brilho de uma arma, o clarão de um distintivo. Por um momento pensou, em pânico, em atirar a bolsa no homem e sair correndo. Balançando a cabeça, o policial se aproximou. Era jovem, moreno, com um tipo de fastio nos olhos que demonstrava conhecimento de todas as estratégias.

— Faça um favor a si — sugeriu o policial. — Jogue a culpa em sua má sorte.

Resignado, Nick saltou da janela, colocou o saco no chão, virou para a parede e se posicionou para ser revistado.

— E eu lá tenho opção? — murmurou, a mente a vagar, enquanto ouvia seus direitos.

CAPÍTULO UM

Com a pasta numa das mãos e um bagel mordido na outra, Rachel subiu correndo a escadaria do tribunal. Detestava chegar atrasada. Odiava. Saber que enfrentaria o Juiz "*Cara-amassada*" Snyder na audiência da manhã só a deixava mais determinada a entrar e ocupar a mesa da defensoria às 8 h 59. Tinha três minutos de folga. Teria o dobro se não tivesse dado uma passada no escritório.

Como poderia adivinhar que o chefe teria em mão outro caso para ela?

Dois anos trabalhando como defensora pública, lembrou-se batendo as portas, apressada. Já deveria ter se acostumado.

Olhou os elevadores, a multidão à espera e optou pelas escadas. Xingando os saltos altos, tirou os sapatos e engoliu o resto do bagel. Inútil sonhar em comê-lo acompanhado de uma xícara de café.

Parou, de súbito, diante das portas da sala de audiência e levou dez preciosos segundos para ajeitar o blazer de sarja azul e arrumar os desalinhados cabelos negros, cortados na altura do queixo. Examinou rapidamente se os brincos ainda estavam no lugar. Olhou o relógio e deixou escapar um profundo suspiro.

Na hora exata, Stanislaski, pensou ao atravessar, com serenidade, as portas e entrar na sala. Sua cliente, uma prostituta de 23 anos e coração de pedra, entrou sob escolta no momento em que Rachel ocupava o assento. As acusações não passariam de multa e detenção insignificantes, da qual já seria descontado o período de prisão preventiva, caso não tivesse roubado a carteira do cliente.

Como Rachel explicara à amarga moça, nem todos os clientes se constrangiam em chiar ao perder duzentos dólares em dinheiro e um cartão de crédito gold.

— Todos de pé!

Cara-amassada entrou, a toga preta esvoaçando em torno de seus 1,92 m e 127 kg. A pele cor de cappuccino, o rosto tão redondo e pouco amigável quanto as abóboras que Rachel esculpira com os irmãos nas festas de Dia das Bruxas.

O juiz Snyder não tolerava atrasos, petulâncias e nenhuma interferência em seus julgamentos. Rachel fitou o promotor, seu oponente. Trocaram olhares de simpatia e começaram a trabalhar.

Rachel conseguiu a liberação da prostituta em noventa dias. A cliente não transbordava gratidão ao ser conduzida para fora da sala pelo oficial de justiça. Tivera melhor sorte com um caso de agressão.

— Afinal, Meritíssimo, meu cliente pagou, de boa-fé, por uma refeição quente. Quando a pizza chegou fria, tentou demonstrar seu argumento e ofereceu um pedaço ao entregador. Infelizmente, o entusiasmo o fez entregá-la de modo exaltado e, durante a subsequente briga, a referida pizza foi inadvertidamente derrubada na cabeça do entregador.

— Muito engraçado, advogada. Cinquenta dólares e detenção.

Rachel defendeu os interesses dos clientes durante a sessão matinal. Um ladrão de carteiras, um bêbado desordeiro, dois envolvidos em agressões e outro num pequeno furto. A sessão terminou ao meio-dia, com o julgamento de um senhor que furtara numa loja, um fracassado em dose dupla. Rachel necessitou de toda habilidade e determinação para convencer o juiz a estipular uma avaliação psiquiátrica e aconselhamento.

— Nada mal. — Rachel tinha 26 anos, dois anos mais jovem do que o promotor público, mas ele se considerava um veterano. — Acho que terminou em empate.

Ela sorriu e fechou a pasta.

— De jeito nenhum, Spelding. Venci com o caso do cara que furtou na loja.

— Talvez. — Spelding vinha tentando sair com ela há semanas. Caminharam lado a lado. — Talvez o psiquiatra demonstre que ele não tem

problemas psíquicos.

— Com certeza. O cara tem 72 anos e rouba aparelhos de barbear descartáveis e cartões floridos. Sem dúvida, ele é perfeitamente normal — ironizou.

— Vocês, defensores públicos, são tão emotivos! — Mas ele disse isso em tom de brincadeira, pois gostava bastante do estilo de Rachel na corte. Bem como suas pernas. — Já sei. Convido-a para almoçar e você pode tentar me convencer de que a sociedade deveria dar a outra face.

— Desculpe. — Ela lançou-lhe um sorriso rápido e optou novamente pelas escadas. — Tenho um cliente à minha espera.

— Na cadeia?

Rachel deu de ombros.

— É onde os encontro. Boa sorte da próxima vez, Spelding.

Na delegacia de polícia, reinava o barulho e o forte cheiro de café requentado. Um leve arrepio a percorreu. O serviço meteorológico errara ao prever um dia de verão em pleno outono. Uma nuvem pesada e ameaçadora movia-se sobre Manhattan. Rachel já lamentava não ter pego o casaco nem o guarda-chuva ao sair às pressas de casa pela manhã.

Com sorte, calculou, estaria de volta ao escritório em uma hora e escaparia da chuva. Trocou cumprimentos com alguns dos policiais conhecidos e pegou o crachá de visitante na mesa.

— Nicholas LeBeck — disse ao sargento de plantão. — Tentativa de arrombamento.

— Sei, sei... — O sargento deu uma olhada nos papéis.

— Seu irmão trouxe o cara.

Rachel suspirou. Ter um irmão policial nem sempre lhe facilitava a vida.

— Já soube. LeBeck já deu o telefonema a que tem direito?

— Não.

— Alguém o procurou?

— Não.

— Ótimo. — Rachel ajeitou a pasta. — Gostaria que o trouxessem.

— Você manda. Parece que lhe deram outro perdedor, Ray. Pode ocupar a sala de reuniões A.

— Obrigada. — Virou e desviou-se de um sujeito algemado, conduzido por um policial uniformizado. Conseguiu pegar uma xícara de café e a levou para a pequena sala ostentada por uma janela gradeada, uma única mesa e quatro cadeiras desconjuntadas. Sentou-se, abriu a pasta e pegou o relatório sobre Nicholas LeBeck.

Aparentemente, seu cliente tinha 19 anos, estava desempregado e alugava um quarto no Lower East Side. Deixou escapar um suspiro diante da lista de antecedentes. Nada catastrófico, refletiu, mas certamente o suficiente para provar a tendência a se meter em confusão. A tentativa de arrombamento o levava a um patamar superior e lhe deixava pouca esperança de vê-lo tratado como réu primário. O detetive Alexi Stanislaski encontrara vários mil dólares em aparelhos eletrônicos na sacola ao dar-lhe voz de prisão.

Sem dúvida, iria ouvir um bocado de Alex. Nada dava ao irmão mais satisfação do que lhe esfregar na cara o tipo de cliente que defendia.

Quando a porta da sala se abriu, continuou a beber o café enquanto analisava o homem sendo trazido por um policial com ar enfadado.

Um metro e setenta e cinco centímetros de altura e 63,5kg, estimou. Precisava ganhar peso. Cabelo louro-escuro desalinhado quase na altura dos ombros. A boca retorcida dava a impressão de um permanente sorriso zombeteiro. Caso contrário, poderia ser uma boca atraente. Um minúsculo peridoto, quase da cor de seus olhos, brilhava na orelha. Os olhos também poderiam ser atraentes, não fosse a raiva amarga estampada.

— Obrigada, oficial. — Ao menear a cabeça, o policial tirou as algemas do preso e os deixou a sós. — Sr. LeBeck, sou Rachel Stanislaski, sua advogada.

— É mesmo? — Atirou-se numa cadeira e inclinou-a para trás. — O último defensor público que tive era baixinho, magricelo e careca. Parece que dei sorte desta vez.

— Pelo contrário. O senhor foi pego saindo pela janela quebrada do depósito de uma loja trancada, de posse de estimadamente seis mil dólares em mercadorias.

— Incrível como inflacionaram aquela porcaria! — Não era fácil manter o escárnio, depois de uma noite triste na cadeia, mas Nick era orgulhoso. — Ei, tem um cigarro aí?

— Não. Sr. LeBeck, gostaria de marcar sua audiência o mais rápido possível para podermos providenciar a fiança. A não ser, é claro, que prefira passar as noites preso.

O rapaz sacudiu os ombros magros e tentou demonstrar desinteresse.

— Acho que não, gracinha. Deixo isso em suas mãos.

— Ótimo. E meu nome é Stanislaski — disse, em tom suave. — Srta. Stanislaski. Lamento só ter recebido seu prontuário hoje de manhã a caminho do tribunal. Só dispus de alguns momentos para uma breve conversa com o promotor designado para seu caso. Devido à sua ficha e ao tipo de crime no qual se envolveu, o Estado decidiu julgá-lo como adulto. O senhor foi pego em flagrante, então não vai conseguir uma brecha.

— Ei, não estou atrás de brechas.

— As pessoas raramente as conseguem. — Cruzou as mãos sobre o arquivo. — Vamos direto ao assunto, Sr. LeBeck. O senhor foi pego em flagrante. A não ser que queira inventar algum conto mirabolante sobre ver uma janela quebrada e entrar para prender um ladrão...

Ele não conteve o sorriso.

— Nada mal.

— Não cola. O senhor é culpado e, levando-se em conta sua lista de antecedentes, deplorável por sinal, e nenhuma infração ter sido cometida pelo

policial que lhe deu voz de prisão, o senhor vai pagar. Quanto, só depende do senhor.

Ele continuou a se balançar na cadeira, mas um fio de suor escorreu-lhe pelas costas. Uma cela. Desta vez, iam prendê-lo numa cela — não por poucas horas, mas por meses, talvez anos.

— Ouvi dizer que as cadeias estão lotadas. Além disso, custam uma bela quantia aos contribuintes. Suponho ser possível fazer um acordo com o promotor público.

— Já mencionaram. — Não era apenas amargura, percebeu Rachel. Ou raiva. Via medo em seus olhos também. Ele era jovem, estava assustado e ela não sabia o quanto poderia ajudá-lo. — Mais ou menos quinze mil dólares em mercadorias roubadas da loja, bem mais do que tinha consigo. Você não estava sozinho naquela loja, LeBeck. Você sabe, eu sei, os policiais sabem. E o promotor público também. Você dá alguns nomes, uma pista de onde a mercadoria possa estar e tento arranjar um acordo para você.

A cadeira dele bateu com força contra o chão.

— Vá para o inferno! Nunca disse que tinha alguém comigo. Ninguém pode provar, assim como ninguém pode provar que eu tirei mais do que tinha comigo quando o policial me pegou.

Rachel inclinou-se. Foi um movimento sutil, mas o suficiente para captar o olhar de Nick.

— Sou sua advogada, LeBeck, e se tem uma coisa que você não vai fazer é mentir para mim. Caso contrário, deixo você na mão, assim como seus camaradas fizeram na noite passada. — Apesar da voz impassível, imperturbável, ele percebeu a raiva. Precisou se controlar para evitar se contorcer na cadeira. — Você não quer fazer um acordo? Problema seu. Então, com sorte, vai pegar de três a cinco anos de cadeia, em vez de seis meses trancado e dois anos de condicional. De um jeito ou de outro, vou fazer meu trabalho. Mas não fique aí sentado, não tente insultar minha inteligência dizendo ter armado tudo sozinho. Você é um jogador pé-de-chinelo, LeBeck.

— Ficou satisfeita ao ver a raiva voltar ao rosto dele. O medo havia começado a amolecer-lhe o coração. — Trapaças idiotas e dedos escorregadios. Estamos falando de jogadores de peso. O que me contar vai ficar entre nós, a não ser que eu decida o contrário. Mas ou joga limpo comigo ou me mando.

— Você não pode se mandar. Foi designada para o caso.

— E posso ser re-designada. Aí, você vai parar nas mãos de outra pessoa.

— Começou a guardar os papéis na pasta. — Azar o seu. Porque eu sou boa. Boa de verdade.

— Se é tão boa, por que está trabalhando na defensoria pública?

— Digamos que estou pagando uma dívida. — Fechou a pasta. — E então? Já decidiu?

A indecisão estampou-se no rosto por um breve momento e ele pareceu jovem e vulnerável. Balançou a cabeça.

— Não vou entregar meus amigos. Nada feito.

Ela deixou escapar um suspiro curto e impaciente.

— Você estava usando uma jaqueta *Cobra* quando foi preso. Tinham-na tirado quando o ficharam, assim como a carteira, o cinto e umas moedas do bolso.

— E daí?

— Eles vão procurar seus amigos, esses mesmos amigos que se escondem e deixam você se dar mal sozinho. O promotor pode acusá-lo de arrombamento e roubo de mais de vinte mil dólares.

— Não vou entregar os nomes — repetiu. — Não tem jogo.

— Sua lealdade é admirável e fora de propósito. Vou fazer o que estiver a meu alcance para reduzir as acusações e estabelecer a fiança. Acho que não vá sair por menos de cinquenta mil dólares. Você pode conseguir dez por cento desse valor?

Uma chance em um milhão, pensou, mas deu de ombros.

— Posso cobrar algumas dívidas.

— Então, está certo. Volto a falar com você. — Levantou-se e tirou um cartão do bolso. — Se precisar de mim antes da audiência ou se mudar de ideia sobre o acordo, telefone.

Bateu na porta para abrirem e saiu. Um braço a agarrou pela cintura. Protegeu-se por instinto e deixou escapar um suspiro ao ver o sorriso do irmão.

— Rachel... Faz um bocado de tempo.

— É, já deve ter um dia e meio.

— Nervosa? — O sorriso alargou ao chegarem à sala dos policiais, depois de terem atravessado o corredor. — Bom sinal. — O olhar dele passou por cima do ombro da irmã e se deteve em LeBeck. — Então, botaram esse aí na sua mão. Um osso duro de roer, minha querida.

Rachel deu uma cotovelada amigável nas costelas do irmão.

— Pare de rir da desgraça alheia e me ofereça uma xícara de café decente. — Recostando na beirada da mesa dele, passou as pontas dos dedos na pasta. A poucos passos, um homem baixinho e redondo segurava uma bandana na têmpora e gemia baixinho ao prestar depoimento a outro policial. Alguém falava num espanhol alto e rápido. Uma mulher com uma mancha roxa na bochecha chorava e embalava um bebê rechonchudo.

A sala dos policiais cheirava a tudo isso: desespero, raiva, tédio. Rachel sempre acreditara que, caso seus sentidos fossem bastante aguçados, seria possível sentir bem de leve o cheiro de justiça sob tudo isso. A mesma sensação pairava em seu escritório, a poucas quadras de distância.

Por um momento, imaginou a irmã, Natasha, tomando café-da-manhã com a família em sua linda cozinha na grande e adorável casa na Virgínia do Oeste. Ou abrindo sua loja de brinquedos. A imagem a fez esboçar um leve sorriso. O mesmo sorriso lhe veio aos lábios ao imaginar o irmão Mikhail esculpindo algo apaixonante ou fantástico na madeira do estúdio banhado pelo sol, talvez bebendo uma saborosa xícara de café com a linda mulher, antes de ela sair apressada para o escritório.

Quanto a ela, estava ali esperando por uma xícara do que, com certeza, seria um café horrível, numa delegacia do centro da cidade, em meio aos cheiros, visão e sons de infelicidade.

Alex estendeu-lhe o café e sentou-se na mesa ao lado.

— Obrigada. — Rachel provou, recuou e viu duas prostitutas saírem da sala de detenção. Um homem alto, olhos turvos, descabelado como se tivesse acabado de sair da cama, acercou-se e seguiu o policial uniformizado pela porta que levava às celas. Rachel soltou um suspiro.

— O que há de errado conosco, Alex?

Ele voltou a sorrir e passou o braço à volta de Rachel.

— O quê? Só porque gostamos de chafurdar na lama para ganhar a vida, por pouca grana e gratidão menor ainda? Nada. Nadinha.

Ela deu uma risada e turbinou o sistema com o óleo de motor disfarçado de café.

— Pelo menos, você acabou de conseguir uma promoção, detetive Stanislaski.

— Não posso fazer nada se sou bom. Você, em compensação, está despejando criminosos de volta às ruas a todo vapor, enquanto eu arrisco minha vida para mantê-las limpas.

Rachel bufou, olhando para ele de cara feia por cima da beirada da xícara de papel.

— A maioria das pessoas que represento não está fazendo nada além de tentar sobreviver.

— Claro, mas roubando, trapaceando e assaltando.

O ânimo dele começou a esquentar.

— Fui ao tribunal esta manhã representar um velho que pegou alguns aparelhos de barbear descartáveis. Um caso realmente desesperador. Acho que eles deviam tê-lo prendido e jogado fora a chave.

— Então, acha certo roubar, desde que não seja nada de muito valor?

— Ele precisava de ajuda, não de uma sentença de prisão.

— Como aquele safado que você tirou da cadeia o mês passado depois de ele ter aterrorizado duas velhinhas, destruir a loja delas e roubar a mísera quantia de seiscentos dólares do caixa?

Ela odiara aquele cara, de verdade. Mas a lei era clara e tinha sido feita por um motivo.

— Olha, vocês deram mole naquele caso. O policial que o prendeu não leu os direitos na língua-mãe dele, nem providenciou um tradutor. Meu cliente mal compreendia uma dúzia de palavras em inglês. — Sacudiu a cabeça antes que Alex pudesse se embrenhar num de seus mais apaixonados argumentos. — Não tenho tempo para discutir a lei com você. Preciso perguntar sobre Nicholas LeBeck.

— O que tem ele? Você recebeu o relatório.

— Mas foi você o policial que o prendeu.

— Fui eu. E daí? Estava a caminho de casa e, por acaso, vi uma janela quebrada e luz no lugar. Quando fui investigar, vi o criminoso sair pela janela carregando uma sacola cheia de aparelhos eletrônicos. Li os direitos e o trouxe pra cá.

— E os outros?

Alex deu de ombros e terminou os últimos goles do café de Rachel.

— Ninguém por perto, exceto LeBeck.

— Vamos lá, Alex, meu cliente não tinha na sacola nem metade do que foi roubado da loja.

— Calculo ter tido ajuda, mas não vi mais ninguém. E seu cliente exerceu o direito de permanecer calado. Ele tem uma polpuda lista de antecedentes.

— Coisas de garoto.

Alex ridicularizou-a.

— Dá pra dizer que ele não passou a infância no grupo de escoteiros.

— Ele é um *Cobra*.

— Ele usava a jaqueta — concordou Alex. — E tinha a mesma atitude.

— Ele é um garoto assustado.

Com um som de desprezo, Alex atirou a xícara vazia na lata de lixo.

— Ele não é criança, Rach.

— Não me importa quantos anos tem, Alex. Nesse exato momento, ele é uma criança assustada sentada numa cela, tentando fingir ser um cara durão. Podia ter sido você ou Mikhail, até mesmo Tash ou eu mesma, se não fosse por mamãe e papai.

— Que droga, Rachel!

— Podia, sim — insistiu. — Sem a família, sem todo o árduo trabalho e os sacrifícios, qualquer um de nós podia ter sido tragado pelas ruas. Você sabe.

Ele sabia. Por que ela achava que ele se tornara policial?

— A verdade é que não nos tornamos. É simplesmente uma questão básica: saber a diferença entre o certo e o errado.

— Às vezes, as pessoas fazem escolhas erradas por não terem ninguém por perto para ajudá-las a fazer as certas.

Podiam passar horas discutindo as várias nuances da justiça, mas ele precisava trabalhar.

— Você tem o coração muito mole, Rachel. Só tome cuidado para não acabar ficando com o miolo mole também. Os *Cobras* são uma das gangues da pesada. Não comece a achar que seu cliente é candidato ao prêmio de menino exemplar da cidade.

Rachel ergueu-se, satisfeita por seu irmão ainda estar recostado na mesa. Isso significava que ficariam da mesma altura.

— Ele estava carregando alguma arma?

Alex suspirou.

— Não.

— Resistiu à prisão?

— Não. Mas isso não muda o que estava fazendo ou o que ele é.

— Talvez não mude o que estava fazendo, mas pode muito bem dizer algo sobre o que ele é. Audiência preliminar às 14 h.

— Já sei.

Rachel sorriu de novo e o beijou.

— Vejo você lá.

— Ei, Rachel. — Ela se virou no patamar da porta e o fitou. — Que tal um cineminha hoje à noite?

— Claro. — Tinha conseguido chegar do lado de fora em dois passos quando ouviu seu nome novamente, mais formal desta vez.

— Srta. Stanislaski!

Parou, afastando o cabelo com uma das mãos, enquanto olhava por cima do ombro. Era o homem de olhos fatigados e barba por fazer que notara antes. Difícil não perceber, refletiu quando ele se apressou em sua direção. Tinha aproximadamente 1,82 m e o blusão folgado ostentava ombros largos. Uma calça jeans desbotada e desfiada na barra vestia as pernas longas e os quadris estreitos.

Seria difícil também não notar a raiva. Irradiava e refletia-se nos rígidos olhos fundos azuis encaixados no rosto duro, encovado.

— Rachel Stanislaski?

— Sim.

Segurou-lhe a mão e, ao apertá-la, forçou-a a descer dois degraus. Ele podia parecer magro e miserável, pensou Rachel, mas o aperto de mão era de um urso.

— Sou Zackary Muldoon — disse, como se isso explicasse tudo.

Rachel apenas levantou a sobrancelha. Ele, certamente, parecia pronto a cuspir fogo e, depois daquela breve exibição de força, ela achou melhor não enfrentá-lo. Mas não se sentia facilmente intimidada, especialmente parada numa área repleta de policiais.

— Posso ajudá-lo, Sr. Muldoon?

— Espero que sim. — O homem passou a mão grande nos cabelos desalinhados, tão escuros quanto os seus. Praguejou e segurou-lhe o cotovelo para ajudá-la a descer o resto das escadas.

— O que será preciso para tirá-lo daí? E por que diabos ele chamou você e não a mim? E por que, em nome de Deus, você o deixou passar a noite inteira na cela? Que tipo de advogada você é?

Rachel desvencilhou-se das mãos dele — tarefa nada fácil — e se preparou para usar a pasta como arma se necessário. Ouvira falar sobre os irlandeses e seus acessos temperamentais. Mas os ucranianos também não deixavam por menos.

— Sr. Muldoon, não sei quem é o senhor ou sobre o que está falando. Aliás, estou muito ocupada. — Conseguiu dar dois passos antes de ele segurá-la e virá-la em sua direção. Os olhos castanho-dourados de Rachel o fulminaram. — Olhe aqui, Exterminador...

— Não me interessa o quão ocupada está. Quero algumas respostas. Se não tem tempo para ajudar Nick, vou procurar outro advogado. Só Deus sabe por que ele escolheu uma mulherzinha bonita usando tailleur de grife.

Os olhos azuis lançavam faíscas; a boca de poeta irlandês demonstrava desprezo. A raiva a ruborizou. Enfiou um dedo duro e bem significativo no peito dele.

— Mulherzinha? Veja bem quem chama de mulherzinha, cara ou...

— Ou vai chamar seu namorado para me prender? — sugeriu Zack. Sim, este era, definitivamente, um rosto bonito, pensou enojado. Pele macia de cor dourada e olhos da cor de um bom uísque irlandês. O que Nick precisava era de um lutador de rua e contratara uma mulher da sociedade. — Não sei que tipo de defesa Nick espera de uma mulher que passa o tempo beijando policiais e marcando encontros quando deveria estar trabalhando.

— Não é da sua conta o que eu... — Respirou fundo.

— Nick? Você está falando de Nicholas LeBeck?

— Claro que estou falando de Nicholas LeBeck. De quem mais estaria falando? — As sobrancelhas pretas uniram-se acima dos olhos furiosos. — É melhor você me dar umas respostas, mocinha, ou vai levar um chute no traseiro e pular fora do caso.

— Ei, Rachel! — Um policial disfarçado de bebum veio por trás dela. Viu Zack. — Algum problema?

— Não. — Embora os olhos faiscassem, ofereceu-lhe um meio sorriso. — Não. Estou bem, Matt. Obrigada. — Ela inclinou-se e abaixou a voz. — Eu não lhe devo satisfações, Muldoon. E me insultar é uma péssima forma de ganhar minha cooperação.

— Você é paga para cooperar — disse. — Quanto está levando do garoto?

— Desculpe?

— Quanto cobra, docinho?

Rachel trincou os dentes. Entendia que docinho estava apenas uma escala acima de mulherzinha.

— Sou defensora pública, Muldoon, designada para o caso LeBeck. O que significa que ele não me deve droga nenhuma. Assim como eu não devo nada a você.

— Defensora pública? — Ele saiu da calçada e a conduziu para dentro do prédio. — Por que diabos Nick precisa de uma defensora pública?

— Porque está duro e desempregado. Agora, se me der licença... — Colocou a mão no peito dele e o empurrou. Teria sido mais fácil tentar empurrar o prédio de tijolos às suas costas.

— Ele perdeu o emprego? Mas... — As palavras sumiram. Desta vez, Rachel vislumbrou algo bem distinto de raiva nos olhos dele. Preocupação. Uma sombra de desespero. Resignação. — Ele podia ter me procurado.

— E quem diabos é você?

Zack esfregou a mão no rosto.

— Sou irmão dele.

Rachel contraiu os lábios, levantou a sobrancelha. Sabia como as gangues funcionavam e, embora Zack parecesse durão o suficiente para fazer parte dos *Cobras*, também parecia velho demais para ser um membro de carteirinha.

— Os *Cobras* não têm limite de idade?

— O quê? — Ele deixou a mão cair e voltou a encará-la com um palavrão.
— E eu tenho cara de quem pertence a uma gangue de rua?

Com a cabeça inclinada, Rachel correu os olhos dos tênis velhos de cano alto até os cabelos escuros desgrenhados. Ele tinha a aparência de um daqueles tipos de rua, com certeza a de um homem capaz de intimidar os passantes nos becos e derrubar rivais com aquelas mãos enormes. O rosto duro e encovado e os olhos ardentes a fizeram pensar que ele adoraria partir crânios, especialmente o seu.

— Na verdade, você poderia se passar por um. E seus modos certamente refletem o código. Rude, indelicado e grosseiro.

Ele não dava a mínima para o que ela pensava de sua aparência ou de suas maneiras, mas era hora de colocarem as coisas às claras.

— Sou irmão de Nick. Meio-irmão, se quiser ser mais específico. A mãe dele casou-se com meu pai. Sacou?

Os olhos de Rachel permaneceram desconfiados, apesar de demonstrarem certo interesse.

— Ele disse não ter parentes.

Por um instante, ela julgou ver mágoa naquelas profundezas azuis de aço. Depois, desapareceu. Ele voltou a endurecer.

— Ele tem a mim, goste ou não. E posso pagar um advogado de verdade. Então, por que você não me diz o que aconteceu e eu cuido do resto?

Desta vez, não apenas trincou os dentes, mas praticamente os rangeu.

— Por acaso, eu sou uma advogada de verdade, Mulddon. E se LeBeck quiser outra, ele mesmo pode pedir.

Zack lutou para recobrar a paciência que sempre parecia escapar-lhe.

— Discutimos isso depois. Por enquanto, quero saber que diabos está acontecendo.

— Ótimo! — Ela pronunciou a palavra olhando o relógio. — Você dispõe de 15 minutos do meu tempo, desde que me acompanhe enquanto como. Preciso estar de volta ao tribunal em uma hora.

CAPÍTULO DOIS

Levando em conta a maneira como ela se vestia — sexy e elegante num *tailleur* de três peças, Zach imaginou um restaurante chique onde fossem servidos complicados pratos de massa e vinho branco. Em vez disso, desceu a rua, as longas pernas cortando a calçada para que ele não precisasse diminuir o passo.

Parou numa carrocinha e pediu um cachorro-quente — completo — e um refrigerante e depois afastou-se para dar a Zack espaço para ele escolher o que comeria. A ideia de comer algo que parecia um cachorro-quente no que considerava o lixo dos lixos fez seu estômago revirar. Ele pediu um refrigerante — daqueles entupidos de açúcar e cafeína — e um cigarro.

Rachel deu a primeira mordida e lambeu a mostarda do polegar. Pairando acima do cheiro de cebolas e condimentos, Zack sentiu um traço de seu perfume. Era como atravessar uma floresta, pensou, franzindo a testa. Todos aqueles cheiros de suor e de podridão, para, de repente, como por encanto, se deparar com um vinho exótico e sedutor cercado por flores vivas.

— Ele foi acusado de arrombamento — disse Rachel, com a boca cheia. — Não tem muita chance de se livrar. Foi pego pulando da janela de posse de milhares de dólares em mercadorias roubadas.

— Imbecil! — Zack engoliu metade do refrigerante em um só gole. — Ele não precisava roubar.

— Isso não vem ao caso. Ele foi pego, indiciado e não nega o ato. O promotor está disposto a fazer um acordo, suspender a pena e condená-lo a prestação de serviço comunitário, se Nick cooperar.

Zack expeliu a fumaça.

— Então, ele vai colaborar.

A sobrancelha de Rachel levantou e voltou ao lugar. Não tinha dúvidas de que Zackary Muldoon acreditava poder empurrar, forçar ou socar qualquer

um, até forçá-lo a fazer algo.

— Sinceramente, duvido. Ele está com medo, mas é teimoso. E é leal aos *Cobras*.

Zack disse algo grosseiro sobre os *Cobras*. Rachel foi forçada a concordar.

— Bem, pode ser, mas não altera o ponto principal. A ficha de antecedentes de Nick é bem extensa e não vai ser fácil desconsiderá-la. Basicamente, brigas e outras tolices. O fato de esse ser seu primeiro caso sério pode ajudar a reduzir sua sentença. Acho que posso conseguir uma pena de três anos para ele. Caso se comporte bem, sai em um ano.

Os dedos de Zack afundaram na lata de alumínio, amassando-a. O medo instalava-se em seu estômago.

— Não quero que ele vá para a prisão.

— Muldoon, sou advogada, não mágica.

— A polícia devolveu os negócios que ele pegou, não devolveu?

— Mas isso não neutraliza o crime. Ele as devolveu, só isso. Claro que ainda há vários milhares de dólares faltando.

— Eu dou um jeito. — Zack atirou a lata na lixeira, que bateu na borda, balançou e caiu dentro. — Ouça, vou restituir tudo o que foi roubado. Nick só tem 19 anos. Se você conseguir que o promotor o trate como menor, poderia ser mais fácil.

— O Estado é severo com membros de gangues e, com a ficha dele, eu duvido que consiga.

— Se não pode, encontrarei alguém que possa. — Zack ergueu a mão antes que ela pudesse replicar. — Sei que peguei pesado com você. Desculpe. Trabalho à noite e, de manhã, estou um caco. — Mesmo esse singelo pedido de desculpas o incomodava, mas precisava dela. — Há uma hora, recebi um telefonema de um dos amigos de Nick informando que ele passara a noite na cadeia. Quando cheguei aqui e o vi, ouvi a mesma ladainha. "*Não preciso de você. Não preciso de ninguém. Eu cuido de tudo.*" — Jogou o cigarro no chão, pisou-o e acendeu outro. — E sei que ele está morrendo de medo. — Dando

algo semelhante a um suspiro, enfiou as mãos nos bolsos. — Ele não tem mais ninguém, Srta. Stanislaski. Não importa quanto custe, não vou deixar que ele vá para a cadeia.

Nunca era fácil para ela endurecer o coração, mas tentou. Limpou as mãos com cuidado no guardanapo de papel.

— Você tem dinheiro suficiente para cobrir as perdas? Quinze mil dólares?

Ele hesitou, mas acenou afirmativamente.

— Posso conseguir.

— Vai ajudar. Quanta influência exerce sobre Nick?

— Perto de zero. — Sorriu e Rachel se surpreendeu ao notar o considerável charme do sorriso. — Mas isso pode mudar. Tenho um negócio estabelecido e um apartamento de dois quartos. Posso conseguir referências profissionais e de bom-comportamento, o que precisar. Minha ficha é limpa. Bem, passei trinta dias em cana quando servi na Marinha. Uma briga de bar. — Deu de ombros. — Acho que não vão me acusar por isso, já que faz 12 anos.

Rachel estudava as possibilidades.

— Se estou entendendo direito, você quer que eu tente fazer o tribunal conceder-lhe a guarda de Nick.

— E a prestação de serviços comunitários e a suspensão da pena. Um adulto responsável para cuidar dele. Todos os prejuízos pagos.

— Você pode não estar lhe prestando um favor, Muldoon.

— Ele é meu irmão.

Isso ela entendia perfeitamente. Rachel ergueu os olhos para o céu quando o primeiro pingo de chuva caiu.

— Preciso voltar ao escritório. Se tiver tempo, pode caminhar comigo. Vou dar uns telefonemas, ver o que posso fazer.

Um bar, pensou com um suspiro, enquanto tentava articular uma proposta racional para a audiência naquela tarde. Por que o homem precisava ser dono de um bar? Supôs que combinava com ele — aqueles ombros largos, aquelas mãos enormes, o nariz torto, sem dúvida quebrado. E, é claro, a aparência irlandesa, dura e sombria, de perfeito acordo com seu temperamento.

Seria tão melhor se pudesse dizer ao juiz que Zackary era proprietário de uma bonita loja de roupas masculinas no centro! Em vez disso, ia pedir ao juiz que delegasse a responsabilidade e a guarda de um garoto de 19 anos — com uma ficha criminal e comportamento agressivo — ao meio-irmão de 35 anos, dono de um bar no *East Side* chamado *Lower the Boom*¹.

Havia uma chance, minúscula. O promotor continuava a pressionar para obter os nomes, mas o dono da loja ficaria imensamente aliviado com a promessa de pagamento. Sem dúvida, inflaria o preço da mercadoria, mas isso era problema de Muldoon, não seu.

Rachel não tinha muito tempo para persuadir o promotor a não considerar Nick como adulto. De posse de todas as informações possíveis obtidas de Zack, preparou-se para enfrentar o advogado oponente e sentou-se numa das pequenas salas de reunião do tribunal.

— Por favor, Haridan, vamos resolver esta confusão e poupar tempo da corte e dinheiro dos contribuintes. Colocar o garoto na cadeia não é a solução.

Haridan, ficando careca no topo da cabeça e barrigudo, relaxou o peso na cadeira.

— É minha solução, Stanislaski. Ele é um delinquente, membro de uma gangue e com histórico de comportamento antissocial.

— Aplicou uns golpes em turistas e se meteu em brigas.

— Agressões.

— As queixas foram retiradas. Vamos lá, nós dois sabemos serem fatos de pouca importância. Ele tem pouca importância. Temos nas mãos um menino assustado e problemático procurando seu lugar numa gangue. Sem dúvida, o queremos fora da gangue. Mas cadeia não é o caminho. — Ela fez menção de

erguer a mão antes que Haridan pudesse interromper. — O meio-irmão dele está disposto a ajudar, não apenas pagando pelos bens que você não tem como provar terem sido roubados por meu cliente, mas assumindo a responsabilidade. Oferece a LeBeck emprego, casa, supervisão. Tudo o que precisa fazer é concordar em tratar LeBeck como menor.

— Quero os nomes.

— Ele não vai dar. — Já discutira o assunto com Nick e o amedrontara por quase uma hora para tentar obter ao menos um, sem sucesso. — Você pode botar ele em cana por dez anos e, mesmo assim, não vai conseguir um só nome. Então, qual o sentido? Ele não é um criminoso, ainda. Não vamos transformá-lo em um.

Discutiram o assunto à exaustão e Haridan amoleceu. Não por ter um coração bondoso, mas por estar tão atolado de trabalho quanto Rachel. Não tinha nem tempo nem energia para perseguir um delinquente e tentar enquadrá-lo no sistema.

— Não estou mudando a acusação de assalto para arrombamento. — Nesse ponto, ia se manter firme, mas concederia uma migalha a Rachel. — Mesmo se concordarmos em tratá-lo como menor, o juiz não vai deixá-lo escapar com uma condicional.

Rachel pegou a pasta.

— Deixe o juiz por minha conta. Quem vai presidir o júri?

Haridan sorriu.

— Beckett.

Marlene C. Beckett era excêntrica. Como um mágico, tirava sentenças disparatadas da toga de juíza como se fossem coelhinhos brancos. Na casa dos 40, incrivelmente atraente, com uma única mecha de cabelos brancos em meio aos cabelos vermelho-fogo.

Pessoalmente, Rachel gostava um bocado dela. A juíza Beckett era uma ferrenha feminista e uma antiga hippie capaz de provar que uma mulher descasada e voltada para a carreira podia ser bem-sucedida e inteligente sem ser agressiva ou mal-humorada. A juíza Beckett podia fazer parte do mundo masculino, mas era bem feminina. Rachel a respeitava, admirava e sonhava em seguir seus passos um dia.

Só queria que outro juiz tivesse sido designado para julgar o caso.

Enquanto Beckett ouvia sua incomum defesa, Rachel sentiu o estômago revirar. Beckett mantinha os lábios contraídos. Mau sinal. Uma unha bem feita batia ao lado do martelo. Rachel observou a juíza examinar o réu e Zack, sentado na fileira da frente atrás do irmão.

— Sra. advogada, está dizendo que o réu vai restituir o valor referente a todos os bens roubados e que, embora o Estado concorde em tratá-lo como menor, não quer que ele vá a julgamento?

— Estou propondo que, dadas as circunstâncias, o julgamento seja adiado, Meritíssima. Tanto a mãe quanto o pai do réu faleceram. A mãe morreu há cinco anos, quando o réu tinha 14 anos e o pai, no ano passado. O Sr. Muldoon está disposto e tem condições de assumir a responsabilidade pelo meio-irmão. Se a Corte estiver de acordo, a defesa sugere que, tão logo o pagamento seja efetuado, um lar estável seja providenciado. O julgamento seria uma forma improdutiva de punir meu cliente por um erro do qual ele já se arrepende profundamente.

Com o que poderia ser um pigarro, Beckett lançou um olhar para Nick.

— Você se arrepende profundamente da tentativa de arrombamento, rapaz?

Nick ergueu o ombro de modo grosseiro. Um forte tapa na parte de trás de sua cabeça dada pelo irmão o fez reagir.

— Com certeza, eu... — Olhou para Rachel. O aviso em seus olhos funcionou melhor do que o tapa. — ... fui idiota.

— Sem dúvida — concordou a juíza Beckett. — Sr. Haridan, qual sua posição a respeito?

— O departamento de promotoria não quer retirar a queixa, Meritíssima, embora concorde em julgar o réu como menor. Um acordo de redução ou suspensão da pena é proposto caso o réu forneça os nomes dos cúmplices dele.

— Você quer que ele dedure os que, erroneamente, estou segura, considerava amigos? — Beckett levantou a sobrancelha para Nick. — Nada feito?

— Não, senhora.

A juíza emitiu um som que Rachel não conseguiu interpretar e depois apontou para Zack.

— Levante-se. Sr. Muldoon, não é isso?

Pouco à vontade, Zack obedeceu.

— Senhora? Meritíssima?

— Onde o senhor estava quando seu irmão mais moço se metia com os *Cobras*?

— No mar. Servi à Marinha até dois anos atrás, quando voltei para assumir o negócio de meu pai.

— Em que posto?

— Segundo-sargento, senhora.

— Hum... — Ela o examinou como juíza e como mulher. — Estive em seu bar. Já faz alguns anos... Vocês costumavam servir um *manhattan* excelente.

Zack sorriu.

— Ainda servimos.

— O senhor acredita, Sr. Muldoon, poder manter seu irmão afastado de confusão e torná-lo um cidadão responsável?

— Eu... Eu não sei, mas gostaria de uma chance para tentar.

Beckett tamborilou os dedos e se recostou.

— Sente-se, Srta. Stanislaski. A corte é de opinião que um julgamento seria indicado neste caso...

— Meritíssima...

Beck interrompeu Rachel com um simples gesto.

— Ainda não terminei. Vou estabelecer a fiança em cinco mil dólares.

A importância gerou uma objeção do promotor, com a qual a juíza lidou exatamente do mesmo jeito.

— Vou também conceder ao réu o que chamamos de liberdade provisória. Dois meses — disse, cruzando as mãos. — A data de julgamento fica marcada para daqui a dois meses, a contar de hoje. Se durante esse período o réu se mostrar responsável, estiver empregado, refrear a tendência a se associar a membros conhecidos dos *Cobras* e não tiver cometido nenhum crime, esta Corte será condescendente e estenderá essa liberdade provisória, provavelmente suspendendo a sentença.

— Meritíssima — interveio Haridan —, como pode ter certeza de que o réu não vai se apresentar em dois meses e alegar ter obedecido às disposições?

— Porque será supervisionado por um oficial da Corte que servirá como cotutor, junto ao Sr. Muldoon, pelo período de dois meses. E vou receber um relatório por escrito sobre o Sr. LeBeck deste oficial. — Os lábios de Beckett curvaram-se. — Acho que vou gostar disso. Reabilitação, Sr. Haridan, não necessariamente precisa ser obtida na cadeia.

Rachel se conteve para não dar um sorrisinho debochado para Haridan.

— Obrigada, Meritíssima.

— De nada, advogada. Quero seu relatório entregue toda sexta às três da tarde.

— Meu... — Rachel piscou, empalideceu e depois engoliu em seco. — Meu relatório? Mas, Meritíssima, a senhora não pretende que eu supervisione o Sr. LeBeck!

— E exatamente o que pretendo, Srta. Stanislaski. Acredito que uma figura de autoridade masculina e outra feminina ajudarão o Sr. LeBeck.

— Sim, Meritíssima, concordo. Mas não sou assistente social.

— Mas é uma funcionária pública. Então, cumpra seu papel. — Bateu o martelo. — Próximo caso.

Atônita e emudecida pelo veredicto absolutamente heterodoxo, Rachel saiu da sala do júri.

— Parabéns, campeã — sussurrou-lhe o irmão ao ouvido —, agora você se enrolou de vez.

— Como ela pôde fazer isso? Repito: como pôde simplesmente fazer isso?

— Todo mundo sabe que ela é meio louca. — Furioso, tirou Rachel do hall, agarrando-a pelo cotovelo. — Não tem a menor chance de eu deixar você bancar a babá daquele delinquente. Beckett não pode forçá-la.

— Não, claro que não. — Depois de passar a mão nos cabelos, desvencilhou-se de Alex. — Pare de me empurrar e deixe-me pensar.

— Não há nada em que pensar. Você tem a própria família e a própria vida. Tomar conta de LeBeck está fora de cogitação. E, pelo que sei, aquele irmão dele é tão perigoso quanto ele. Já é horrível ter de ver você defender esses canalhas. Não há a menor chance de vê-la bancando a irmã mais velha de um deles.

Se ele tivesse se solidarizado com a situação difícil em que se encontrava, talvez não agisse tão grosseiramente. Se tivesse lhe dito que recebera uma tarefa difícil, provavelmente concordaria e engrenaria a marcha para negar. Entretanto...

— Você não precisa me ver fazer nada, Alexi, e posso bancar a irmã mais velha de quem eu escolher. Por que não pega esse distintivo e vai prender algum vagabundo inofensivo?

O sangue dele subiu tão rápido quanto o dela.

— Você não vai fazer isso.

— Eu decido o que fazer. Agora, dê o fora.

Ele segurou-lhe o queixo com firmeza e ela empurrou-lhe a mão.

— Sou bastante esperta para...

— A mocinha mandou você dar o fora. — A voz de Zack sibilava como uma cobra antes de atacar. Alex girou a cabeça, com um olhar furioso e pronto para a briga. Precisou de todo seu autocontrole para não dar o primeiro soco.

— Não se meta em nossos negócios.

Zack firmou-se nos pés e se preparou.

— Discordo.

Pareciam dois cachorros raivosos prontos a atacar a garganta um do outro. Rachel se colocou entre eles.

— Parem com isso agora! Isso não é modo de se comportar no prédio do tribunal. Muldoon, é assim que vai ensinar Nick a ter responsabilidade? Provocando brigas?

Ele nem lhe dirigiu o olhar; manteve-o em Alex.

— Não gosto de ver mulheres sendo maltratadas.

— Posso cuidar de mim. — Voltou-se para o irmão. — Você, supostamente, é um policial, pelo amor de Deus! E está agindo como um garoto de escola brigão. Raciocine. A Corte acredita ser uma solução viável, então sou obrigada a tentar.

— Mas que droga, Rachel... — Os olhos de Alex ficaram calmos e frios quando Zack deu um passo à frente.

— Cara, se você se meter comigo ou com minha irmã, vai precisar descansar os dentes num copo na mesa-de-cabeceira.

— Irmã? — Surpreso, Zack examinou um rosto e depois o outro. Sim, bastava examiná-los por um minuto para constatar a forte semelhança. Ambos receberam como herança do sangue a mesma beleza selvagem. A raiva esfriou no mesmo instante. Isso mudava as coisas. Deu a Rachel outro olhar especulativo. Mudava muitas coisas.

— Desculpe. Não percebi se tratar de uma discussão familiar. Vá em frente e grite com ela o quanto quiser.

Alex precisou se policiar para conter o sorriso.

— Está bem, Rachel, você vai me escutar.

Ela suspirou. Depois, segurou-lhe o rosto entre as mãos e o beijou.

— E desde quando eu já escutei você? Desapareça, Alex. Vá procurar alguns bandidos. E vamos ter de remarcar nossa ida ao cinema.

Não havia discussão com ela. Nunca houvera. Mudando de tática, Alex encarou Zack.

— Fique de olho nela, Muldoon. Porque, enquanto estiver de olho nela, eu vou estar de olho em você.

— Parece justo. Venha ao bar quando quiser, oficial. O primeiro drinque é por conta da casa.

Resmungando, Alex foi embora, só se voltando uma vez, quando Rachel gritou algo para ele em ucraniano. Com um sorriso relutante, sacudiu a cabeça e continuou andando.

— Tradução? — perguntou Zack.

— Apenas que eu o veria no domingo. Você pagou a fiança?

— Sim, vão soltá-lo num minuto. — Zack ficou pensativo um momento, reavaliando a situação, agora que se dava conta de tê-la visto beijando o irmão naquela manhã, não o namorado. — Calculo que seu irmão não esteja muito animado em ver você envolvida comigo e com Nick.

Ela lhe deu um olhar demorado e indiferente.

— E quem está, Muldoon? Mas já que é a decisão da corte, vamos ao trabalho.

— Ao trabalho?

— Vamos pegar nosso réu e você vai levá-lo para seu apartamento.

Depois de ter passado quase uma década dividindo alojamentos com uns duzentos marinheiros, Zack pensou com tristeza no fim de sua privacidade.

— Certo. — Pegou Rachel pelo braço, um gesto que ela tentou não levar a mal. — Suponho que não tenha nenhuma corda em sua pasta.

Não foi necessário amarrar Nick para ele cooperar. Por pouco. Ele estava de mau humor. Discutia, xingava. Depois de terem saído do tribunal para chamar um táxi, Zack já se enfurecera e Nick transferira o ressentimento para Rachel.

— Se este é o melhor acordo que consegue, melhor voltar para a faculdade. Eu tenho direitos e o primeiro é demitir você.

— Seu privilégio, LeBeck — disse Rachel, distraidamente olhando o relógio. — Você tem toda a liberdade para procurar outro advogado, mas não pode me demitir como sua tutora, apontada pela Corte. Estamos ligados um ao outro pelos próximos dois meses.

— Bobagem. Se você e aquela juíza maluca acham que podem inventar...

Zack fez um movimento brusco, mas Rachel simplesmente afastou-o do caminho e seguiu andando ao lado de Nick.

— Ouça aqui, seu garoto idiota, mal-humorado, mimado, ranzinza e agressivo! Você tem duas opções: fingir ser um ser humano pelas próximas oito semanas ou passar três anos na prisão. Estou me lixando para sua escolha, mas vou lhe dizer uma coisa. Você acha que é durão? Acha que tem respostas para tudo? Você passa uma semana na cadeia e, com essa carinha bonita, vão pular em cima de você como cachorros num prato de carne fresca. Você vai querer fazer um acordo rapidinho, cara. Acredite em mim, você vai implorar por um acordo!

Isto o calou e Rachel teve a grata satisfação de ver o rosto vermelho de raiva ficar de uma palidez doentia. Gesticulou quando o táxi parou no meio-fio.

— Sua opção, durão — disse e virou-se para Zack. — Preciso trabalhar. Devo estar liberada por volta das 19 h. Aí, dou uma passada para ver como vão as coisas.

— Vou manter o jantar aquecido — disse, com um sorriso e segurou-lhe a mão antes que ela pudesse se afastar. — Obrigado. Sério. — Ela a teria empurrado. A mão era dura como pedra, calos sobre calos. Ele sorriu. — Você

é legal, advogada. Para uma mulherzinha. — Entrou no táxi atrás do irmão e deu um tchauzinho ao se afastarem. — Ela tem razão em chamar você de idiota, Nick — falou Zack, sem cerimônia. — Mas pode apostar que você conseguiu uma advogada com umas pernas de primeira.

Nick nada disse, mas deu uma espiada pela janela traseira. Ele também havia notado as pernas de Rachel.

Ao chegarem ao apartamento de Nick dez minutos depois, Zack precisou sufocar outro ataque de nervos. Não ajudaria em nada gritar com o garoto a cada cinco minutos. Mas por que diabos ele escolhera uma vizinhança daquelas?

Tipos mal-encarados perambulavam pelas esquinas. Traficantes negociavam em plena luz do dia. Prostitutas já rebolavam e se insinuavam para as presas. No ar, o odor nauseabundo de latas de lixo viradas e seres humanos sujos. Os pés esmagaram cacos de vidro ao atravessarem a calçada e entrarem num prédio de tijolinhos coberto de grafite e manchas.

Ali dentro, o fedor era ainda pior, pois nem mesmo a intermitente brisa de setembro podia penetrar no espaço fechado. Zack manteve o silêncio ao subirem os três lances de escada, ignorando as discussões aos berros por trás das portas fechadas e as colisões e choros ocasionais.

Nick destrancou a porta e entrou num conjugado mobiliado com uma cama de ferro caindo aos pedaços, uma cômoda quebrada e uma cadeira de madeira despencada, presa por um catálogo de telefones rasgado. Havia alguns pôsteres de *heavy metal* colados nas paredes manchadas, uma inútil tentativa de dar ao aposento alguma personalidade. Incapaz de conter a raiva que crescia dentro dele, Zack deixou escapar uma série de palavrões de fazer estremecer o ar.

— E que diabos você vem fazendo com o dinheiro que mandei para casa todo mês enquanto estava embarcado? E com o salário que supostamente você ganhava no emprego de entregador? Você está vivendo no meio do lixo, Nick. E o que é pior, você escolheu viver no lixo.

Nem por um segundo, Nick admitiria que a maior parte do dinheiro tinha ido para o cofre dos Cobras. Nem admitiria a vergonha experimentada por Zack ver onde ele morava.

— Não é da sua conta — respondeu. — Este é meu canto, assim como esta é a minha vida. Você nunca estava por perto, estava? O fato de ter se cansado de cruzar os mares num estúpido contratorpedeiro não lhe dá o direito de voltar e assumir o controle.

— Voltei há dois anos — argumentou Zack, exausto. — E passei um ano cuidando do meu pai doente. Você não se deu ao trabalho de visitá-lo muitas vezes, não é?

Nick sentiu vergonha e uma profunda e desesperada mágoa que, tinha certeza, Zack jamais compreenderia.

— Ele não era meu pai.

Zack ergueu a cabeça. Nick fechou os punhos. Uma raiva violenta invadiu e dominou o aposento. O menor movimento a faria explodir. Lentamente, com esforço, Zack obrigou o corpo a relaxar.

— Não vou perder meu tempo dizendo que ele fez o melhor que podia.

— E como você sabe? — retrucou Nick. — Você não estava aqui. Você escolheu seu caminho, irmão. Eu, o meu.

— Esse papo não nos levará a lugar algum. Pegue o que quiser e vamos embora.

— Este é meu canto... — Zack moveu-se tão rápido que as palavras iradas ficaram presas na garganta de Nick, jogado contra a parede, enquanto as mãos grandes de Zack o mantinham imóvel e o corpo magro estremecia de raiva. O rosto de Zack estava tão perto que tudo o que Nick podia ver eram aqueles olhos sombrios e perigosos.

— Pelos próximos dois meses, goste ou não, seu lugar é comigo. Agora, pare de papo furado e pegue algumas roupas. Seu tempo de liberdade acabou. — Nick soltou, sabendo que ele tinha força e habilidade suficientes para partir

o desafiante irmãozinho ao meio. — Você tem dez minutos, garoto. Hoje à noite, vai trabalhar.

Às 19 h, Rachel se entregava à fantasia de um banho quente de espuma, uma taça de vinho branco gelado e uma hora com um bom livro. Sonhar a ajudava a esquecer o desconforto do metrô lotado. Apoiou os pés e manteve o olhar focado a distância. Já avaliara uns caras mal-encarados espalhados no vagão e decidira ignorá-los. Um bêbado roncava no assento posterior, o rosto escondido atrás do jornal.

No ponto de destino, forçou a passagem para saltar do vagão e começou a subir as escadas pronta a enfrentar a noite chuvosa e de ventania. Protegida pela jaqueta, lutou com o guarda-chuva e atravessou duas quadras até chegar ao *Lower the Boom*.

A porta de vidro bisotado era pesada. Ao abri-la, saiu do frio e foi ao encontro do calor, dos sons e aromas de um bar bem montado. Não era o buraco que esperava, mas uma larga sala forrada de madeira com um balcão em mogno encerado adornado com metal. Os bancos, de couro vinho, estavam todos ocupados. Mesinhas elegantes espalhavam-se em torno da sala para acomodar mais fregueses. Reinava o cheiro de uísque e de cerveja, de fumaça de cigarro e cebolas grelhadas. Uma *jukebox* tocava blues, abafado pelo burburinho de conversa.

Viu duas garçonetes deslocando-se entre os clientes. Nada de meias arrastão e decotes acentuados, percebeu. Ambas estavam vestidas com calças brancas e blusas de marinheiro estilizadas. Ouviu um bocado de risadas e trechos de uma discussão questionando a chance de os Mets ganharem o campeonato.

Zack, no centro do balcão circular, servia uma cerveja a um cliente. Tinha trocado o blusão por um pulôver de tramas, de gola role azul-marinho. Ah,

sim, podia imaginá-lo no deque de um navio, notou Rachel. Cercado pelas ondas do mar, o rosto ao vento. O bar temático, com os sinos e âncoras de navio, combinava com ele.

Ela o imaginou de farda, achou-o super atraente e afastou a imagem.

Não era do tipo sonhador, lembrou-se. E, certamente, não era romântica. Acima de tudo, não era o tipo de mulher que entrava num bar e se sentia atraída por algum marinheiro desembarcado de cabelos compridos, ombros largos e mãos ásperas.

A única razão de estar ali era cumprir a determinação da juíza. Por mais desagradável que fosse a ideia de estar ligada a Zackary Muldoon por dois meses, cumpriria sua função.

Mas onde estava Nick?

— Gostaria de uma mesa, senhorita?

Rachel olhou a loura baixinha segurando uma grande bandeja cheia de sanduíches e cerveja.

— Não, obrigada. Vou até o bar. Este lugar fica sempre tão cheio?

Os olhos cinza da garçonete brilharam ao percorrer o ambiente.

— Está lotado? Nem percebi. — Com uma risada, afastou-se enquanto Rachel caminhava até o bar. Espremeu-se entre dois bancos ocupados, repousou o pé no suporte de ferro e esperou atrair a atenção de Zack.

— Bem, querida... — O homem à sua esquerda tinha um rosto rechonchudo e agradável e virou-se no banco para examiná-la melhor. — Não me lembro de ter visto você aqui antes.

— Não. — Como ele parecia velho o bastante para ser seu pai, Rachel o premiou com um sorriso. — Não viu.

— Uma jovem bonita como você não deveria estar aqui sozinha. — Ele inclinou-se, o banco estalando perigosamente, e bateu no ombro do homem do outro lado. — Ei, Harry, precisamos pagar um drinque para esta dama.

Harry, que estava tomando cerveja e fazendo palavras cruzadas na luz fraca, simplesmente meneou a cabeça.

— Com certeza, Pete. É só pedir. Preciso de uma palavra com seis letras para a possibilidade de perigo ou dor.

Rachel levantou os olhos. Zack a olhava, os olhos azuis escuros e firmes, o rosto ossudo e sério. Ela sentiu algo quente subir-lhe pela espinha.

— Ameaça — murmurou, tentando controlar o arrepio.

— Isso. Ei, obrigado! — Satisfeito, Harry afastou os óculos de leitura e sorriu para ela. — O primeiro drinque é por minha conta. O que vai tomar, querida?

— *Pouilly-Fumé*. — Zack colocou uma taça de vinho de um dourado pálido diante dela. — E o primeiro é por conta da casa. — Ergueu a sobrancelha. — Está bom pra você, Sra. advogada?

— Está. — Foi incapaz de conter o suspiro. — Obrigada.

— Zack sempre fica com as mais bonitas — disse Pete, com um muxoxo. — Sirva-me outro, garoto. E o mínimo que pode fazer, já que roubou minha garota. — O senhor piscou para Rachel e ela relaxou retribuindo o sorriso.

— E com que frequência ele rouba suas garotas, Pete?

— Uma, duas vezes por semana. É humilhante. — Sorriu para Zack por cima da cerveja gelada. — O velho Zack saiu com uma de minhas garotas uma vez. Zack, lembra-se daquela vez em que estava de folga em casa e levou minha Rosemary ao cinema em Coney Island? Ela se casou e já está esperando o segundo filho.

Zack enxugou o bar com um pano.

— Ela partiu meu coração.

— Não existe uma única mulher viva que tenha arranhado seu coração, quanto mais partido. — O comentário foi feito pela garçonete loura, que colocou a bandeja vazia no bar.

— Dois vinhos da casa, branco, um uísque puro e um chope.

— Harry, você precisa comprar para você um daqueles abajures portáteis, antes de arruinar o que sobrou da sua visão.

— Você partiu meu coração, Lola. — Zack colocou os copos na bandeja. — Por que acha que fugi e me alistei na Marinha?

— Porque sabia como ia ficar lindo vestido de branco. — A garçonete riu, suspendeu a bandeja e olhou para Rachel. — Cuidado com esse aí, amiga. Ele é perigoso.

Rachel bebericou o vinho e tentou fingir que o aroma saindo da cozinha não a fazia salivar.

— Você tem um minuto? — perguntou a Zack. — Preciso ver onde mora. Pete deixou escapar um assovio e revirou os olhos.

— O que esse cara tem?

— Mais do que você jamais terá. — Zack sorriu para ele e fez sinal para outro barman substituí-lo. — Parece que eu atraio mulheres decididas. Elas não podem manter as mãos afastadas de mim.

Rachel terminou o vinho, antes de deslizar do banco.

— Eu posso me controlar se estiver determinada a fazê-lo. Embora lamentavelmente manchar a reputação dele — disse a Pete. — Sou advogada do irmão dele.

— Está brincando? — Impressionado, Pete deu-lhe uma olhada mais detida. — Foi você quem tirou o garoto da cadeia?

— Por enquanto. Muldoon?

— Venha por aqui para fazer a excursão. — Ergueu parte da bancada do bar e passou. Pegou-a de novo pelo braço.

— Siga em frente.

— Sabe, não preciso que me segure. Já faz algum tempo que ando sozinha. Ele empurrou uma pesada porta de saloon que levava à cozinha.

— Gosto de segurar você.

Rachel ficou impressionada com a bancada de aço reluzente e imaculada, com a louça branca, o cheiro forte de batatas fritas e carne na grelha, antes de a atenção ser absorvida por um homem enorme, todo vestido de branco, o enorme avental respingado e manchado. Como era bem mais alto do que Zack,

Rachel calculou que devia ter bem uns 2,10 m e 150 kg. Se jogasse futebol, ocuparia toda a linha de defesa.

O rosto cor de azeitona brilhava devido ao calor da cozinha. Uma cicatriz cortava o rosto do olho preto como carvão até o queixo forte. As mãos gigantescas preparavam delicadamente um club sanduíche.

— Rio, esta é Rachel Stanislaski, advogada de Nick.

— Como vai? — Ela percebeu o sotaque caribenho na voz. — Botei o garoto lavando pratos. Ele é campeão: só quebrou uns cinco ou seis a noite inteira.

Parado numa imensa pia dupla, com os braços enfiados até os cotovelos na água cheia de sabão, Nick virou a cabeça com expressão ameaçadora.

— Se você chama de trabalho limpar as porcarias de outra pessoa, você pode...

— Ei, não use esse linguajar perto da senhorita aqui. — Rio pegou um cutelo e o desceu com um *plaft* para cortar o sanduíche em dois e depois em quatro. — Minha mãe sempre disse que lavar pratos dá ao corpo bastante tempo para procurar pela alma. Continue lavando e procurando, garoto.

Nick gostaria de responder. Ah, adoraria! Mas era difícil discutir com um homem de 2,10m segurando um cutelo de carne. Voltou a resmungar.

Rio sorriu e notou Rachel olhando o sanduíche.

— Que tal eu preparar um prato quente para você? Pode comer depois que terminar seu trabalho.

— Oh, eu... — Salivava. — Eu preciso ir para casa.

— Zack leva você para casa depois que terminar. É muito tarde para uma mulher andar sozinha pelas ruas.

— Não preciso de companhia.

— Sirva a ela um pouco do seu *chili*, Rio — sugeriu Zack, conduzindo Rachel em direção às escadas. — Não vamos demorar.

Rachel se encontrou presa numa escada estreita, em que os quadris de ambos encostavam. Ele cheirava a mar, aquele perfume salgado, ligeiramente

elétrico que sugeria tempestades no horizonte.

— Foi muita gentileza de sua parte, Muldoon, mas não preciso nem de uma refeição nem de um acompanhante.

— Você vai ter os dois, precise deles ou não. — Virou-se, literalmente a encurralando na parede. Era gostoso ter o corpo tocando o seu. Tão bom quanto ele imaginara. — Nunca discuto com Rio. Eu o conheci na Jamaica há uns seis anos, numa briga num bar. Ele pegou um cara de 90 kg e atirou-o contra a parede. Agora, Rio é o tipo mais pacífico do mundo, mas, se fica irritado, não se pode saber como vai reagir. — Zack ergueu a mão e enrolou uma mecha dos cabelos de Rachel no dedo. — Seu cabelo está molhado.

Rachel afastou-lhe a mão e tentou disfarçar o coração entalado na garganta.

— Está chovendo.

— É, posso sentir o cheiro de chuva em você. Você é um bocado bonita, Rachel.

Ela não podia se mover, então tomou a única atitude possível: esgueirou-se como um gato encurralado.

— Você está no meu caminho, Muldoon. Vou logo avisando para mover seu traseiro e guardar seu charme irlandês para usá-lo com alguém que o aprecie.

— Num minuto. Quando você falou com seu irmão hoje, foi em russo?

— Ucraniano — falou, entre os dentes.

— Ucraniano. — Pensou nisso e em Rachel. — Nunca fui à União Soviética.

Ela ergueu a sobrancelha.

— Nem eu. Agora, podemos deixar essa discussão para depois que eu tiver visto suas acomodações?

— Está certo. — Retomou a subida com a mão nas costas dela. — Não é grande coisa, mas posso garantir que é um passo e tanto considerando a

espelunca onde Nick estava morando. Não sei por que ele... — Calou-se e deu de ombros. — Bem, já passou.

Rachel teve a impressão de estar apenas começando.

CAPÍTULO TRÊS

Embora lhe trouxesse todo tipo de dor de cabeça, Rachel levou a sério a nova incumbência. Podia lidar com o inconveniente, o tempo extra roubado da vida pessoal, o amargo e constante ressentimento de Nick. O que mais lhe causava problema, no entanto, era a proximidade forçada com Zackary Muldoon.

Não podia dispensá-lo e não conseguia agir naturalmente com ele por perto. Ter de lidar com ele diariamente elevava seu estresse a níveis estratosféricos.

Se ao menos pudesse ignorá-lo, pensou ao sair do metrô e caminhar até seu apartamento depois de um domingo em família, tudo se tornaria mais fácil. Mas, depois de quase uma semana de tentativas, não havia chegado nem perto do êxito.

Ele era grosseiro, impaciente e, assim ela suspeitava, potencialmente violento. Ainda assim, preocupava-se o bastante com o irmão para despende dinheiro e, mais importante, tempo e energia para colocar o menino no caminho do bem. Em suas folgas, usava roupas mais adequadas para a lata de lixo do que para seu corpo alto e musculoso. Ainda assim, quando entrou no apartamento localizado sobre o bar, encontrou tudo arrumado, nada fora do lugar. Ele estava sempre colocando as mãos nela — nos braços, nos cabelos, nos ombros —, mas ainda não tomara a iniciativa que ela já estava preparada para rechaçar.

Zack flertava com as freguesas, contudo até onde Rachel fora capaz de perceber, ficava só no flerte. Nunca tinha sido casado e, embora tivesse deixado a família por meses, até mesmo anos, abrira mão do mar e desembarcara quando o pai ficou doente demais para cuidar de si.

Por princípio, ele a irritava. Mas, num nível mais profundo e recôndito, as mesmas coisas que lhe causavam irritação acendiam pequenas chamas que

Rachel só conseguia descrever como pura luxúria.

Tentara reprimi-las lembrando a si mesma de que não era dada à lascívia. Apaixonada, sim. Quando se tratava de seu trabalho, sua família e suas ambições. Mas homens? Embora apreciasse a companhia e a masculinidade, os homens jamais haviam constado em sua lista de prioridades.

Quanto a sexo, era um dos últimos itens da lista, por isso. E era muito irritante descobrir-se excitada.

Afinal, quem era Zackary Muldoon? Não seria melhor que ela soubesse.

Quando ele saiu das sombras e foi iluminado pela luz do poste, ela recuou e reprimiu um grito.

— Onde você se meteu?

— Eu... Droga, você quase me matou de susto! — Retirou a mão trêmula da bolsa, num gesto automático, em busca de um frasco de gás paralisante. Ah, odiava se assustar! Detestava ter de admitir sua vulnerabilidade. — O que está fazendo escondido na frente do meu prédio?

— Procurando você. Nunca fica em casa?

— Muldoon, comigo todo dia é dia de festa, festa e festa. — Subiu os degraus e enfiou a chave na porta do prédio. — O que você quer?

— Nick se mandou.

Parou a meio caminho da porta e ele lhe deu um brusco esbarrão.

— O que quer dizer com se mandar?

— Quero dizer que ele escapou da cozinha esta tarde, quando Rio estava distraído. Não consigo encontrá-lo. — Zack estava tão furioso, com Nick, com Rachel, consigo, que precisou de todo o controle para não dar um soco na parede. — Faz umas cinco horas que o estou procurando e não consigo encontrá-lo.

— Tudo bem, não entre em pânico. — A mente já estava funcionando a pleno vapor ao atravessar o minúsculo vestiário até o único elevador, antigo, com porta de ferro.

— Ainda é cedo. São só 22 h. Ele sabe como se virar.

— Aí está o problema. — Enojado consigo mesmo, Zack entrou no elevador com ela. — Ele sabe se virar muito bem. A regra era que ele me diria aonde ia e a que horas. Só posso imaginar que ele anda vendo os *Cobras*.

— Nick não vai desfazer esse tipo de laço de um dia para o outro. — Rachel continuava a pensar quando o elevador parou no 4º andar. — Podemos rodar a cidade de cabo a rabo na tentativa de achá-lo ou podemos chamar a polícia.

— A polícia?

Ela abriu a porta de ferro e atravessou o corredor.

— Alex.

— Nada de tiras — disse Zack, com rapidez, agarrando-lhe os braços. — Não vou mandar os tiras atrás dele.

— Alex não é apenas um tira. É meu irmão. — Esforçando-se por manter a paciência, afastou os dedos dele. — Sou uma funcionária da justiça, Zack. Se Nick estiver desrespeitando as disposições estabelecidas no tribunal, não posso ignorar.

— Não vou vê-lo atirado de volta numa cela uma semana depois de tê-lo tirado de lá.

— Nós o tiramos de lá — corrigiu-o e destrancou a porta. — Se não queria minha ajuda ou conselho, não deveria ter vindo.

Zack deu de ombros e entrou.

— Achei que poderíamos procurar juntos.

O apartamento era um pouco maior do que o alugado por Nick, mas bem feminino. Nada excessivo. Rachel não iria apelar para babados. As cores eram fortes nas almofadas fofas atiradas no sofá. As velas perfumadas estavam queimadas em vários níveis e crisântemos começavam a murchar num vaso de porcelana.

Havia um imenso espelho oval com moldura de bronze numa das paredes. O vidro precisava ser polido. Uma escultura de mármore branco de 1 metro dominava um canto e fez Zack pensar numa sereia surgindo do mar. Havia

esculturas menores também, todas apaixonantes, algumas beirando a ferocidade. Um lobo de madeira escondido atrás de uma tora de carvalho, os dedos retorcidos feitos em bronze e cobre assemelhando-se a um fogo descontrolado e uma silenciosa e sinuosa cobra em malaquita pronta a atacar.

Prateleiras de livros, dúzias de porta-retratos e o perfume inconfundível de mulher.

Zack sentiu-se estranhamente deselegante e desajeitado, e totalmente deslocado. Enfiou as mãos nos bolsos, com receio de esbarrar em algum enfeite. A mãe gostava de velas, lembrou-se. Velas, flores e vasilhas de porcelana azul.

— Vou preparar café. — Rachel atirou a bolsa de lado e dirigiu-se à cozinha.

— Isso. Ótimo. — Inquieto, Zack zanzou pela sala, observou a vista através das alegres cortinas listradas, franziu a testa ao ver as fotografias, obviamente da família, e voltou para o sofá. — Não sei o que me deu na cabeça. O que me faz supor que posso bancar o pai de um garoto da idade de Nick? Não convivi com ele metade da vida dele. Ele me odeia. E tem todo o direito.

— Você vem fazendo tudo certo — argumentou Rachel, pegando xícaras e pires. — Você não está bancando o pai e, sim, se comportando como irmão. Se não estava por perto metade da vida dele, é porque tem sua própria vida. E ele não o odeia. Está zangado, cheio de ressentimento, o que está a quilômetros de distância do ódio, sentimento que ele não teria direito de sentir. Agora, pare de ficar com pena de si mesmo e pegue o leite.

— É assim que você avalia os casos? — Sem saber se ficava surpreso ou irritado, Zack abriu a geladeira.

— Não. Sou muito mais durona do que isso no tribunal.

— Aposto que sim. — Sacudiu a cabeça ao ver o conteúdo da geladeira. Iogurtes, um pacote de salsichas, outro de queijo, vários refrigerantes dietéticos, uma garrafa de vinho branco, dois ovos e metade de um pacote de manteiga. — Você não tem leite.

Ela esbravejou para, em seguida, suspirar.

— Então, vamos tomar café puro. Você e Nick brigaram?

— Não. Quer dizer, não mais do que de hábito. Ele reclama, eu reclamo de volta. Ele xinga, eu xingo mais alto. Mas, na verdade, ontem à noite, tivemos o que podia ser considerado uma conversa e vimos um filme antigo na TV depois de fechar o bar.

— Ah, progressos... — Ela serviu o café num delicado jogo que parecia um conjunto de louça infantil nas mãos dele.

— O restaurante fica lotado de famílias para o almoço aos domingos. — Zack ignorou a alça da xícara e envolveu-a toda com os dedos. — Ele estava na cozinha por volta do meio-dia. Imaginei que gostaria de sair mais cedo, sabe como é, ter um tempo para si. Fui até a cozinha por volta das 16 h. Rio não quis dedurá-lo e o encobriu por mais ou menos uma hora. Imaginei que ele tivesse tirado apenas uma folga, mas... — Zack terminou o café e se serviu novamente. — Fui muito enérgico com ele nos últimos dias. Parecia ser o método mais apropriado. Em meu primeiro navio, meu comandante era o próprio *Capitão Bligh*². Eu odiava o filho-da-mãe até perceber que ele nos ensinara a ser uma tripulação. — Zack riu um pouco. — Diabos, eu ainda o odeio, mas nunca me esqueci dele.

— Pare de se torturar. — Não pôde evitar tocar-lhe o braço. — Você não o pendurou no mastro do navio ou seja lá o que for. Agora, sente-se e tente relaxar. Deixe-me falar com Alex.

Ele sentou-se, embora não estivesse muito satisfeito. Sentiu-se um idiota tentando equilibrar um pires delicado no joelho e colocou-o na mesa. Não havia um cinzeiro à vista, então conteve a vontade de fumar.

Prestou pouca atenção a Rachel até a voz dela aumentar de tom, frustrada. Depois, riu um pouco. Ela, sem dúvida, era cheia de vida, distribuindo solicitações e ordens com a autoconfiança de um experiente lobo do mar. Meu Deus! Sentira tanta falta de ouvir aquela voz rouca e impaciente! Quantas vezes nos últimos dias inventara desculpas para lhe telefonar?

Veze demais, admitiu. Algo naquela mulher o atraía e não tinha certeza se devia se deixar aprisionar ou fugir.

E a última coisa que devia fazer no momento era pensar em sua libido. Tinha de pensar em Nick.

Obviamente o irmão de Rachel resistia, mas ela não aceitava "não" como resposta. Quando a discussão passou a ser conduzida num ucraniano acalorado, Zack começou a brincar com a cobra na mesinha de centro. Ficava enlouquecido quando ela falava em ucraniano.

— *Tak* — disse, satisfeita por ter convencido Alex. — Fico lhe devendo uma, Alex. — Ela riu; uma risada rica e cheia de vitalidade que lhe despertou um calor incontrolável. — Está bem, está bem, então lhe devo duas. — Zack viu desligar e cruzar as longas pernas cobertas por um tecido verde-musgo sedoso o suficiente para sussurrar sedutoramente quando as coxas esbarravam nele. — Alex e seu parceiro vão fazer uma ronda e verificar alguns dos conhecidos pontos de encontro dos Cobras. Vão nos avisar se o encontrarem.

— Então, devemos esperar?

— Sim. — Levantou-se e pegou um bloco da gaveta.

— Para passar o tempo, você pode me dar mais informações sobre o passado de Nick. Você disse que a mãe morreu quando ele tinha uns 15 anos. E o pai?

— A mãe nunca tinha se casado antes. — Automaticamente, pegou um cigarro, mas depois hesitou. Reconhecendo o gesto, Rachel voltou a se levantar e trouxe um cinzeiro lascado. — Obrigado. — Aliviado, acendeu o cigarro, cobrindo a chama com as mãos, por hábito. — Nadine tinha uns 18 anos quando ficou grávida e o cara não estava interessado em constituir família. Ele se mandou e ela precisou se virar sozinha. Então, teve Nick e fez o melhor que pôde. Um dia, chegou ao bar procurando trabalho. Papai a contratou.

— Quantos anos tinha Nick?

— Uns 4 ou 5 anos. Nadine mal conseguia pagar as contas. Algumas vezes, não tinha dinheiro para pagar alguém para cuidar dele, então meu pai disse

para levar a criança e que eu cuidaria dele. Ele era legal — disse, com um meio sorriso. — Quero dizer, era muito quieto. A maior parte do tempo ficava olhando como se esperasse ser dispensado. Mas era inteligente. Começara a frequentar a escola e já aprendera a ler e a desenhar. Em resumo, uns dois meses depois, Nadine e meu pai se casaram. Meu pai era quase vinte anos mais velho do que ela, mas acho que ambos eram muito solitários. Minha mãe havia morrido há mais de dez anos. Nadine e a criança se mudaram para nossa casa.

— Como você... Como Nick se adaptou?

— Parecia bem. Droga, eu também era uma criança. — Inquieto de novo, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. — Nadine se desdobrava em duas para agradar todo mundo. Ela era assim. Meu pai... Nem sempre era fácil, você sabe, e passava muito tempo no bar. Nós não fazíamos o gênero de família retratada por Norman Rockwell³, mas tudo corria bem. — Voltou a olhar as fotografias, surpreso pela súbita onda de inveja. — Eu não me importava com o garoto andando atrás de mim. Não muito. Depois, me alistei na Marinha, assim que terminei o ensino fundamental. Era uma espécie de tradição familiar. Quando Nadine morreu, foi difícil para Nick. Difícil para meu pai. Acho que eles descontaram a frustração um no outro.

— Foi nessa época que Nick começou a se meter em confusão?

— Creio que começou antes, mas só piorou. Toda vez que eu voltava, meu pai desfiava um monte de queixas. O garoto não fazia isso, fazia aquilo. Andava com delinquentes. Vivia procurando encrenca. E Nick sumia ou se trancava no quarto. Se eu dizia alguma coisa, ele me mandava à... — Deu de ombros. — Dá para adivinhar.

Ela achou que sim. Um garoto não desejado pelo pai. Começa a admirar o novo irmão e se sente abandonado por ele também. Perde a mãe e se encontra sozinho com um homem com idade suficiente para ser seu avô, um homem incapaz de compreendê-lo. Nada permanente em sua vida — exceto a rejeição.

— Não sou psicóloga, Zack, mas diria que ele precisa de tempo para acreditar que você pretende fazer parte de sua vida desta vez. E não acho que

manter o pulso firme seja errado. Na verdade, acho que é exatamente isso que ele vai entender e respeitar a longo prazo. Talvez você só precise equilibrar um pouco sua atitude. — Suspirou e colocou as anotações de lado. — E é aí que eu entro. Por enquanto, também tenho sido dura com ele. Vamos tentar um pouco de equilíbrio. Você banca o mau e eu a boazinha. Vou ser o ouvido compreensivo. Acredite em mim, entendo de meninos esquentados e desajustados. Cresci com eles. Podemos começar... — O telefone tocou e ela atendeu. — Alô. Hum-hum. Ótimo. Muito bom. Obrigada, Alex. — Ela pôde perceber o alívio nos olhos de Zack antes de desligar. — Eles o viram a caminho do bar.

O alívio entrou em colisão com a raiva.

— Quando colocar as mãos nele...

— Você vai perguntar, de modo sereno, onde ele esteve. E, para me certificar, vou com você.

Nick entrou no apartamento de Zack. Imaginava ter sido bem esperto. Conseguira escapar da cozinha sem acionar o radar de Rio. Vinha sendo vítima de vigilância cerrada. Já era tempo de dar uma escapulida.

De qualquer jeito, tudo estava dando errado. Entrou na cozinha e, como Zack não estava por perto para recriminá-lo, abriu uma cerveja. Só queria encontrar os caras, ver o que andava acontecendo na rua.

E eles o trataram como um intruso.

Não confiaram nele, pensou, ressentido, ao tomar um grande gole e depois dois. Reece decidira que, como ele tinha escapado tão rápido, devia tê-los delatado. Pensou ter convencido quase toda a gangue de ter jogado limpo, mas quando contou como tinha sido pego e como terminara lavando pratos no bar de Zack, riram dele.

Não tinha sido aquela risada gostosa, companheira, compartilhada no passado com os *Cobras*. Tinha sido falsa e maldosa. T.J. gargalhava como um maluco e Reece dava aquele sorrisinho falso, brincando com o canivete. Só Cash demonstrara alguma solidariedade, dizendo entender como Nick devia estar se sentindo.

Nenhum deles se dera ao trabalho de explicar o motivo de tê-lo deixado sozinho, quando o tira apareceu.

Quando foi embora, passou na casa de Maria. Eles vinham se encontrando durante os últimos dois meses e tinha certeza de que ali encontraria um ombro amigo e um corpo quente e bonito. Mas ela havia saído — com outro.

Parecia ter sido abandonado de novo, por todos. Nada de novo, disse a si. Mas a dor da rejeição não foi mais suave desta vez.

Droga, supostamente eles eram sua família! Supostamente, deveriam ficar a seu lado, apoiá-lo e não deixá-lo ao primeiro sinal de perigo. Ele não teria feito isso com eles, refletiu, e atirou a garrafa de cerveja vazia que se espatifou com estrondo no lixo. Não, por Deus, ele não teria agido como eles.

Ao ouvir a porta abrir, fez cara de tédio e saiu da cozinha. Esperava ver Zack, mas não Rachel. Nick sentiu uma onda de calor, causada não apenas pelo embaraço, subir-lhe pelo rosto. Zack tirou a jaqueta, ainda esperançoso de manter a raiva sob controle.

— Imagino que você tenha uma boa razão para ter escapado essa tarde.

— Eu precisava de ar. — Nick tirou um cigarro e acendeu o fósforo. — Existe alguma lei contra isso?

— Tínhamos um acordo — disse Zack, comedido. — Você devia me avisar quando saísse e me contar seus planos.

— Não, cara. Você tinha um acordo. Que eu saiba, vivemos num país livre e as pessoas podem sair para dar uma volta quando têm vontade. — Fez um gesto em direção a Rachel. — Você trouxe a advogada para me processar ou o quê?

— Ouça garoto...

— Não sou garoto — retrucou Nick. — Na minha idade, você ia e vinha quando bem entendia.

— Não era ladrão na sua idade. — Irritado, Zack deu dois passos adiante. Rachel segurou-lhe o braço.

— Por que você não desce e pega uma taça de vinho para mim, Muldoon? Aquele que me serviu na outra noite seria perfeito. — Quando ele tentou desvencilhar-se da mão, ela apertou firme. — Quero ficar sozinha com meu cliente, portanto não se apresse.

— Ótimo. — Cuspiu a palavra antes de caminhar para a porta. — Não importa o que ela diga, camarada, você trabalhará em jornada dupla na semana que vem. E, se tentar escapar de novo, vou mandar Rio amarrar você à pia. — Zack se permitiu a doce satisfação de bater à porta.

Nick deu outra tragada no cigarro e se atirou no sofá.

— Ele fala demais — resmungou. — Sempre achou que podia mandar em mim. Tenho me virado sozinho há anos e chegou a hora de ele entender.

Rachel sentou-se ao seu lado. Achou que não valia a pena mencionar o hálito de cerveja e o fato de ele ser menor de idade. Por que Zack não percebera a carência extrema nos olhos de Nick? Por que ela não havia percebido antes?

— É duro ter de se mudar para cá quando já teve um lugar só seu.

A voz era macia, sem censura. Nick revirou os olhos através da nuvem de fumaça.

— É — disse, cauteloso. — Mas posso segurar a barra por uns dois meses.

— Quando saí de casa pela primeira vez, era um pouco mais velha do que você, não muito. Fiquei animada, assustada e solitária. Não admitiria me sentir sozinha mesmo que minha vida dependesse disso. Tenho dois irmãos mais velhos. Viviam me controlando. — Riu um pouco. Nick não esboçou um sorriso. — Eu me enfurecia, mas, ao mesmo tempo, me sentia segura. Ainda vivem no meu pé, mas, em geral, consigo encontrar um jeito de me desvencilhar deles.

Nick olhou duro para a ponta do cigarro.

— Ele não é meu irmão de verdade.

Oh, céus, ele parecia tão jovem, pensou. E tão terrivelmente triste!

— Imagino que isso dependa da sua definição de verdade. — Repousou a mão no joelho dele, preparada para ele empurrá-la, mas ele apenas transferiu o olhar do cigarro para seus dedos. — Seria mais fácil acreditar que ele não se importa, mas você não é idiota, Nick.

Ele tinha um nó na garganta. Recusava-se a acreditar serem lágrimas.

— Por que se importaria? Não sou nada para ele.

— Se ele não se importasse, não iria gritar tanto com você. Pode acreditar. Venho de uma família onde voz alta é sinal de amor inabalável. Ele quer cuidar de você.

— Posso me cuidar sozinho.

— E vem cuidando — concordou. — Mas quase todos nós podemos dar uma mãozinha de vez em quando. Ele não vai me agradecer por dizer tudo isso, mas acho que você devia saber. — Esperou Zack voltar a levantar os olhos. — Ele precisou fazer um empréstimo para pagar os objetos roubados e os danos.

— Mentira — retrucou Nick, atemorizado. — Ele jogou essa cascata para você?

— Não, eu investiguei. Parece que a doença do velho Sr. Muldoon esvaziou um bocado da poupança dos dois. Zack voltou a colocar o bar numa posição estável, mas não possuía o bastante para cobrir os custos. Um homem não se mete numa situação dessas por alguém com quem não se importa.

A sensação de enjoo no estômago de Nick o fez apagar o cigarro.

— Ele só acha que deve uma obrigação, só isso.

— Talvez. De qualquer jeito, me parece que você lhe deve algo, Nick. Pelo menos, um pouco de cooperação ao longo das próximas semanas. Ele estava apavorado quando foi me procurar hoje à noite. Você, provavelmente, também não vai querer acreditar nisso.

— Zack nunca teve medo de nada.

— Ele não disse claramente ter medo, mas acho que temia que você tivesse se mandado de vez; temia não voltar a vê-lo.

— Para onde diabos eu iria? — perguntou. — Não tem ninguém... — Calou-se, envergonhado em admitir não ter para onde ir. — Fizemos um acordo — murmurou — e eu não vou fugir.

— Fico feliz em saber. E não vou perguntar onde você esteve — acrescentou, com um sorriso pálido. — Se perguntasse, teria de colocar em meu relatório para a juíza e acho melhor não fazê-lo. Então, vamos fingir que você só saiu para respirar um pouco e perdeu a noção do tempo. Talvez da próxima vez que tiver vontade de sair, possa me ligar.

— Por quê?

— Porque eu sei como a gente se sente quando precisa fugir. — Ele parecia tão perdido que Rachel passou a mão em seus cabelos, afastando-os do rosto. — Relaxe, Nick. Não é crime ser amigo de sua advogada. Então, o que me diz? Tente pegar mais leve com Zack e eu farei o possível para ele desgrudar do seu pé. Conheço todo tipo de truque para se livrar de irmãos mais velhos abelhudos.

O perfume dela inebriava seus sentidos. Como não percebera antes a beleza daqueles olhos tão profundos, grandes e meigos?

— Talvez eu e você possamos sair um dia desses.

— Claro. — Ela só viu a sugestão como um voto de confiança e sorriu. — Rio é um cozinheiro incrível, mas, de vez em quando, a gente precisa de uma pizza, certo?

— Certo. Então, posso ligar para você?

— Claro. — Ela apertou-lhe a mão. Quando a mão dele tocou a sua, ela se surpreendeu. Antes que pudesse comentar, Zack abriu a porta de novo. Nick pulou como se estivesse sentado numa mola.

Zack passou o vinho para Rachel e entregou a Nick uma garrafa de refrigerante segurada por um dedo. Sem pressa, abriu a tampa da cerveja.

— E, então, vocês dois já terminaram a conversa?

— Por enquanto. — Rachel bebericou o vinho e levantou a sobrancelha para Nick.

Não era fácil, especialmente depois de saber o que Zack fizera, mas Nick procurou os olhos do irmão.

— Desculpe por ter saído.

A surpresa foi tanta que Zack quase engasgou.

— Está bem. Podemos organizar uma escala para você ter mais tempo livre. — Que diabos ele havia feito? — É... Você podia ajudar Rio na limpeza da cozinha. Em geral, a gente fecha mais cedo aos domingos à noite.

— Claro, sem problema. — Nick encaminhou-se para a porta. — Nos vemos, Rachel.

Quando a porta fechou, Zack caiu sentado a seu lado, sacudindo a cabeça.

— O que você fez? O hipnotizou?

— Não exatamente.

— Bem, que diabos disse a ele?

Suspirou, tremendamente satisfeita consigo e recostou-se.

— Isso é informação confidencial. Ele só precisa de alguém para polir seu ego ferido de vez em quando. Vocês dois podem não ser irmãos biológicos, mas o temperamento é muito similar.

— Ah. — Ele reclinou-se também, passando um braço por cima do sofá para mexer nos cabelos dela. — Como assim?

— Vocês dois são esquentados e teimosos. Não tenho dificuldade em reconhecer, pois venho de uma longa linhagem de gente com as mesmas características. — Saboreando o vinho e a calma, fechou os olhos. — Vocês não gostam de admitir terem cometido um erro e preferem pôr de lado um problema a refletir sobre ele.

— Você está tentando dizer que isso é um defeito?

Rachel não pôde conter o riso.

— Vamos chamar de traços de personalidade. Minha família é composta por naturezas apaixonadas. E toda natureza apaixonada exige uma válvula de escape. Minha irmã Natasha dançava, depois montou seu próprio negócio e constituiu família. Meu irmão Mikhail dedica-se à arte. Alex persegue a busca de corrigir o mundo e eu tenho a lei. Supostamente, você teve a Marinha e agora este bar. Nick ainda não encontrou sua válvula de escape.

Zack passou de leve o dedo em sua nuca e sentiu o arrepio percorrê-la.

— Você, realmente, considera a lei uma válvula de escape suficiente para a paixão?

— Do jeito como a administro sim. — Abriu os olhos, mas o incipiente sorriso que lhe brotava nos lábios desapareceu. Ele se mexera e o rosto estava perto, perto demais, e as mãos haviam descido para seus ombros. O aviso de perigo soara tarde demais. — Preciso ir para casa — disse, rápido. — Tenho uma audiência às nove da manhã.

— Levo você num minuto.

— Conheço o caminho, Muldoon.

— Eu levo você — voltou a repetir e algo no tom da voz deixou bem claro que não falava em levá-la até a porta de casa. Zack tirou a taça de vinho de sua mão e a pôs de lado. — Estávamos falando sobre naturezas apaixonadas. — Os dedos acariciaram-lhe os cabelos e neles se detiveram. — E sobre válvulas de escape.

Num gesto de defesa instintivo, ela plantou a mão no peito dele, mas ele continuou a se aproximar.

— Vim aqui lhe prestar ajuda, Muldoon — lembrou-lhe, quando a boca aproximou-se perigosamente da dela. — Não para brincadeiras.

— Só estou testando sua teoria, Sra. advogada. — Mordiscou de leve seu lábio inferior uma, duas vezes. Quando aquela exibição de provocação o deixou em ponto de bala, comprimiu a boca contra a sua como se fosse devorá-la.

Poderia impedi-lo. É óbvio que poderia. Sabia como se defender contra investidas indesejadas. O problema é que não tinha ideia de como se defender

de investidas que não desejava desejar.

A boca era tão... Ávida. Tão impaciente. Tão insaciável. Ela se questionou se ele poderia engoli-la por inteiro. Zack usava os lábios, a língua e os dentes devastadoramente. Se houve um instante, uma fração de segundo em que teve forças para resistir, passara despercebida e, agora, ela estava inundada pela onda quente que era o desejo dele. Ou o desejo de ambos. Num gemido demorado e rouco, Rachel submergiu pela terceira vez, arrastando-o com ela.

Ele estava preparado para ser esbofeteado, arranhado. E teria aceitado, teria de se conformar com aquele rápido e tentador gosto. Era um homem de grande apetite, mas nunca fora do tipo de agarrar o que não lhe era oferecido de bom grado.

Ela não ofereceu. Explodiu. Naquele curto espaço de tempo antes de a boca de Rachel cobrir a sua, ele vira o fogo surgir em seus olhos, aquele fogo devorador, ardente, apaixonado. Quando o beijo passara de provocante a febril, ela correspondera, puxando-o mais fundo do que ele poderia imaginar para o poço quente de desejos.

E aquele gemido causou-lhe arrepios. Aquele glorioso som felino, de entrega e, ao mesmo tempo, exigência. Mesmo quando o som se dissipou, ela continuou agarrada a ele, pressionando aquele corpo incrivelmente esbelto e flexível de um modo que lhe causava uma cadeia de explosões a desnortear-lhe os sentidos.

Ela ouviu a respiração pesada, sentiu as almofadas do sofá pressionadas às costas quando ele a mudou de lugar. Por um louco segundo, tudo o que conseguia pensar era sim! Era exatamente o que desejava: sensações selvagens aturdidas, uma louca e inconstante comunhão de carnes. Quando a boca desceu-lhe pelo pescoço, arqueou-se contra ele, suplicando ser possuída.

E, então, ele disse seu nome. Na verdade, grunhiu. O choque a trouxe de volta à realidade. Estava no sofá de um apartamento estranho se agarrando a um homem praticamente desconhecido.

— Não. — As mãos dele moviam-se por seu corpo e quase a arrastavam de volta ao turbilhão. Desesperada por se afastar, debateu-se. — Pare. Eu disse não!

Ele não conseguia recuperar o fôlego. Se alguém apontasse uma arma para sua cabeça, não teria parado. Mas o não surtiu o efeito desejado. Zack conseguiu erguer a cabeça, e a luz desafiadora em seus olhos fizeram-na estremecer.

— Por quê?

— Porque é insano. — Céus, ela ainda sentia o gosto dele em seus lábios e a vontade de prosseguir a deixava louca! — Saia de perto de mim.

Poderia tê-la estrangulado por fazê-lo querer implorar.

— Você é quem manda. — Para esconder as mãos trêmulas, cerrou os punhos. — Pensei ter ouvido você dizer não estar a fim de brincadeiras.

Rachel se sentiu humilhada, furiosa e frustrada.

— E não estou. Foi você quem se jogou em cima de mim. Vou ser sincera: não estou interessada.

— Imagino ser esse o motivo de ter-me beijado com tanta força que meus dentes ficaram moles.

— Você me beijou. — Apontou o dedo. — E você é tão grande que não consegui impedi-lo.

— Um simples "não" surtiria efeito — lembrou-a acendendo o cigarro. — Vamos ser honestos. Eu queria beijar você desde que a vi sentada como uma rainha naquela delegacia imunda. E a vontade só aumentou a cada dia. Talvez você não tenha sentido o mesmo, mas quando a beijei você correspondeu.

Às vezes, recuar é a melhor defesa. Rachel pegou a bolsa e a jaqueta.

— Já está feito, então não há mais nada a discutir.

— Engano seu. — Zack se levantara e bloqueou-lhe o caminho. — Podemos terminar de discutir o assunto enquanto a levo para casa.

— Não quero que me leve para casa. Você não vai me levar. — Com os olhos faiscando, atirou a jaqueta nos ombros. — E, se insistir em me seguir,

vou mandá-lo prendê-lo por me molestar.

Ele, simplesmente, a segurou pelo braço.

— Tente.

Ela fez algo que desejara desde a primeira vez que pusera os olhos nele. Deu-lhe um soco no estômago. Ele deixou escapar um silvo e franziu os olhos.

— O primeiro é por conta da casa. Agora, podemos andar até o metrô ou posso carregá-la no colo até lá.

— O que há de errado com você? — gritou. — É incapaz de aceitar um não como resposta?

A réplica foi empurrá-la contra a porta e beijá-la até lhe tirar o fôlego.

— Se não aceitasse — disse, entre os dentes — não estaríamos saindo daqui, depois de ter me deixado excitado a ponto de precisar viver sob um chuveiro gelado durante pelo menos uma semana. — Escancarou a porta. — E então? Vai andando ou prefere ir pendurada em meu ombro?

Ergueu o queixo e passou por ele.

Andaria, tudo bem. Mas não falaria com ele por nada.

CAPÍTULO QUATRO

Ao final de um exaustivo dia de dez horas de trabalho, Rachel deixou o tribunal. Deveria estar sentindo-se ótima. Sem dúvida, o último cliente saíra feliz com o veredicto de inocente. Mas, desta vez, a vitória não conseguira animar-lhe o espírito. A única solução era pegar um pote de sorvete a caminho de casa e entrar em coma diabético.

Em geral, funcionava e seria a alternativa mais segura. Afinal, como cidadã cumpridora das leis, não podia aliviar a tensão indo ao *Lower the Boom* e partindo a cabeça de Zackary Muldoon.

Quase tropeçou ao vê-lo levantar-se dos degraus inferiores.

— Sra. advogada. — Ele estendeu a mão para que se apoiasse. — Fique firme.

— O que foi agora? — perguntou, recuando. — Não lhe ocorreu que, embora tenha sido designada pelo tribunal para agir como cotutora de Nick, eu tenho direito a uma hora de privacidade sem ter que ver sua cara?

Ele analisou-lhe o rosto, percebendo sinais de fadiga, bem como de raiva nos olhos grandes e dourados.

— Sabe, querida, achei que melhoraria de humor depois de ganhar um caso como acabou de fazer. Vamos tentar o seguinte. — Com um floreio, tirou a outra mão das costas. Carregava um enorme buquê de crisântemos dourados, cor de bronze e marrons.

Negando-se a se deixar seduzir, Rachel deu uma olhada demorada e desconfiada.

— São para quem?

— Para substituir as que estão morrendo em seu apartamento. — Quando ela não fez nenhum movimento para pegá-las, ele controlou a impaciência. Viera pedir desculpas, caramba, e ela parecia disposta a forçá-lo a realmente pedir com todas as letras. — Está bem. Sinto muito. Forcei a barra na outra

noite. E, passada a vontade de estrangulá-la, percebi que você tem deixado sua vida de lado para me fazer um favor e eu a agradeço com... — Furioso novamente, empurrou as flores em sua direção. — Droga, moça, tudo o que fiz foi beijar você!

Tudo o que fez?, pensou, tentada a atirar as flores no chão e pisoteá-las. Só beijar não alterava o sistema físico de uma mulher por mais de 36 horas.

— Por que você não pega suas flores e seu pedido de desculpas charmoso e...

— Espere aí. — Achou melhor interrompê-la, antes de ela dizer algo que o fizesse se arrepender. — Já disse que sinto muito e estou falando sério, mas talvez deva ser mais claro. — Para garantir a imobilidade dela até ele terminar, segurou-lhe a gola do blazer cor de ameixa. — Não me arrependo de ter beijado você, assim como não vou me arrepender da próxima vez. Estou pedindo desculpas pelo modo como me comportei depois de você ter dado um basta.

Ela levantou a sobrancelha.

— O modo como se comportou? — repetiu. — Você quer dizer como um idiota?

Rachel sentiu um enorme prazer ao ver o músculo da mandíbula se contrair.

— Você tem razão.

Uma advogada inteligente sabia quando aceitar um acordo. Com os lábios contraídos, observou as flores.

— Está tentando me subornar, Muldoon?

O modo como ela disse seu nome, com um leve toque de deboche, era a mais viva demonstração de ter vencido o Primeiro round.

— Isso.

— Está bem. Aceito.

— Puxa, obrigado. — Com as mãos finalmente livres, enfiou os polegares nos bolsos da frente. — Entrei no tribunal há uma hora mais ou menos e

fiquei observando você.

— É mesmo? — Não podia confessar a alegria de não tê-lo visto. — E?

— Nada mal. Reverter uma acusação de vandalismo contra o outro cara...

— O queixoso — explicou. — Meu cliente ficou, com toda razão, frustrado após exaurir todas as tentativas razoáveis de ver o proprietário do apartamento cumprir os termos do contrato.

— E grafitar "*Senhorio do Inferno*" por toda a casa no *Upper West Side* foi sua maneira de aliviar a frustração.

— Ele, certamente, atingiu seu objetivo. Meu cliente sempre pagou o aluguel em dia e o proprietário, constantemente, recusava-se a considerar as solicitações de reparos e conservação. Dentro dos termos do contrato...

— Ei, baby — Zack levantou a mão, com a palma para fora. — Você não precisa tentar me convencer. Ao terminar a defesa, eu estava torcendo por ele. Ouvi alguns cochichos na galeria de visitantes sobre linchar o proprietário. — O rosto estava sério, mas os olhos dançavam bem-humorados. O contraste era, simplesmente, irresistível.

De imediato, Rachel deu um sorriso travesso.

— Adoro a justiça.

Zack tocou nas minúsculas argolas douradas em volta do pescoço de Rachel.

— Talvez você queira celebrar a vitória. Quer dar uma caminhada?

Perigo. A palavra piscou com luzes fosforescentes em sua mente, mas ela sentia a fragrância das flores e a tarde estava incrivelmente agradável.

— Aceito, desde que seja até meu apartamento. Preciso colocar as flores na água.

— Deixe-me carregar isso. — Pegou-lhe a pasta da mão, antes que ela pudesse recusar. Depois, como era previsível, segurou-lhe o braço. — O que você carrega na pasta? Tijolos?

— A lei é um negócio pesado, Muldoon. — O aperto da mão dele a forçou a diminuir o passo para acompanhá-lo. Ele passeava, enquanto Rachel

tinha vontade de correr. — Como vão as coisas com Nick?

— Melhores. Pelo menos, eu acho. Ele recusou a proposta de Rio de ensiná-lo a cozinhar, mas a ideia de atender às mesas não pareceu incomodá-lo. Ele ainda não fala comigo. Quero dizer, falar de verdade. Mas só tem uma semana.

— Vocês ainda têm sete pela frente.

— É. — Soltou o braço de Rachel por tempo suficiente para pegar umas moedas no bolso. Deixou-as no pote de um mendigo num gesto tão automático que deixava claro que aquilo era um hábito. — Levando em conta terem conseguido me transformar de recruta em marinheiro em mais ou menos o mesmo espaço de tempo, tenho grandes chances com ele.

— Você sente falta? — Inclinou a cabeça para olhá-lo. — De viver no mar?

— Agora, nem tanto. Às vezes, ainda acordo de madrugada e penso estar a bordo. — E os pesadelos? Mas um homem jamais admitiria isso a uma mulher. — Quando as coisas ficarem estáveis, planejo comprar um barco, tirar uns dois meses de folga e sair velejando pelas ilhas. Talvez um bom veleiro de 42 pés, nada muito sofisticado. — Já podia ver o pequeno veleiro bem cuidado, de resposta rápida ao toque, o mogno e o metal cintilantes, as velas brancas inflando-se ao vento. Imaginou que Rachel ficaria perfeita de pé no convés. — Você já velejou?

— Não, se excluirmos a balsa até Liberty Island.

— Você ia gostar. — Passou os dedos devagar por seu braço. — É o que você chamaria de válvula de escape.

Rachel achou melhor não comentar. Ao chegarem ao prédio, virou-se para ele, estendendo o braço para pegar a pasta.

— Obrigada pelas flores e pela companhia. Provavelmente, irei até o bar amanhã, depois do trabalho, conversar com Nick.

Em vez de lhe entregar a pasta, ele segurou-lhe a mão.

— Tirei folga hoje, Rachel. Gostaria de aproveitá-la com você.

A reação alarmada ao mesmo tempo o agradou e divertiu.

— Como assim?

— Talvez eu não tenha me expressado bem. Gostaria de passar a noite com você. Na verdade, várias noites seguidas, mas me satisfaço com uma. — Consegui enrolar uma mecha dos cabelos dela em torno do dedo antes de ela se lembrar de dar-lhe um tapa na mão. — Podemos comer, ouvir música. Conheço um lugar que tem os dois. Se a ideia de um programa a dois a deixa nervosa...

— Não estou nervosa. — Não exatamente, pensou.

— De qualquer modo, podemos considerar o encontro como algumas horas compartilhadas por duas pessoas com um interesse comum. Não vai doer se a gente se conhecer um pouco melhor. — Tirou o coringa da manga. — Pelo bem de Nick.

Ela o observou, como fizera com a testemunha que havia tão detidamente examinado no julgamento.

— Você quer sair comigo à noite pelo bem de Nick?

Entregando os pontos, ele sorriu.

— Droga, não. Tudo bem que algum respingo de benefício pode vir do encontro, mas queria sair com você por razões puramente egoístas.

— Entendo. Bem, já que não cometeu perjúrio, posso conseguir um acordo. Tem de ser uma saída cedo, num lugar onde possa me vestir à vontade. E você não vai... Qual expressão usaria? Forçar a barra.

— Você é dura, Sra. advogada.

— Você entendeu.

— Fechado — disse, entregando-lhe a pasta.

— Ótimo. Volte em vinte minutos. Estarei pronta.

Um bar, pensou Rachel meia hora depois. Deveria supor que Zack passaria a noite livre num ambiente parecido com aquele em que trabalhava. Na verdade, o lugar parecia mais um clube. Um conjunto com três músicos tocava blues num palco baixo e pequeno, e vários casais dançavam no minúsculo espaço rodeado por mesas. Pela saudação da garçonete, obviamente não era um desconhecido.

Em poucos minutos, estavam sentados numa mesa num canto escuro, ela com uma taça de vinho e ele com uma caneca de cerveja.

— Venho aqui por causa da música — explicou. — A comida também é boa, mas jamais comento isso com Rio.

— Considerando o modo como o vi fatiar o sanduíche, não posso recriminar você. — Estudou as poucas opções do cardápio. — O que recomenda?

— Confie em mim. — A coxa esbarrou na dela quando se moveu para mais perto para brincar com o brinco de pedras pendurado em sua orelha. Sorriu para os olhos estreitos. — E experimente o frango grelhado.

Descobriu poder confiar nele, pelo menos no que dizia respeito ao paladar. Saboreando a comida, embalada pela música, começou a relaxar.

— Você comentou que a Marinha era uma tradição familiar. Foi por esse motivo que se alistou?

— Eu queria dar o fora. — Tomou a segunda cerveja, gostando do modo como ela se deliciava com a refeição. Sempre sentira atração por mulheres com apetite. — Queria conhecer o mundo. Só ia servir por quatro anos, mas estendi o prazo.

— Por quê?

— Me acostumei a fazer parte de uma tripulação e gostei da vida. Olhar e não ver nada além do mar ou ver a terra se afastar ao zarpamos. Chegar no porto e me deparar com um lugar estranho.

— Em quase dez anos, imagino que tenha visto um monte de lugares.

— O Mediterrâneo, o oceano Pacífico, o oceano Índico, o golfo Pérsico. Congelei meus dedos no Atlântico Norte e vi tubarões se alimentarem no mar de Coral.

Ao mesmo tempo fascinada e curiosa, apoiou os cotovelos na mesa.

— Você notou não ter mencionado uma cidade? Por acaso, uma massa de água não é idêntica à outra do deque de um navio?

— Não. — Achava que não podia explicar, sabia não ser poético o bastante para descrever as diferentes tonalidades da água, os sutis níveis do poder das profundezas. A emoção experimentada ao presenciar os golfinhos nadarem ou ouvir o som das baleias. — Acho que dá para dizer que uma massa de água tem sua própria personalidade, exatamente como uma de terra.

— Você sente saudades...

— Parece que entra no sangue. E você? A advocacia faz parte da tradição da família Stanislaski?

— Não. — Por baixo da mesa, seu pé começou a acompanhar o som do baixo. — Meu pai é carpinteiro. E o pai dele também.

— Por que Direito?

— Porque cresci numa família que enfrentou a opressão. Escaparam da Ucrânia apenas com o que puderam carregar, num vagão, durante o inverno, atravessando as montanhas até finalmente chegarem à Áustria. Eu nasci aqui. Sou a primeira da família a nascer aqui.

— Do jeito como fala, parece se ressentir.

Ele era astuto, decidiu. Mais astuto do que imaginara.

— Acho que me ressinto por não pertencer aos dois lados. Eles nunca se esqueceram da experiência do gosto da liberdade pela primeira vez. Eu nunca conheci nada além da liberdade. Liberdade e justiça andam de mãos dadas.

— Tem gente que deve se perguntar o motivo de você não servir à justiça num escritório de advocacia bonito e confortável.

— Pode ser.

— Você recebeu ofertas. — Quando ela franziu a testa, ele deu de ombros. — Você está representando meu irmão. Eu investiguei você. Formou-se em primeiro lugar na sua turma, passou para a Ordem dos Advogados na primeira tentativa e depois recusou três ofertas bem remuneradas em prestigiados escritórios e optou por trabalhar ganhando uma bagatela como defensora pública. Ainda não sei se você é louca ou dedicada.

Engoliu a raiva e meneou a cabeça.

— E você deixou a Marinha com o peito cheio de medalhas, incluindo a Silver Star. Sua ficha inclui não apenas algumas reprimendas por insubordinação, mas uma carta pessoal de agradecimento de um almirante por sua coragem durante um resgate no mar em meio a um ciclone. — Divertindo-se ao constatar a ponta de embarço, levantou a taça num brinde. — Eu também investiguei.

— Estávamos falando sobre você.

— Não. Você estava. — Sorrindo, apoiou o queixo nas mãos. — Então, me conte, Muldoon, por que você se recusou entrar para a escola de oficiais?

— Eu não queria ser um maldito oficial — resmungou. Levantando-se, pegou-lhe a mão e a colocou de pé. — Vamos dançar.

Ela deu uma gargalhada, quando ele a levou para o salão cheio.

— Você ficou ruborizado!

— Não fiquei. E cale a boca.

Rachel fez uma careta.

— Deve ser incrível ser herói.

— O negócio é o seguinte. — Zack a segurou de leve pelos braços ao chegarem à pista de dança. — Você para de falar sobre medalhas e almirantes e eu não menciono que você foi oradora da classe na formatura.

Ela refletiu.

— Mais do que justo. Apesar de tudo, eu acho que...

Puxou-a para seus braços.

— Para de pensar.

Funcionou uma maravilha. No momento em que se viu pressionada contra ele, a mente desligou. Ainda podia ouvir a música, o saxofone baixinho, sedutor, a batida do baixo, o ritmo lento das notas do piano, porém toda a racionalidade sumiu.

Não estavam dançando. Rachel tinha certeza de que ninguém podia chamar esse abraço apertado, esse bambolear, de dança. Mas seria ridículo tentar se afastar quando havia tão pouco espaço. Afinal, respirar não tinha a menor importância. Não quando se podia sentir o próprio coração batendo contra as costelas.

Não tivera a intenção de apertar tão forte os braços em torno de seu pescoço, mas já que estavam ali, não fazia sentido retirá-los. Além do mais, se movesse os dedos só um pinguinho, eles poderiam escalar até os cabelos e descobrir a fascinação entre o contraste sedoso comparado ao corpo duro moldado ao seu.

— Você se encaixa. — Ele inclinou a cabeça e a boca ficou na altura de sua orelha. — Estava muito empolgado para ter certeza na outra noite. Mas achei que você se encaixaria.

Os movimentos sutis dos lábios contra sua pele a deixaram arrepiada, antes que pudesse evitar.

— O quê?

— Encaixe — repetiu, deixando as mãos descerem até os quadris e subirem novamente.

— É só porque estou na ponta dos pés.

— Querida, a altura não tem nada a ver com isso. — Esfregou o rosto em seu cabelo, inebriado com o perfume, a textura. — Você tem o toque certo, o cheiro certo, o gosto certo.

Abalada, desviou a cabeça, antes que a boca completasse a jornada até a lateral de seu rosto.

— Eu podia mandar prendê-lo por tentar me seduzir em local público.

— Não tem problema. Conheço uma boa advogada. — Enfiou os dedos por baixo do suéter de lã fina e sentiu a pele quente das costas.

Rachel inspirou fundo e a seguir expirou de modo instável.

— Vamos ser presos.

— Eu pago a fiança. — Rachel não usava nada debaixo do suéter, podia apostar. Sua boca parecia empoeirada, ressequida. — Quero ficar sozinho com você. — Abafando um gemido, curvou a cabeça para pressionar os lábios em seu pescoço. — Sabe o que eu faria com você agora, se estivéssemos sozinhos?

Tonta, sacudiu a cabeça.

— Melhor a gente se sentar. Não devíamos fazer isto.

— Quero tocar você, cada milímetro de seu corpo. E provar você. Quero deixar você louca.

Ele já conseguira. Se não conseguisse diminuir o ritmo, seu sobrecarregado sistema nervoso poderia explodir.

— Dois passos para trás — disse, respirando fundo e cumpriu a promessa. As mãos permaneceram em sua cintura, mas, pelo menos, ela podia voltar a respirar. Pelo menos, conseguiu respirar profundamente duas vezes antes de encará-lo e voltar a ficar com a respiração presa nos pulmões. — Demais, muito rápido, Muldoon. Eu não sou do tipo espontânea.

Não, era um vulcão pronto a entrar em erupção. Ele, com certeza, estaria por perto quando a terra começasse a tremer. Mas não pretendia assustá-la, tampouco.

— Ei, você precisa de tempo. Posso lhe dar uma hora. Duas, se quiser realmente me fazer sofrer.

Sacudiu a cabeça, voltando para a mesa.

— Vamos combinar o seguinte: eu aviso se e quando estiver pronta para ir mais adiante.

— Ela quer que eu sofra! — disse Zack, respirando fundo. Quando ela não sentou, ele pegou a carteira. — Suponho ter chegado a hora de ir embora.

— Voltaríamos cedo — lembrou-o. E queria, desesperadamente, sair para um lugar onde o ar pudesse esfriar seu sangue.

— Um acordo é um acordo. — Jogou as notas na mesa. — Por que não caminhamos até sua casa? Um pouco de exercício pode nos ajudar a dormir hoje.

Uma caminhada de vinte quadras, refletiu Rachel. Não lhe faria mal.

— Está com frio? — perguntou logo depois.

— Não. Está gostoso. — Independentemente da resposta, Zack passou o braço em seus ombros. — Nem sempre tenho a oportunidade de andar. Em geral, saio correndo do apartamento até o escritório, do escritório ao tribunal.

— E o que faz quando não está correndo?

— Vou ao cinema, olho as vitrines, visito a família. Na verdade, estava pensando se não seria bom para Nick ir comigo um domingo desses conhecer minha família. Comer a comidinha da minha mãe, ouvir uma das histórias de papai, ver como meus irmãos me enchem o saco.

Lançou-lhe um olhar.

— Acho que podemos arranjar um lugarzinho para o irmão de Nick.

— Faz muito tempo que eu... Que nós dois não participamos de uma refeição familiar. E o tira? Já estou vendo ele nos botando pra correr.

— Deixe Alex comigo. Eu cuido dele. — Agora que fizera a sugestão, a mente começou a funcionar a mil. — Sabe, Natasha e sua família devem nos visitar em duas semanas. A casa vai estar cheia e movimentada. Acho que seria a oportunidade perfeita para Nick participar de um ambiente familiar ao qual não está acostumado. Vou ver o que posso fazer.

— Eu sei que já lhe agradei, mas talvez não tenha dito o quanto valorizo o que está fazendo por ele.

— O tribunal...

— Isso é bobagem, Rachel. — Haviam chegado à frente do prédio e ele virou-a para encará-lo. — Você não está apenas preenchendo relatórios

semanais ou representando um cliente. Você se colocou à disposição de Nick desde o começo.

— Está bem. Confesso ter um fraco por garotos desajustados. Não conte a ninguém.

— Não, o que tem é classe e um bom coração. — Gostava do jeito dela naquela luz difusa, da vitalidade a pulsar como respiração, da energia e do embaraço em seus olhos. — É uma combinação difícil de encontrar.

Deu de ombros sob as mãos dele.

— Agora, você vai me fazer corar, Muldoon, então vamos jogar limpo. Se as coisas saírem do jeito como desejamos, você pode me oferecer mais flores ao final dos dois meses. Você não me deve nada. — Ele a deixou descer um degrau, mas depois a segurou firme. Estava pouco à vontade, mas não surpresa. — Ouça, foi ótimo, mas...

— Não achei que fosse me convidar para entrar.

— Não vou — disse, em tom definitivo, lembrando-se de como seu corpo reagira ao dele no clube lotado. — Não vou mesmo.

— Então, vou precisar cuidar disso aqui fora. Você sabe que não vou deixá-la ir embora sem um beijo, Rachel. — Para excitá-los, passou os lábios em seu queixo. — Especialmente quando basta tocá-la para saber que não sou o único a desejar.

— Isso nunca vai funcionar — murmurou, os braços já a enlaçá-lo.

— Claro que vai. Basta unirmos nossos lábios e o que acontecer, aconteceu.

Desta vez, sabia o que esperar e uniu-se a ele. Não fazia a menor diferença. O mesmo calor, a mesma pressa, a mesma força. O mesmo desejo alucinado, voraz. Ela dissera que era demais? Não, não o suficiente. Receava nunca se satisfazer. Como pudera viver toda a vida sem saber o que representava ter desejo sexual de verdade?

— Não vou me envolver — murmurou Rachel, a boca colada à sua. — Nem com você, nem com ninguém.

— Tudo bem. — Brutalmente, ele empurrou-lhe a cabeça para trás e atacou-a. Uma faísca entrou em erupção entre eles até ele se sentir marcado a fogo até os ossos. Soltou um grunhido ao senti-la morder-lhe impaciente o lábio inferior. Imagens começaram a desfilar em sua mente... Ele com ela no colo, carregando-a para dentro, atirando-se numa cama grande e macia. Fazendo amor com ela numa praia deserta de areia branca, o sol batendo em seu corpo nu, na pele dourada. Ondas golpeando o cais, enquanto ela gritava seu nome...

— Ei, cara!

A voz atrás dele não passava de um irritante zunido em sua cabeça. Zack a teria ignorado com prazer se não sentisse a ponta de uma faca nas costas. Mantendo Rachel atrás dele, virou-se e olhou para o rosto pálido e com olheiras do assaltante.

— Que tal eu deixar você ficar com a gatinha e você me passar a carteira? A dela também. — O assaltante moveu a faca, a fim de que a luz da rua brilhasse no aço. — E rápido.

Bloqueando Rachel com o corpo, Zack enfiou a mão no bolso traseiro. Podia ouvir a respiração ofegante de Rachel ao abrir a bolsa. Não por impulso, mas por instinto, Zack atacou o assaltante no momento em que ele desviou o olhar.

Com um grito na garganta e o frasco de gás paralisante na mão, Rachel contemplou a luta. Viu o brilho da faca e ouviu o horrível barulho do punho contra o osso antes de a lâmina cair na calçada. Em seguida, o assaltante corria no escuro e ela e Zack estavam sozinhos como há segundos.

Ele voltou-se para ela. Estranho, mas nem ofegava e o brilho nos olhos se aguçara um pouco mais.

— Onde paramos?

— Seu idiota! — As palavras mal passavam de um murmúrio ao tentar pronunciá-las, a garganta contraída de medo. — Não sabe que não pode pular em cima de alguém armado com uma faca? Ele podia ter matado você!

— Não tenho a menor vontade de perder minha carteira. — Fitou o frasco em sua mão. — O que é isso?

— Gás paralisante. — Furiosa por não ter, ao menos, tirado a tampa de segurança, devolveu o frasco à bolsa. — Eu teria jogado na cara dele se você não tivesse ficado no meu caminho.

— Da próxima vez, eu me afasto e deixo você cuidar de tudo. — Franziu a testa, ao ver um fio de sangue no punho e xingou sem muita ênfase. — Acho que ele me furou.

Rachel empalideceu.

— Você está sangrando.

— Achei que o sangue era dele. — Mais irritado do que ferido, enfiou o dedo através do rasgão na manga do suéter. — Comprei este suéter em Corfu, na minha última viagem. Droga! — Os olhos estreitaram-se. Correu os olhos pela rua, pensando se teria chance de alcançar o assaltante e fazê-lo pagar pelo suéter, não apenas pelo valor afetivo, mas pelo material.

— Deixe-me ver. — Os dedos tremiam ao levantar a manga para examinar o comprido corte superficial. — Seu idiota! — voltou a repetir e começou a mexer na bolsa procurando as chaves. — Você tem de entrar e deixar eu cuidar disso. Não posso acreditar que tenha agido de forma tão estúpida!

— Era uma questão de princípios — argumentou, mas calou-se diante da torrente de palavras ucranianas que ela dizia enquanto enfiava a chave na fechadura.

— Inglês — falou, apertando a mão no estômago, quando começou a sentir um nó a se formar. — Use inglês. Você não sabe o efeito que me causa quando fala russo.

— Não é russo. — Segurando-lhe pelo braço bom, empurrou-o para dentro. — Você está se exibindo, só isso. Ah, igualzinho a todos os homens! — Ainda a empurrá-lo, entrou no elevador.

— Desculpe. — Ele estava tentando conter um sorriso, tentando parecer humilde. — Não sei o que me deu. — Com certeza, não ia admitir ter sofrido

cortes mais feios ao se barbear.

— Testosterona — resmungou, entre os dentes. — Você não pode fazer nada. — Manteve a mão firme nele até entrarem no apartamento. — Sentado! — ordenou e correu para o banheiro.

Zack se acomodou, como se estivesse em casa, colocou o pé na mesinha de centro.

— Talvez eu deva tomar um *brandy*! — gritou. — Caso eu entre em choque.

Rachel voltou às pressas com ataduras e um pequeno recipiente contendo água e sabão.

— Você está enjoado? — Novamente apavorada, colocou a mão em sua testa. — Está tonto?

— Deixe ver. — Sempre disposto a tirar vantagem de qualquer oportunidade, pegou um cacho de seu cabelo e puxou-a para beijá-la. — Sim. Acho que poderia dizer que estou um pouco tonto.

— Bobo. — Colocou a mão dele de lado e sentou-se, a fim de limpar a ferida. — Podia ter sido sério.

— Foi sério — retrucou. — Odeio alguém me cutucando nas costas com uma faca quando estou beijando uma mulher. Querida, se não parar de tremer, vou ter de pegar um *brandy* para você.

— Não estou tremendo. E se estiver, é de raiva. — Jogou o cabelo para trás e o fitou. — Nunca mais repita isso.

— Pois não, minha comandante.

Para se vingar do deboche, jogou iodo na ferida. Quando ele soltou um palavrão, foi sua vez de sorrir.

— Bebezão! — disse, em tom de acusação, mas depois ficou com pena e soprou. — Agora, fique parado até eu enfaixar seu pulso.

Ele a viu trabalhar. Era muito agradável sentir-lhe os dedos na pele. Parecia tão natural ele se inclinar para morder-lhe a orelha!

O fogo desceu-lhe pela espinha.

— Não. — Afastando-se para ficar fora de seu alcance, cobriu o curativo com a manga. — Não vamos recomeçar. Não aqui. — Porque se fizessem isso, ela sabia que não teria escapatória.

— Quero você, Rachel. — Tomou-lhe as mãos, antes que ela pudesse se levantar. — Quero fazer amor com você.

— Eu sei o que você quer. Preciso saber o que eu quero.

— Antes de sermos interrompidos lá embaixo, achei que fosse evidente.

— Para você, talvez. — Depois de respirar fundo, soltou as mãos e se levantou. — Eu disse a você que não ajo de forma impensada. E, com certeza, não arrumo amantes por impulso. Se agir baseada na atração que sinto por você, farei isso com a mente clara.

— Eu acho que não tenho a mente clara, desde que pus os olhos em você. — Ele também se levantou. De repente, parecia importante para ambos manterem a distância. — Sei que dizem que caras como eu têm uma mulher em cada porto. Não é verdade. Pelo menos, não no que me diz respeito. Não vou dizer que passei cada momento de folga entregue à leitura de um bom livro, mas...

— Não é da minha conta.

— Começo a achar que é. Ou poderia ser. — O olhar a advertiu: era melhor não discutir. — Estou em terra há dois anos e nunca tive ninguém importante. — Não podia acreditar no que dizia, no que se sentia compelido a dizer, mas as palavras simplesmente saíram. — Quero que um raio me parta se já tive alguém como você na minha vida.

— Tenho prioridades... — começou. As palavras pareciam sem sentido. — E não sei se quero este tipo de complicação no momento. Temos de pensar em Nick também. Acho melhor irmos com calma.

— Iremos com calma — repetiu. — Não posso prometer. Mas posso prometer que, na primeira chance em que estivermos só nós dois, vou me empenhar para você colocar de lado essas suas prioridades.

Rachel enfiou as mãos nervosas nos bolsos.

— Agradeço o aviso, Muldoon. E vou lhe dar um também. Eu não mudo de ideia com facilidade.

— Ótimo. — Deu um sorriso antes de se dirigir à porta. — Não tem graça ganhar se for fácil. Obrigado pelos primeiros socorros, Sra. advogada. Tranque a porta. — Fechou-a com suavidade e decidiu ir andando para casa.

Nesse ritmo, ele não ia conseguir dormir nunca.

CAPÍTULO CINCO

Rachel não o estava evitando. Não exatamente. Estava ocupada, só isso. A carga de trabalho não lhe deixava tempo livre para passar no bar de Zack toda noite e papear com os frequentadores assíduos. Havia passado por lá uma ou duas vezes para conversar com Nick na cozinha. Se conseguira entrar e sair sem esbarrar em Zack, fora pura coincidência. E por um instinto de sobrevivência saudável. Se deixava a secretária eletrônica registrar os telefonemas, era simplesmente por não querer ser perturbada de maneira desnecessária.

Além disso, ele não telefonara. Que idiota!

Pelo menos, estava fazendo progressos no que dizia respeito a Nick. Ele telefonara duas vezes. Uma vez para o trabalho e outra para casa. Achou a sugestão de irem juntos ao cinema um bom sinal. Afinal, se saísse com ela, ficaria afastado dos *Cobras* e de qualquer espécie de confusão.

Depois de noventa minutos de perseguições de automóveis, tiros e todo tipo de mutilações do filme de ação-aventura escolhido por ele, sentaram-se numa pizzaria bem iluminada.

— E aí, Nick? Conte como vão as coisas. — A resposta foi um dar de ombros, mas Rachel apertou-lhe o braço e insistiu. — Vamos lá, você teve duas semanas para se acostumar às novidades. Como se sente a respeito?

— Podia ser pior. — Nick pegou um cigarro. — Não é tão ruim ter um trocado no bolso e Rio não é má pessoa. Não fica no meu pé o tempo todo.

— E Zack fica?

Soltou uma baforada. Gostava de olhá-la através da nuvem de fumaça. Parecia mais misteriosa, mais exótica.

— Talvez tenha afrouxado um pouco. Mas hoje, por exemplo, é meu dia de folga, certo? Ele quer saber aonde vou, com quem estou, quando vou voltar.

Esse tipo de mer... — Ele se tocou. — Esse tipo de coisa. Puxa, vou fazer 20 anos em dois meses. Não preciso de babá!

— Ele é um cara insistente — comentou, tentando encontrar o equilíbrio entre a simpatia e a severidade. — Mas não é apenas responsável por você aos olhos da lei; ele se preocupa com você. — Como o muxoxo como resposta pareceu mais automático do que sincero, riu. — Tem um estilo meio rude, mas não posso negar que suas intenções sejam boas.

— Ele precisa me dar mais espaço.

— Você vai ter de conquistá-lo. — Apertou-lhe a mão para reforçar as palavras. — O que você lhe contou sobre hoje?

— Disse que tinha um encontro e que me deixasse em paz. — Nick sorriu, satisfeito ao ver o bom humor nos olhos de Rachel. Ficaria muito desapontado se percebesse que ela havia achado estranho o termo encontro. — Ele tem a vida dele e eu a minha. Entende o que estou dizendo?

— Claro. — Soltou um suspiro de satisfação, quando a pizza chegou. — E o que planeja fazer da sua vida, Nick?

— Acho que vou deixar o barco correr.

— Não tem ambições? — Deu a primeira dentada, enquanto o fitava. — Não tem sonhos?

Algo brilhou em seus olhos antes de abaixá-los.

— Não quero passar a vida servindo drinques, com certeza. Zack pode ficar com isso. — Depois de apagar o cigarro, se serviu da pizza. — E também não vou para a maldita Marinha. Ele veio com esse papo outro dia e eu dei dois berros dizendo que podia esquecer.

— Bem, você parece saber o que não quer. Já é um passo.

Mexeu no pequeno anel de prata na mão de Rachel.

— Você sempre quis ser advogada?

— Quase sempre. Por um tempo, quis ser bailarina, como minha irmã. Quando tinha 5 anos. Só precisei de três aulas para descobrir que dançar não era só tutus e sapatilhas de ponta. Depois, achei que podia ser carpinteira,

como os homens da minha família, então pedi uma caixa de ferramentas de aniversário. Acho que tinha 8 anos. Consegui construir uma estante de livros razoável, antes de me aposentar. — Riu e o coração dele bateu acelerado. — Demorei um tempo para chegar à conclusão de que não podia ser o que Natasha era, ou papai ou mamãe ou outra pessoa qualquer. Precisava encontrar meu próprio caminho — disse, descontraída, esperando que o conceito criasse raízes.

— Então, você foi para a faculdade de Direito?

— Sim. — Os olhos brilharam ao observá-lo. — Você pode manter um segredo?

— Claro.

— Perry Mason. — Rindo de si mesma, devorou outro pedaço de pizza. — Fiquei fascinada ao ver aquele seriado antigo. Você sabe, sempre tinha um assassinato e Perry pegava o caso quando o cliente parecia sem salvação. O sargento Tragg tinha todas as provas e Perry mandava Della e Paul Drake saírem à procura de pistas para provar a inocência do cliente. Depois, iam para o tribunal. Montanhas de objeções e "Meritíssimo, como de hábito, o defensor público está transformando esse julgamento num circo." Perry parecia estar em maus lençóis. Era obrigado a se confrontar com o promotor presunçoso.

— Hamilton Berger — falou Nick, sorrindo.

— Certo. Perry aguentava firme, dando dicas sutis para Della, sem nunca deixar escapar tudo. Só a gente sabia que ele tinha todas as respostas, mas ele as mantinha em sigilo. Depois, sempre na última hora, levava o verdadeiro assassino ao banco de testemunhas e o apertava tentando extrair-lhe a verdade, até o safado desmoronar como um castelo de cartas e confessar tudo.

— Aí, ele explicava como tinha descoberto tudo no epílogo — terminou Nick, para ela. — E você quis ser Perry Mason.

— Pode apostar — concordou Rachel, dando outra dentada na pizza. — Quando me dei conta de que não era tudo preto no branco e, com certeza, não tão limpo, já tinha sido fígada.

— Ray Charles — disse Nick, como se falasse sozinho.

— O quê?

— Você me fez pensar em como ouvir Ray Charles me fez querer tocar piano.

Rachel repousou o queixo nas mãos cruzadas e tentou fazê-lo se abrir um pouco mais.

— Você toca?

— Não de verdade. Costumava achar que seria bem legal. Algumas vezes, entrava numa loja e ficava lá até me botarem para fora. — A dor do constrangimento o fez tentar encerrar o assunto. — Já superei isso.

Mas, quando Rachel tomava uma decisão, não era fácil ser demovida.

— Eu sempre quis ter aprendido a tocar. Tash deu um piano para minha mãe alguns meses atrás, quando descobrimos que ela sempre quis tocar. Todos esses anos em que crescíamos, ela nunca mencionou nada. Todos esses anos...

— As palavras sumiram e sacudiu a cabeça como para colocar de lado o assunto. — Minha irmã se casou com um músico. Spencer Kimball.

— Kimball? — Nick arregalou os olhos, antes que pudesse evitar. — O compositor?

— Você conhece o trabalho dele?

— Claro. — Tentou não demonstrar muita empolgação. Um cara não podia admitir ouvir música clássica, só *heavy metal*. — Um pouco.

Encantada com a reação dele, Rachel continuou, no mesmo tom casual.

— Numa de nossas visitas para ver Tash e a família, pegamos mamãe ao piano. Ela ficou encabulada e repetia ser velha demais para aprender, que era tolice. Mas Spence se sentou com ela para mostrar alguns acordes e você podia ver, realmente era evidente o quanto ela queria aprender. Então, no Dia das Mães, montamos um plano elaborado para tirá-la de casa por algumas horas. Enfim, quando voltou, o piano estava na sala de estar. Ela chorou. — Rachel piscou para esconder as lágrimas e suspirou. — Agora, tem aula duas vezes por semana e está ensaiando para o primeiro recital.

— Maneiro! — exclamou Nick, secretamente tocado.

— Sim, muito maneiro. — Sorriu para ele. — Acho que isso prova que nunca é tarde demais para tentar. — Quando ela lhe ofereceu a mão, queria que ele interpretasse o gesto como sinal de amizade e apoio. — O que você acha de sairmos dessa pizzaria?

— Claro. — Os dedos se entrelaçaram aos dela e Nicholas LeBeck entrou no paraíso.

Estava contente em ouvir sua conversa, em deixar o riso dela contagiá-lo. Mesmo as lembranças das garotas com quem saíra de vez em quando desapareceram. Não eram nada comparadas à mulher caminhando ao seu lado, magra, meiga e cheirosa.

Ela prestava atenção no que ele falava. E se interessava pelo que ele tinha a dizer. Quando sorria, com aqueles exóticos olhos cintilantes, alegres, o estômago dele parecia se retorcer e formar nós.

Poderia caminhar com ela por horas.

— Bem, é isso.

Nick parou de repente, quase no mesmo lugar em que o irmão parara poucas noites antes. Quando o olhar dele percorreu o prédio às suas costas, imaginou como seria se ela o convidasse para subir. Tomariam café, ela tiraria os sapatos e colocaria para cima aquelas longas pernas enquanto conversavam.

Seria cuidadoso com ela, até mesmo gentil. Quando o nervosismo cessasse.

— Estou contente por termos saído — disse, já pegando as chaves. — Se voltar a se sentir inquieto ou tiver vontade de conversar com alguém, me ligue. Quando eu apresentar meu relatório para a juíza Beckett amanhã, acho que ela vai ficar contente em saber o rumo que as coisas estão tomando.

— E você está? — Os olhos dele aprisionaram os seus ao esboçar o gesto de tocar seus cabelos. — Satisfeita com o rumo das coisas?

— Claro. — Um alarme interior soava, mas o desconsiderou, julgando-o absurdo. — Acho que você deu um passo rumo à direção certa.

— Eu também.

O alarme continuava a soar quando ela recuou.

— Vamos sair de novo em breve, mas preciso entrar agora. Tenho uma reunião de manhã cedo.

— Está bem. Eu ligo para você.

Vacilou ao sentir a mão descer e segurar-lhe o pescoço.

— Ah, Nick...

A boca de Nick fechou-se sobre a sua, muito quente, muito firme. Os olhos dela continuaram abertos, chocados enquanto a mão pressionava com força seu ombro. Os dedos seguraram-lhe o pescoço e ela sentiu o corpo muito magro e muito duro, antes de conseguir se afastar.

— Nick... — repetiu, hesitante.

— Tudo bem. — Sorriu. Colocou o cabelo dela atrás da orelha de um jeito que a fez lembrar-se de Zack. — Entro em contato.

E foi embora. Não... Meu Deus, estava delirando, pensou Rachel ao olhá-lo. Com a mente rodopiando, entrou.

— Puxa vida! — suspirou, caminhando para o elevador.

E agora? E agora? Como pudera ser tão estúpida? Amaldiçoando-se, entrou no elevador e no apartamento. Mas a situação era fantástica, simplesmente fantástica. Tentava fazer amizade com Nick ao passo que, durante todo o tempo, ele pensava...

Não queria supor o que ele estivera pensando. Sem tirar o blazer, andou de um lado para outro. Precisava encontrar um modo razoável e diplomático de lidar com a situação, disse a si mesma. Ele tinha só 19 anos, sentira atração e ela estava dramatizando.

Depois, lembrou-se daqueles dedos flexíveis em sua nuca, da firme pressão dos lábios, do jeito silencioso e hábil com que a puxara contra si.

Errado, pensou Rachel, fechando os olhos. Não estava lidando com um amor infantil, mas com o desejo de um homem adulto.

Atirando-se no braço do sofá, passou as mãos pelo cabelo. Deveria ter percebido. E não deveria ter deixado chegar a tal ponto. Deveria ter feito um

monte de coisas.

Depois de vinte minutos de autopunição, pegou o telefone. Podia estar atolada na areia movediça, mas não ia afundar sozinha.

Lower the Boom.

— Deixe-me falar com Muldoon — disse, irritada com o som de risos e conversa de bar percebido através do aparelho. — É Rachel Stanislaski.

— Já vai. Ei, Zack, ligação para você. É sua garota.

— Garota? — pensou Rachel, franzindo a testa. — Garota? — repetiu em voz alta, no momento em que Zack atendeu.

— Oi, fofinha, não sou responsável pelas opiniões de meus barmen. — Tomou um gole de água mineral. — Então, finalmente, você se deu conta de não poder ficar longe de mim?

— Não enche, Muldoon. Precisamos conversar. Hoje.

Zack parou de sorrir e mudou o telefone de orelha.

— Algum problema?

— Pode ter certeza.

— Nick entrou há alguns minutos. Parecia bem quando subiu.

— Ele está lá em cima? Certifique-se de que fique lá. Eu estou indo. — Desligou antes que ele pudesse fazer qualquer pergunta.

Não foi exatamente do jeito como planejara, refletiu Zack, enquanto preparava dois coquetéis de menta. Usara como estratégia o afastamento por poucos dias, para deixar Rachel cozinhando em fogo brando. Até que ela atingisse a fervura e o procurasse.

Ela não parecia solitária, excitada ou vulnerável. Parecia louca de raiva.

Ergueu os olhos para o teto, imaginando o apartamento acima e adicionou automaticamente um pedaço de limão num copo de club soda. Obviamente, tinha a ver com Nick. Onde diabos o garoto passara toda a noite?

Em que tipo de encrenca se metera dessa vez? Sem prestar muita atenção, Zack pegou um pedido de dois chopes, uma margerita com gelo e um café puro. Devia estar enganado. O garoto não parecia estar encrencado, concluiu. Pelo contrário: Nick parecia relaxado, calmo, até mesmo bem-humorado quando foi para o apartamento. Zack lembrou-se de ter pensado que o encontro fora um sucesso absoluto. E esperara que fosse capaz de descobrir o nome da garota do irmão, assim como outras informações mais importantes.

Acreditava que Nick não precisasse de aulas explicativas sobre de onde vêm os bebês, mas esperava dar-lhe algumas instruções sobre responsabilidade, proteção e respeito.

Uma namorada firme, um emprego fixo, um lar estável. Tudo parecia vir em conjunto. Então, por que não?

Os pensamentos foram interrompidos quando, ao levantar o olhar, viu Rachel entrar, o rosto afogueado devido à noite fria, os olhos dardejantes. Ao atravessar a sala, tirou a jaqueta, exibindo um daqueles suéteres finos que costumava usar. Da cor de um bom vinho tinto, na altura dos quadris, exibia um decote drapeado que caía suavemente sobre os seios. Para combinar, uma calça legging preta torneava aquelas pernas de primeira.

Zack se controlou para não deixar pender a língua.

Parou no bar e imediatamente o fitou.

— Em seu escritório. — Sem esperar resposta, saiu andando.

— Muito bem... — Lola viu Rachel abrir a porta do escritório de Zack e fechá-la com estrondo. — Parece que a moça tem algo em mente.

— É. — Zack colocou o último copo na bandeja de Lola. Só podia imaginar uma bomba prestes a explodir. — Se Nick descer, diga que estou ocupado.

— Você é o chefe.

— Certo. — E pretendia continuar sendo o chefe. Saiu do bar e, respirando fundo, marchou para o escritório.

Rachel tinha posto a jaqueta e a bolsa de lado e caminhava de um lado para o outro. Quando a porta abriu, ela parou, jogou o cabelo para trás e lançou-lhe um olhar assassino.

— Você nunca conversa com ele? Não está fazendo o menor esforço para descobrir o que se passa na cabeça dele? Afinal, que espécie de tutor é você?

— De que diabos está falando? — Levantou as mãos, irritado. — Não vejo ou ouço você há dias e, de repente, você entra como um furacão disposta a gritar comigo. Esfrie a cabeça, Sra. advogada, e lembre-se de que não sou um criminoso no banco dos réus.

— Quem é você para me mandar esfriar a cabeça? — retrucou. Era bom, realmente bom, botar para fora a culpa e a frustração numa disputa acalorada. — Eu é que terei de lidar com ele. E, se você se comportasse como irmão para valer, saberia. Poderia ter me avisado!

Como sua confiança como irmão ainda não estava consolidada, deixou escapar um impropério. Rachel fez o mesmo, quando ele a atirou numa cadeira.

— Sente-se e comece do início. Presumo que esteja falando de Nick.

— Claro que estou falando de Nick. — Ergueu-se novamente e novamente foi empurrada na cadeira. — Não tenho mais nada para discutir com você.

— Por enquanto, vamos deixar isso de lado. Afinal, o que eu deveria saber e ter avisado a você?

— Que ele... Ele... — Deixou escapar um suspiro, procurando a frase apropriada. — Que ele tinha começado a pensar em mim como mulher.

— E como diabos deveria pensar em você? Como um atum?

— Quero dizer como mulher — disse, entre os dentes. — Preciso soletrar para você?

Ele ergueu as sobrancelhas depressa, depois as abaixou buscando um cigarro.

— Não seja idiota, Rachel. Ele só tem 19 anos. Não estou dizendo que ele é cego e não acha você bonita. Mas tem uma namorada. Saiu com ela hoje à noite.

— Seu idiota! — Voltou a se levantar e, desta vez, enfiou a mão fechada em seu peito. — Ele saiu comigo hoje.

— Saiu com você? — Franzindo a testa, Zack a observou. — Para quê?

— Fomos ao cinema, comemos pizza. Eu queria sair com ele para conversar, de maneira informal. Então, aceitei quando ele me convidou.

— Uma coisa de cada vez. Nick ligou para você e a convidou para sair.

— Não era um encontro amoroso. Pelo menos, não achei que fosse. — Como ela não viu nada por perto para chutar além da canela de Zack, voltou a andar em círculos pelo escritório. — Achei que se pudéssemos desenvolver um relacionamento, uma amizade — corrigiu às pressas — seria mais fácil para todos.

Pensativo, Zack deu uma tragada no cigarro.

— Parece razoável. Então, vocês pegaram um cineminha e comeram pizza. Qual o problema? Ele se meteu numa briga, lhe trouxe problemas? — Parou, alarmado. — Vocês encontraram um dos *Cobras*?

— Não, não, não... — Irada, rodopiava na sala. — Você não está prestando atenção ao que digo? Falei que ele estava pensando em mim como mulher... Como namorada. Como... Ai, céus! — Respirou fundo. — Ele me beijou.

Os olhos de Zack se transformaram em fendas sombrias, perigosas.

— Como assim beijou?

— Você está cansado de saber o que é um beijo. Você coloca os lábios nos de outra pessoa. — Afastou-se e depois retornou. — Eu devia ter percebido, mas não percebi. Depois, antes que me desse conta do que ele estava pensando, paf!

— Paf! — repetiu Zack, tentando manter a calma. Foi sua vez de rodopiar pela sala, esbarrando os ombros nos dela. — Está bem, ouça, acho que você

está fazendo tempestade em copo d'água. Ele lhe deu um beijo de boa-noite. É um gesto natural. Ele é só um garoto.

— Não! — exclamou Rachel, e o tom de voz fez Zack voltar-se e encará-la.
— Ele não é um garoto.

Queria dar vazão à raiva, mas a voz soou mortalmente calma.

— Ele tentou...?

— Não. — Reconhecendo os sinais, interrompeu-o. — Claro que não. Só me beijou. Mas foi o jeito... Ouça, Zack, eu sei a diferença entre um beijo de boa-noite entre amigos e, bem, uma investida. E posso lhe afirmar que o de Nick foi uma investida bastante insinuante.

— Fico feliz em saber.

De súbito esgotada, caiu sentada na beirada da mesa.

— Não sei o que fazer.

— Vou dar um jeito nele.

— Como?

— Não sei como — retrucou, apagando o cigarro. — Só me faltava ter de competir com meu irmão caçula.

A insinuação implícita a irritou.

— Não sou um troféu, Muldoon.

— Não quis dizer... — Sacudindo a cabeça, inclinou-se na mesa a seu lado. — Olha, isso me deixou abalado, é claro. Achei que Nick estava passando o tempo com alguma adolescente bonita cujo pai a quisesse em casa à meia-noite e, agora, descubro que ele estava cantando você. Se não fosse meu irmão, eu ia acabar com ele... só um pouquinho.

— Típico — murmurou.

Ignorou o comentário e tentou raciocinar.

— Talvez seja natural ele desenvolver, ou pensar ter desenvolvido, algum sentimento por você. Não acha?

— Talvez. — Inclinou a cabeça para fitá-lo. — Eu não quero magoá-lo.

— Nem eu. Você podia se afastar, evitá-lo, como tentou fazer comigo.

— Tenho andado ocupada. — Com dignidade, levantou o queixo. — E não estávamos falando a seu respeito. De qualquer modo, já considereei essa opção, mas eu sou a cotutora dele. Não posso exercer minha função a distância. Além disso, ele conversou comigo ontem à noite. Realmente conversou, relaxou e me mostrou um pouco do que se esconde atrás da atitude desafiadora. Se eu lhe der um corte agora, quando começa a se abrir e confiar em mim, não sei os danos que isso lhe causará.

— Você não pode encorajá-lo, Rachel.

— Eu sei. — Queria recostar a cabeça nos ombros de Zack, só por um minuto. Em vez disso, mirou as mãos. — Preciso encontrar um jeito de deixar claro que só quero ser sua amiga, só amiga, sem arrasar seu ego.

Zack segurou-lhe a mão e, como ela não a puxou, entrelaçou os dedos nos seus.

— Vou conversar com ele. Com calma — acrescentou, ao ver Rachel franzir a testa.

— Na verdade, tentei jogar toda a responsabilidade no seu colo, mas, quanto mais penso a respeito, mais tenho certeza de que ele se ressentiria se fosse você a conversar com ele. Como você pode lhe dizer que eu não estou interessada, sem deixá-lo saber termos discutido sobre isso? — Fechou os olhos. — Não estou confortável nessa situação, tampouco.

— Você precisava me dizer.

— É, acho que sim. Assim como acho que vou ter de dar um jeito de descobrir como me comportar.

Ele passou o polegar nas articulações de seus dedos.

— Estamos juntos nessa, lembra-se?

— Como posso esquecer? Mas você e Nick estão começando a entrar nos eixos. E isso pode abalar as estruturas. Acho melhor tentar contornar sozinha a situação. — Um sorriso dançou nos cantos de sua boca. — Acho que lhe devo um pedido de desculpas por vir aqui e atacá-lo.

— Só assim para você vir aqui. Vamos dar um jeito. — Levou-lhe a mão aos lábios apreciando o modo como os olhos dela se tornaram sombrios e cautelosos. — Você o dispensa sutilmente e eu o deixo descontar em mim. Afinal, não posso culpar o garoto por tentar, quando estou fazendo o mesmo.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. — Afastou-se da mesa, mas ele manteve a mão entre as suas.

— Fico contente em saber. Está se sentindo melhor?

Rachel curvou os lábios.

— Brigar sempre me faz sentir melhor.

— Então, gatinha, quando terminarmos, você vai estar se sentindo esplêndida. Não quer esperar umas duas horas até eu fechar o bar?

— Não. — O coração quase parou diante da ideia. Um bar escuro, vazio, o som de blues no *jukebox*, o mundo trancado do lado de fora. — Não, preciso ir.

— Alguns funcionários faltaram hoje, senão a levaria para casa. Coloco você no táxi.

— Posso pegar um táxi sozinha.

— Está bem. Num minuto. — Pegou-a pelos quadris, suspendeu-a e sentou-a na mesa. — Senti sua falta — murmurou, cheirando-lhe o pescoço.

Sem pensar, e ele certamente possuía o dom de fazê-la parar de pensar, inclinou a cabeça para dar-lhe mais acesso à sua pele.

— Tenho andado ocupada.

— Não duvido de que tenha andado ocupada. — Mordiscou-lhe o lóbulo da orelha. — Mas tem andado teimosa. Gosto dessa sua característica, Rachel. Nesse exato momento, não posso imaginar uma maldita coisa que não goste em você.

Foi um erro. A qualquer instante, ela se lembraria o porquê do erro. Tinha certeza.

— Você só quer me levar para a cama.

Os lábios curvaram-se antes de descerem ao encontro dos seus.

— Ah! — Agarrou-lhe os cabelos e um gemido profundo de prazer saiu de sua garganta quando ela se arqueou. — Estou obtendo sucesso?

— Você está tornando as coisas muito difíceis para mim.

— Ótimo. Isso é ótimo. — Estava prestes a pressionar-lhe as costas contra a mesa e a fazer tudo o que fantasiara durante aquelas longas e escuras noites em que, deitado sozinho, na cama pensava nela. E ela suspirou. O som macio e entrecortado parecia dilacerá-lo por dentro. Soltando um rugido, mergulhou o rosto em seus cabelos. — Eu sempre escolho bem os lugares — murmurou. — Na calçada com o assaltante, em meu escritório com o bar cheio de clientes do outro lado da porta. Toda vez que você está por perto começo a agir como um adolescente no banco traseiro de um carro estacionado.

Precisava se concentrar até mesmo para respirar. Enquanto ele continuava a segurá-la, só segurá-la, ela se pegou acariciando-lhe o cabelo, contando as batidas de seu coração, aconchegando-se a ele de um modo totalmente distinto da chama do momento anterior.

Estava certa quanto à areia movediça, percebeu. E certa em não afundar sozinha.

— Não somos crianças — murmurou.

— Não, não somos. — Sem estar seguro de poder confiar em si, recuou, segurando-lhe as mãos. — Sei que estou indo rápido demais e sei o quanto é complicado, mas quero você. Não há como negar.

— Eu sabia que isso aconteceria se viesse hoje aqui. Mesmo assim, vim. — Confusa, balançou a cabeça. — Eu não sei o que isso quer dizer. Não sei se é muito esperto de minha parte e, normalmente, sou esperta. A melhor coisa a fazer é sair porta afora e ir para casa.

Segurando-lhe as mãos, puxou-a da mesa, aproximando-a novamente.

— O que você vai fazer?

Ela vacilou equilibrando-se na tênue linha entre a tentação e o bom senso. Imagens do que poderia acontecer atordoavam-lhe a cabeça, deixando-a com a

garganta seca. Consequências... Ela não podia vê-las com clareza, mas sabia existirem. E tinha medo de serem demasiadamente sérias.

— Vou sair e ir para casa. — Deixou escapar um suspiro inseguro, quando ele nada disse. — Por enquanto.

Pegou a jaqueta e a bolsa. Ao alcançar a saída, a mão dele cobriu a sua na maçaneta. Um arrepio de excitação percorreu-lhe a espinha, ao supor que ele, simplesmente, trancaria a porta.

Ela não permitiria. Claro que não permitiria. Ou permitiria?

— Domingo — foi tudo o que ele disse.

Os pensamentos desordenados tentavam compreender o sentido da palavra.

— Domingo?

— Posso mudar de turno e tirar o dia de folga. Passe o domingo comigo.

Alívio. Confusão. Prazer. Não fazia ideia de qual emoção preponderava.

— Você quer passar o domingo comigo?

— Quero. Sabe, visitar uns dois museus, talvez uma galeria de arte, dar uma caminhada no parque, almoçar num lugar legal. Acho que fiz planos para quase todo o tempo que passaremos juntos, mas deixei de lado o anoitecer.

Estranho... Isso não tinha lhe ocorrido antes.

— Imagino que sim.

— Que tal passarmos o domingo juntos?

— Eu... — Não podia imaginar nenhuma razão para recusar. — Está bem.

Que tal passar lá em casa por volta das 11 h?

— Estarei lá.

Rachel girou a maçaneta e virou-se para olhá-lo.

— Museus? — perguntou, com uma gargalhada. — Você está de gozação, Muldoon?

— Por acaso, sou admirador da arte — falou, inclinando-se para tocar-lhe os lábios num beijo suave que a deixou nas nuvens. — E da beleza.

Escapou rápido. Enquanto caminhava até a esquina para chamar um táxi, lhe ocorreu ainda não ter decidido a melhor maneira de lidar com Nick. E, com certeza, não decidira a melhor maneira de lidar com o irmão mais velho de Nick.

CAPÍTULO SEIS

Rachel praguejava quando o interfone tocou às 11 h em ponto. Prendendo um brinco, apertou o interfone.

— Muldoon?

— Você parece estar sem fôlego, gatinha. Devo interpretar isso como um cumprimento?

— Suba — falou, curta e grossa. — E não me chame de gatinha.

Depois de bater o interfone no gancho, soltou as três trancas de segurança e deu uma última olhada no espelho. Esquecera o outro brinco. Resmungando, deu uma busca rápida e o encontrou na bancada da cozinha, ao lado da xícara de café vazia.

Caramba, hoje era seu dia de folga! E ela se ressentia por ter de interrompê-lo para trabalhar. Não por estar ansiosa por passá-lo com Zack. Simplesmente fazia bastante tempo que não dispunha de um dia para visitar museus, galerias e... Interrompeu a queixa silenciosa, ao ouvir a batida na porta.

— Entre, está aberta.

— Ansiosa? — perguntou, ao entrar. Depois, levantou a sobrancelha e deu uma olhada atenciosa. Ela estava parada no meio da sala, magra e adorável numa jaqueta de camurça cor de bronze, uma saia curta e uma blusa de seda num azul vibrante. Estava descalça e ele ficou babando ao ver o feminino e íntimo gesto de prender a argola dourada na orelha. — Você está bonita.

— Obrigada. Você também. — Não, ele estava era sexy, pensou, sexy demais, num jeans preto justo, um suéter azulão e uma jaqueta de aviador em couro preto macio. Mas bonito bastava. — Ouça, Zack, tentei falar com você antes que saísse. Sinto muito se não consegui alcançá-lo a tempo.

— Algum problema? — Ele a viu enfiar o pé numa sapatilha cor de bronze. Quando já calçara o segundo pé, as palmas das mãos dele suavam e ele

nem ouvira o que ela dissera. — Desculpe, o que disse?

— Eu disse que meu chefe ligou há meia hora. Tenho de resolver uma tentativa de assassinato.

A informação surtiu o efeito de acabar com sua fantasia tão rápido quanto um balde de água fria.

— Uma o quê?

— Uma tentativa de assassinato. Na delegacia de Alex. Provavelmente, posso alegar assalto a mão armada, mas preciso vê-lo hoje para poder encontrar o promotor público amanhã de manhã. — Abriu os braços. — Sinto muito por não ter conseguido avisá-lo a tempo e tê-lo feito vir até aqui.

— Sem problema. Vou com você.

— Comigo? — Gostou da ideia. Para ser sincera, gostou até demais. — Você não vai querer estragar sua folga e passar o dia numa delegacia.

— Tirei o dia para passá-lo com você — lembrou-a, pegando o casaco dela jogado nas costas do sofá. — Além do mais, não vai levar o dia inteiro. Ou vai?

— Não. Provavelmente, uma hora no máximo, mas...

— Então, vamos logo. — Aproximou-se e virou-a para poder colocar lentamente o casaco em um braço, depois no outro. Abaixando a cabeça, deu uma aspirada no pescoço de Rachel. — Você passou perfume para o bandido ou para mim?

Estremeceu, antes de dar um passo à frente.

— Para mim. — Pegando a pasta, colocou-a entre eles, como uma couraça. — Preciso passar primeiro no escritório. Já temos um arquivo sobre o cara. Ele é reincidente.

— Está bem. — Pegou a pasta e segurou-lhe a mão. — Vamos lá, Sra. advogada.

Alex viu a irmã no instante em que ela entrou na delegacia. Como também não estava nem um pouco satisfeito em passar o domingo trabalhando, ficou imediatamente alegre. Sempre se animava por poder pegar no pé de Rachel.

Sorrindo, foi a seu encontro, com um cumprimento nos lábios. Ao ver o homem a seu lado, o humor nos olhos se transformou, no mesmo instante, em desconfiança.

— Oi, Rach.

Ainda prendendo o crachá na lapela, Rachel levantou a cabeça.

— Alex. Pegaram você também, hein?

— Parece que sim. Muldoon, não é isso?

— Isso mesmo. — Zack retornou o olhar forte e meneou a cabeça. — Prazer em vê-lo de novo, oficial.

— Detetive — corrigiu Alex. — Não ouvi nada sobre LeBeck ter sido preso.

— Não estou aqui por causa de Nick. — Rachel reconheceu o olhar pouco amistoso e agressivo do irmão. Ele o usava com todos garotos e homens com quem saíra desde que completara 15 anos. — Estou representando Victor Lomez.

— Esse é um verdadeiro crápula. — Mas a preocupação de Alex quanto ao cliente de Rachel não era nem um décimo da que sentia ao ver o irlandês grandão carregar a pasta da irmã. — Então, vocês dois se esbarraram do lado de fora?

— Não, Alex. — Rachel pegou o café que ele segurava. Embora soubesse que não valia a pena, lançou-lhe um olhar de repreensão. — Zack e eu tínhamos planos para o dia.

— Que tipo de planos?

— Do tipo que não lhe diz respeito. — Beijou-lhe a bochecha como desculpa para chegar pertinho de seu ouvido e sussurra: — Fica na sua. — Em seguida, sorriu para Zack.

— Pegue uma cadeira e um café horroroso, Muldoon. Como eu disse, não vai demorar muito.

— Tenho o dia inteiro — respondeu, ao vê-la sair rumo à sala de reuniões. Voltou-se para Alex e perguntou em tom brando: — E então? Quer me levar para a sala de interrogatório?

Alex não estava particularmente satisfeito e acenou com a cabeça.

— Faço o interrogatório aqui mesmo. — Felizmente, estava sentado atrás da mesa, ao passo que Zack se sentava na cadeira usada pelas testemunhas. — Qual é o papo, Muldoon?

Indiferente, Zack pegou um cigarro. Ofereceu um e acendeu o seu diante da recusa de Alex.

— Você quer saber o que estou fazendo com sua irmã? — Soltou a fumaça, pensativo. — Se você é detetive, deveria adivinhar a resposta. Ela é linda, inteligente, tem um coração de ouro por baixo dessa casca e é sexy. — Dando outra tragada, viu os olhos de Alex se apertarem. — Ouça, quer que eu seja direto ou prefere que eu diga estar interessado apenas em seus serviços como advogada?

— Olhe onde pisa!

Como compreendia a necessidade de proteger os entes queridos, Zack inclinou-se para a frente.

— Stanislaski, se você conhece Rachel, sabe que ela está olhando cada passo meu. Ninguém, mas ninguém mesmo, a força a fazer algo que não queira.

— Você acha que sabe como manipulá-la?

— Está brincando? — O sorriso de Zack veio de imediato e era amigável o suficiente para fazer os ombros de Alex relaxarem. — Não há um homem vivo que realmente compreenda uma mulher. Principalmente, uma inteligente. — Quando viu os olhos de Alex fitarem um ponto acima de seu ombro, Zack deu uma olhada. Viu um homem baixinho e musculoso, de pele oleosa, ser

conduzido para a sala de reuniões por um policial uniformizado. — É esse o cara?

— Sim, é Lomez.

Zack soltou a fumaça entre os dentes e deixou escapar um belo palavrão. Alex teve que concordar.

Sentada à mesa, Rachel levantou o olhar. Embora tivesse representado Lomez em sua última detenção por agressão, examinava o prontuário.

— Bem, Lomez, voltamos a nos encontrar.

— Você gastou seu precioso tempo vindo até aqui. — Caiu sentado na cadeira e ignorou o policial, mas transpirava. Ter sido pego significava ter perdido a chance de se encontrar com o traficante. Não tomava uma dose de heroína há 14 horas. — Trouxe um cigarro pra mim desta vez?

— Não. — Agradecendo o policial, Rachel esperou ficar sozinha com o cliente e cruzou as mãos em cima da papelada. — Bem, desta vez você realmente caprichou. A vítima tinha 63 anos. Liguei para o hospital hoje de manhã. Devia se sentir aliviado em saber que eles conseguiram transformar a condição dela de crítica para razoável.

Lomez deu de ombros, os pequenos olhos pretos faiscantes sobre ela. Não conseguia manter as mãos paradas. Começou a tamborilar na mesa com as pontas dos dedos, enquanto batia os pés. O organismo atingia um ritmo bem mais agitado.

— Ei, se ela tivesse me dado a bolsa, como eu mandei, eu não precisaria ser grosseiro, sabia?

Meu Deus, ele a deixava enojada, pensou, tentando lembrar-se de que servia ao Estado. E Lomez, por mais revoltante, era seu público-alvo.

— Esfaquear uma cidadã idosa não vai fazê-lo ganhar o título de cidadão do ano. Com certeza, vai comprar-lhe um cadeado. Droga, Lomez, ela só tinha doze dólares!

A boca dele estava seca, a pele fria.

— Então, não teria custado muito entregá-los. Você tem de me tirar daqui. É seu trabalho. — E, no minuto em que voltasse para as ruas, pressionaria um dos outros membros da gangue *Hombres* para testemunhar a seu favor. — Eu tive de ficar sentado naquela cela fedorenta a noite toda.

— Você foi acusado de tentativa de assassinato — disse Rachel, direta.

Lomez bateu com as mãos úmidas nas coxas. Até seus ossos gritavam.

— Eu não matei aquela velha maluca.

Rachel desejou não ter terminado seu café. Pelo menos, poderia usá-lo para tentar disfarçar parte do gosto de nojo em sua boca.

— Você a esfaqueou três vezes. O policial perseguiu você quando fugiu da cena do crime, com a faca e a bolsa da vítima. Você está em maus lençóis, Lomez e, com seus antecedentes, o juiz não será tolerante. Sua ficha criminal inclui assalto, agressão, pilhagem, invasão de domicílio e duas apreensões com substâncias ilegais.

— Não preciso da lista. Preciso da fiança.

— As chances do promotor concordar com uma fiança são mínimas e, caso a conceda, será bem acima de suas posses. Vou fazer o que estiver ao meu alcance para convencê-lo a desistir da acusação de tentativa de assassinato. Se você se declarar culpado...

— Culpado o caramba!

— Bem, seu traseiro é quem vai estar em jogo — disse, seca. — Não vai escapar dessa, Lomez. Não importa quantos coelhos tire de minha cartola, você não vai ficar preso por pouco tempo desta vez. Declarar-se culpado por assalto a mão armada significa poder pleitear a redução de sua pena com o juiz para de sete a dez anos.

O suor brotou em sua testa, em seus lábios.

— Vá para o inferno!

Como ela estava perdendo a paciência, fechou o arquivo com força.

— Sua situação não vai melhorar. Se cooperar, talvez eu consiga evitar que passe os próximos vinte anos numa cela.

Ele gritou e, depois, se atirou por cima da mesa e a atacou antes de Rachel ter chance de desviar. A bofetada com as costas da mão a atirou da cadeira para o chão onde ele caiu por cima dela.

— Me tira daqui! — Apertava o pescoço com tanta força que nem sentiu as unhas a arranhar-lhe os pulsos. — Sua safada, ou me tira daqui ou mato você!

A princípio, ela só conseguiu ver o rosto, a raiva estampada nele. Depois, o rosto sumiu e pontos vermelhos dançaram na frente de seus olhos. Tossindo, ela lutou e deu-lhe um soco no nariz. O sangue salpicou nela, mas as mãos apertaram-lhe ainda mais o pescoço.

Um zumbido ressoou em seus ouvidos, encobrindo os palavrões que ele gritava. Os pontos vermelhos ficaram cinza, quando ela se debateu por baixo dele.

Depois, a traqueia ficou livre e tentou aspirar o ar, que a lhe queimava a garganta. Alguém a chamou em tom desesperado, a ergueu e a abraçou. Pensou ter sentido o cheiro de mar antes de cair sem forças.

Dedos frios em seu rosto. Maravilhosos. Mãos fortes agarravam com força as suas. Confortador. Um suspiro antes de andar. Agonia.

Rachel abriu os olhos. Dois rostos acima do seu, ambos fechados, olhos cheios de raiva e medo. Tonta, esboçou o gesto de tocar o rosto de Zack e depois o de Alex.

— Estou bem. — A voz era rouca, manchas roxas já se formando em seu pescoço.

— Fique deitada, paradinha — murmurou Alex, em ucraniano, acariciando-lhe a cabeça com a mão ainda inchada do soco que acertara na cara de Lomez. — Pode beber um pouco de água?

Meneou afirmativamente a cabeça.

— Quero me sentar. — Quando conseguiu focar os olhos no cômodo, percebeu estar deitada no sofá desbotado da sala do capitão. Agradecendo o

irmão, bebeu do copo descartável que ele segurava próximo de seus lábios. — Lomez?

— Na cela, de onde não devia ter saído. — Tentando controlar os tremores, Alex encostou a testa na dela. Continuou a falar em ucraniano, beijando-lhe a testa, as bochechas e, depois, se sentou nos calcanhares para segurar-lhe a mão. — Relaxe. Uma ambulância está a caminho.

— Não preciso de ambulância. — Lendo o argumento nos olhos dele, sacudiu a cabeça. — Não preciso. — Abaixou o olhar e viu a blusa aberta. Estava arruinada, é claro, pensou furiosa. A blusa e a saia de camurça manchadas de sangue. — O sangue é dele, não meu — afirmou.

— Você quebrou o nariz asqueroso dele — retrucou Alex.

— Alegro-me ao constatar que as aulas de autodefesa não foram em vão. — Quando ele começou a xingar, segurou-lhe a mão. — Alex... — começou com voz baixa e intensa. — Você sabe o que representa para mim aceitar que você arrisque sua vida todo dia, toda noite? Você sabe que só aceito isso por amá-lo tanto?

— Não tente virar o jogo — falou, furioso. — Aquele filho-da-mãe quase matou você. Estava tão fora de si que foi preciso três para agarrá-lo.

Ela não queria pensar nisso no momento. Não podia.

— Eu agi mal. Agi sim — insistiu. — Mas a verdade é que não podemos mudar o que somos. Eu não vou mudar, nem você. Agora, cancele a ambulância e me ajude.

Ele a chamou por um nome muito rude, na língua nativa. Ela sorriu.

— Sou tão imbecil quanto você. Preciso que entre em contato com meu escritório e explique o ocorrido. Não vou poder representar Lomez, levando-se em conta as circunstâncias.

— Com certeza, não vai. — Era uma satisfação ínfima, mas ele esperava um pouco mais. Gentilmente, tocou os dedos na escoriação na maçã do rosto. — Ele vai se ferrar, Rachel. Vou me certificar de que ele pague por isso, mesmo que não pague pelo resto. Nem você nem ninguém vai me impedir.

— Isso deve ser decidido pelo tribunal. — Ergueu-se trêmula. — E não ligue para mamãe e papai. — Quando ele não disse nada, franziu a testa. — Se ligar, vou ser obrigada a contar a eles sobre sua última missão secreta. Aquela em que você entrou por uma janela no segundo andar.

— Vá para casa — disse, desistindo. — Descanse.

Voltou-se para observar Zack. Sua opinião a respeito dele mudara um pouco, já que Zack fora o único dos três a conseguir arrancar Rachel das mãos de Lomez. Alex era policial tempo suficiente para reconhecer o instinto homicida nos olhos de um homem e esse instinto brilhava nos de Zack. Ele presumiu, corretamente, que Zack teria acabado com Lomez sozinho, apesar da presença dos policiais, se não estivesse tão ocupado embalando Rachel nos braços. — Leve-a para casa. — Não era um pedido, mas uma ordem.

— Deixe comigo. — Não disse mais nada quando Alex se foi.

Apesar de trôpega e insegura, Rachel tentou sorrir.

— Que encontro, hein?

Uma veia pulou do pescoço de Zack ao observar a blusa respingada de sangue.

— Você pode andar?

— Claro que posso. — Pelo menos, esperava poder. A pequenina sombra de irritação causada pela pergunta feita em tom tenso a fez atravessar a sala. — Olha, lamento toda a confusão. Você não precisa...

— Faça-me um favor — disse, segurando-lhe o braço e conduzindo-a através da sala dos policiais. — Cale a boca.

Ela obedeceu, embora seriamente tentada a argumentar ser uma tolice tomar um táxi para percorrer apenas poucas quadras até o prédio. Melhor não falar, percebeu. Não apenas doía, mas também receava que a voz saísse trêmula, assim como o corpo parecia querer ficar.

Ficaria sozinha em poucos minutos, lembrou-se. Então, poderia se permitir tremer e chorar tudo o que desejasse. Mas não na frente de Zack. Nem na frente de ninguém.

Com exagerada cautela, tal qual um bêbado, ela saltou do táxi e pisou na calçada. Estado de choque moderado, deduziu. Passaria. Ela se encarregaria disso.

— Obrigada — agradeceu. — Lamento.

— Vou levar você até lá em cima.

— Olha, eu já arruinei sua manhã. Não é necessário... — Mas ele praticamente a arrastava para a porta.

— Não lhe disse para calar a boca? — Ele abriu a pasta para procurar as chaves.

Uma raiva incontrolável deixava-lhe os dedos crispados. Ela não sabia o quão pálida estava? Não podia compreender o que lhe custava ouvir a voz rouca que ela emitia?

Ele a conduziu até a porta do elevador e enterrou o dedo no botão.

— Não sei o motivo de tanta raiva — murmurou, sentindo um pouco de dor ao engolir. — Você perdeu umas duas horas, é verdade, mas sabe quanto paguei por esta roupa? E só a usei duas vezes. — Lágrimas brotaram de seus olhos e tentou contê-la furiosa, quando ele a arrastou pelo corredor até o apartamento. — Um salário de defensora pública não é exatamente principesco. — Esfregou as mãos geladas uma na outra quando ele abriu a porta. — Eu precisei comer iogurte por um mês para poder pagar essa roupa, e na liquidação. E eu nem gosto de iogurte.

A primeira lágrima escorreu. Limpou-a ao entrar.

— Mesmo que pudessem tirar as manchas, eu não poderia vesti-la. — Calou-se e o autocontrole exigiu-lhe enorme esforço. Pelo amor de Deus, estava choramingando por causa de uma roupa? Talvez estivesse perdendo o juízo. — Está bem. — Deixou escapar o que julgou ser um suspiro lento e controlado, mas, mesmo assim, arranhou ao sair. — Você já me trouxe em casa. Agradeço. Agora pode ir embora.

Zack, simplesmente, jogou a pasta de lado e tirou-lhe o casaco dos ombros.

— Sente-se, Rachel.

— Não quero me sentar. — Outra lágrima. Tarde demais para impedi-la de cair. — Quero ficar sozinha. — Quando a voz falhou, pressionou as mãos no rosto. — Por favor, me deixe sozinha.

Ele a pegou no colo e levou-a até o sofá. Acariciou-lhe as costas trêmulas, sentindo as lágrimas quentes e úmidas no pescoço. Fez o possível para acariciá-la devagar, apesar de tomado pelo ódio e pelo medo. Quando ela se enroscou nele, fechou os olhos e murmurou palavras inúteis que sempre pareciam confortar.

Ela chorou muito, percebeu. Mas não por muito tempo. Tremia violentamente, mas o tremor logo foi controlado.

Não tentou se afastar. Se fizesse isso, ele teria permitido. Talvez a estivesse consolando. Mas segurá-la, saber que estava a salvo e com ele, lhe trouxe um conforto tremendo.

— Droga! — Quando o pior passara, ela descansou a cabeça em seu ombro. — Eu disse para você ir embora.

— Tínhamos um acordo, lembra? Você vai passar o dia comigo. — As mãos contraíram-se convulsivamente, antes de conseguir acalmá-las novamente. — Você me assustou.

— Eu também me assustei.

— E, se eu for embora, vou ter de voltar lá e descobrir um jeito de pegar aquele filho da mãe e parti-lo em dois.

Estranho como uma ameaça, pronunciada de maneira tão calma, podia soar duas vezes mais mortal do que um grito.

— Então, acho melhor você ficar por aqui até o impulso sumir. Estou bem, de verdade — afirmou, mas manteve a cabeça recostada no ombro de Zack. — Foi apenas uma reação.

Mas a fúria formava um bloco de gelo nas entranhas dele. Era sua reação e teria que lidar com ela mais tarde.

— Pode ser o sangue dele, Rachel, mas são seus machucados.

Franzindo a testa, tocou o rosto com os dedos.

— Está muito horrível?

Apesar de tudo, ele gargalhou.

— Céus! Não sabia que você era tão vaidosa!

Ela enfureceu-se e afastou-se o suficiente pra olhá-lo de cara feia.

— Não tem nada a ver com vaidade. Tenho uma reunião de manhã e não estou disposta a dar explicações.

Segurou-lhe o queixo, inclinou-lhe a cabeça para o lado.

— Pode acreditar em alguém que já teve sua cota de contusões, gatinha. Você vai ouvir um monte de perguntas. Agora, esqueça o dia de amanhã. — Tocou o machucado muito suavemente com os lábios, fazendo o coração dela saltar. — Você tem chá? E mel?

— Acho que sim. Por quê?

— Já que não vai para o hospital, vai ter de se submeter aos primeiros socorros de Muldoon. — Tirou-a do colo e a ajeitou nas almofadas. As cores vibrantes só acentuavam ainda mais sua palidez. — Fique parada.

Como a explosão de soluços a fatigara, não discutiu. Quando Zack voltou da cozinha cinco minutos depois, com uma xícara de chá fumegante nas mãos, ela apagara.

Acordou grogue, a garganta em fogo. O aposento escuro e incrivelmente quieto a desorientou. Erguendo-se nos cotovelos, viu que as cortinas haviam sido fechadas. A manta colorida, tricotada pela mãe anos atrás, a cobria.

Gemendo só um pouquinho, descobriu-se e se levantou. Firme, pensou satisfeita. Não se pode manter uma Stanislaski arriada.

Mas esta Stanislaski precisava de um galão de água para apagar as chamas na garganta. Esfregando os olhos, caminhou até a cozinha e soltou um gritinho que arranhou a garganta ferida ao vislumbrar Zack debruçado ao fogão.

— Que diabos está fazendo? Pensei que tivesse ido embora.

— Não. — Mexeu o conteúdo na panela antes de se virar para observá-la. A cor voltara e o olhar atordoado desaparecera. Mas ia demorar bem mais para as contusões sumirem. — Pedi a Rio para trazer sopa. Você acha que pode comer agora?

— Acho que sim. — Apertou o estômago. Estava faminta, mas não tinha certeza de como conseguiria fazer algo descer pela garganta inchada. — Que horas são?

— Quase três da tarde.

Dormira quase duas horas e achou a ideia de cochilar no sofá, enquanto Zack mantinha-se ocupado na cozinha, ao mesmo tempo constrangedora e tocante.

— Você não precisava ficar.

— Sua garganta vai melhorar mais rápido se não falar tanto, sabia? Entre e sente-se.

Como o cheiro da sopa a deixara com água na boca, obedeceu. Depois de abrir as cortinas, sentou-se na pequena mesa dobrável perto da janela. Ainda irritada, tirou a jaqueta manchada e a jogou de lado. Logo após se entregar ao prazer de tomar um pouco da sopa de Rio, tomaria um banho e trocava de roupa.

Obviamente, Zack tinha se virado bem na cozinha, percebeu, quando ele chegou trazendo canecas e cumbucas de sopa numa bandeja.

— Obrigada. — Viu o olhar furioso repousar brevemente na jaqueta e depois esfriar.

— Mexi nos seus discos, enquanto você dormia. — Agradava-lhe ser capaz de conversar casualmente quando, no fundo, tinha vontade de quebrar algo. Ou alguém. — Se importa se eu colocar um?

— Não, fique à vontade.

Rachel mexeu a sopa. Zack colocou um disco antigo de B.B. King no aparelho de som.

— E disseram que não tínhamos nada em comum.

Aliviada por ele não voltar a tocar no incidente, sorriu.

— Roubei de Mikhail. Ele tem um gosto eclético no que diz respeito a música. — Zack sentou-se à sua frente; ela colocou uma colher de sopa na boca e engoliu com cuidado. Suspirou. A sopa aliviou-lhe a garganta dolorida, assim como uma mãe acalma uma criança irritada. — Maravilhosa. O que tem aí?

— Nunca pergunto e Rio nunca conta.

Com um murmúrio de consentimento, continuou a comer.

— Preciso descobrir como suborná-lo. Minha mãe ia adorar essa receita.

— Pegou a caneca de chá. Depois do primeiro gole, os olhos se arregalaram.

— Você não tinha mel, mas tinha *brandy* — falou Zack, pacificamente.

Tomou outro gole. Desta vez, com mais cautela.

— Sem dúvida, deve entorpecer os nervos.

— É esta a intenção. — Passando a mão por cima da mesa, segurou-lhe a mão. — Está se sentindo melhor?

— Muito. Realmente lamento ter estragado seu domingo.

— Não me faça mandar você calar a boca de novo.

Rachel sorriu.

— Estou começando a achar que você não é um cara tão ruim, Muldoon.

— Talvez eu devesse ter trazido sopa para você antes.

— A sopa ajudou. — Deu mais uma colherada. — Mas o que funcionou mesmo foi você não me fazer sentir uma idiota quando chorei no seu ombro.

— Foi por uma boa causa. Ser durona nem sempre é a resposta.

— Em geral, funciona. — Tomou mais um pouco do chá regado a *brandy*.

— Eu não queria chorar na frente de Alex. Ele já se preocupa demais. — Os lábios se curvaram. — Você sabe como é ter um irmão mais moço que se recusa a ver a vida do jeito como você vê.

— Ou seja, que dá vontade de bater com a cabeça dele na parede? Sim, eu sei.

— Bem, acredite Alex ou não, sou capaz de cuidar de minha vida. Nick também vai conseguir, quando chegar a hora.

— Ele não é como aquele verme de hoje — disse Zack, baixinho. — Nunca poderia ser.

— Claro que não. — Preocupada, colocou a caneca de lado. Desta vez, ela lhe segurou a mão. — Você não deve nem pensar nisso. Ouça: há dois anos, eu os vejo entrar e sair. Alguns estão corrompidos e não têm salvação, como é o caso de Lomez. Outros, apenas estão desesperados e confusos, muitas vezes devido aos golpes sofridos nas ruas. No convívio com eles, se a gente não chega ao ponto de exaustão ou simplesmente desiste, acaba aprendendo a reconhecer as nuances. Nick foi magoado e sua autoestima está próxima do zero. Ele se ligou a uma gangue por precisar fazer parte de alguma coisa, qualquer coisa. Agora, ele tem você. Não importa o quanto ele tente se livrar de sua companhia; ele quer você. Precisa de você.

— Talvez. Se um dia confiar em mim, talvez seja capaz de entrar nos eixos. — Não tinha se dado conta do quanto isso lhe pesava. — Ele não conversa sobre meu pai, sobre como era a vida deles depois da minha partida.

— Ele vai conversar, quando estiver preparado.

— O velho não era tão ruim, Rachel. Ele nunca foi o pai do ano, mas... Droga! — Aborrecido, deixou escapar uma arfada. — Era cabeça-dura, um irlandês beberrão filho da mãe que nunca deveria ter aberto mão do mar. Conduzia nossas vidas como se fossemos recrutas num navio a pique. Gritos, ameaças e bofetadas. Nunca concordamos com nada.

— As famílias, com frequência, são assim.

— Ele nunca superou a morte de minha mãe. Estava no Pacífico Sul quando ela morreu.

O que significava que Zack ficara sozinho. Uma criança sozinha. Apertou os dedos dele.

— Ele voltou louco de raiva. Ia me transformar num homem. Depois, Nadine e Nick apareceram e eu era grande o suficiente para seguir meu

caminho. Digamos que eu abandonei o barco. Então, ele tentou transformar Nick num homem. Num homem igual a ele...

— Você está novamente se culpando por algo imutável. Não estava a seu alcance mudar.

— Acho que não consegui esquecer aquele primeiro ano em que voltei. O velho estava tão frágil! Não conseguia se lembrar de nada, perambulava, se perdia. Que inferno! Eu sabia que Nick estava fugindo ao controle, mas eu não conseguia cuidar nem de mim. Ter de colocar o velho num asilo, vê-lo morrer ali, tentar manter o bar. Nick se perdeu em meio à confusão.

— Você voltou a encontrá-lo.

Ele começou a falar de novo, depois se recostou com um suspiro.

— Uma hora e tanto para despejar isso tudo em você.

— Não faz mal. Quero ajudar.

— Você já ajudou. Quer um pouco mais de sopa?

Assunto encerrado, concluiu Rachel. Tinha duas opções: pressionar ou deixá-lo à vontade. Um favor em troca de outro, concluiu, sorrindo.

— Não, obrigada. Já comi o suficiente.

Zack queria falar mais, muito mais. Queria voltar a abraçá-la e sentir a cabeça dela recostada em seu ombro. Queria sentar e voltar a vê-la dormir no sofá. E, se fizesse uma dessas coisas, não ia conseguir sair.

— Vou limpar tudo e desgrudar do seu pé. Você deve estar a fim de ficar um tempo sozinha.

Franziu a testa quando ele entrou na cozinha. A princípio, queria ficar sozinha, não queria? Então, por que tentava descobrir meios de encurralá-lo e evitar sua saída?

— Ainda é cedo. — Saiu da mesa e seguiu-o. Ele já estava colocando o resto da sopa num pote. — Talvez a gente consiga salvar o dia.

— Você precisa repousar.

— Já repousei. — Sentindo-se estranha, lavou as cumbucas que ele apinhara na pia. — Podíamos ir pelo menos a um museu ou a uma matinê.

Não quero pensar que você perdeu o dia inteiro me pajeando.

— Você pode parar de se preocupar com meu dia de folga? — Zack colocou o pote na geladeira. — Sou o chefe, esqueceu? Posso tirar outro dia de folga.

— Ótimo. — Fechou a torneira. — Vejo você por aí.

— Cara, você tem pavio curto. — Alegre, colocou as mãos em seus ombros e os massageou. — Não se exalte, gatinha. Afinal, eu tive um dia cheio de emoções.

Fechou os olhos, sentindo aqueles dedos ásperos através da seda da blusa.

— Às ordens, Muldoon.

Sentiu o perfume dos cabelos e precisou se policiar para não mergulhar o rosto neles. Caso contrário, não seria possível ficar só nisso.

— Você vai ficar bem sozinha? Posso chamar o policial para cuidar de você.

— Não. Estou bem. — Segurando-se na beirada da bancada da pia, fitou a parede. — Obrigada pelos primeiros socorros.

— prazer foi todo meu. — Droga, ele estava adiando a partida. Já devia ter saído, se afastado dela. — Talvez possamos jantar esta semana.

Contraíu os lábios. Sentia vontade de gemer, ao notar as mãos subindo e descendo por seus braços.

— Claro. Vou consultar minha agenda.

Zack a virou. Não tinha certeza se ela se aninhara em seus braços ou se ele a tinha puxado, mas estavam abraçados. Os lábios dela se abriam para os dele.

— Eu ligo para você.

— Está certo. — Os olhos de Rachel se fecharam, quando o beijo ficou mais intenso.

— Logo. — A respiração ficou presa nos pulmões, quando ela se encaixou nele.

— Há-há... — Ao sentir a língua enroscando na sua, Rachel deu um rápido suspiro entrecortado.

Zack afastou a boca para morder-lhe o rosto.

— Só mais uma coisa...

— O que é?

— Eu não vou embora.

— Eu sei. — Os braços envolveram-lhe o pescoço, quando ele a botou no colo. — É pura química.

— Certo. — Tentando evitar as escoriações, encheu-lhe o rosto de beijinhos.

— Nada sério — concordou, o sangue latejando na cabeça, nas entranhas. Zack abriu a porta e deu de cara com o closet. — Onde fica o maldito quarto?

— O quê? — Tentou se concentrar e percebeu ter sido carregada para fora da cozinha. — É aqui. O sofá... — Mordeu-lhe a orelha. — Posso abrir.

— Não se preocupe — conseguiu dizer. E optou pelo tapete.

CAPÍTULO SETE

Nick arrancou-lhe a blusa. Não era apenas paixão que o levava a rasgá-la. Não conseguia vê-la usando, nem mais um minuto, aquele azul vibrante manchado de sangue.

Ainda assim, o som da seda rasgando em seus dedos e a exclamação chocada de excitação de Rachel espalharam fogo nele.

— A primeira vez que vi você... — disse, a respiração já ofegante ao atirar a blusa amassada de lado. — Desde o primeiro minuto, quis fazer amor com você. Desejei você.

— Eu sei. — Ela o abraçou, surpreendida com a constatação de um desejo poder ser tão profundo e arrebatador.

— Eu também. Que loucura! — falou, contra sua boca.

— Insano. — A pele arrepiou-se ao senti-lo afastar as alças da combinação e substituí-las pelos lábios impacientes.

— Incrível.

Extasiada, curvou-se quando as mãos calosas e ávidas apalparam-lhe os seios. Depois a boca — ai, a boca, quente e ansiosa! — fechou-se e sugou, lambeu. Acelere, era tudo em que podia pensar. Acelere, acelere e as unhas arranharam-lhe o corpo, enquanto lhe tirava o suéter pela cabeça.

Só desejava colar a carne à sua, à pele já quente, já suada. A sensação dos lábios contra seu coração palpitante a fez agarrá-lo pelos cabelos, puxando-o para mais perto. Ansiava por mais. Mesmo quando a tempestade irrompeu, chegando a um ponto crítico em seu íntimo, ela foi ao encontro, se entregou e exigiu.

As unhas cravaram nos ombros largos quando ele escorregou, proporcionando centenas de pequenas erupções com os enlouquecedores beijos famintos, com a boca aberta a percorrê-la. Depois voltaram, rapidamente, para afogá-la de desejo sexual com os lábios nos seus.

Zack não conseguia se controlar, apesar de ter planejado tomá-la devagar, tortuosamente devagar e amá-la numa cama enorme e macia. O desespero sobrepunha-se a qualquer fantasia.

Ela o possuiu. Obcecou-o. Nenhuma sereia mítica poderia roubar-lhe a mente e a alma mais completamente.

Um botão soltou da saia quando ele tentou descê-la pelos quadris. Achou que ficaria louco se não se desvencilhasse de todos os obstáculos, se não a visse. Toda.

Semienlouquecido, tirou-lhe as meias e a renda delicada a prendê-las. Em algum lugar no tumulto de seu cérebro, ouviu um grito rouco quando os dedos alisaram-lhe a coxa. Lutando por se conter, ajoelhou-se entre suas pernas, deliciando-se com a visão. Magra, dourada, nua, os cabelos despenteados, os olhos sedutores e fatais.

Ela ergueu-se, desesperada demais para esperar um segundo sequer. A boca fechou-se ávida na dele e os dedos abriram-lhe o jeans.

— Deixe que eu... — disse, num sussurro rouco.

— Não. — Colocou a mão em suas costas, para segurá-la, e, com a outra, cobrir a fonte do calor. — Deixe que eu o faça.

O vulcão que ele imaginara entrou em erupção ao primeiro toque. O corpo dela tremeu, vibrou. E ele olhou-a jogando a cabeça para trás, incrivelmente excitado. Não era submissão. Mesmo em seu delírio, compreendeu que ela não se submetia, e, sim, se abandonava. Era a pura e livre busca por prazer. Ele lhe deu mais e a si também, acariciando aquele fogo aveludado, deixando a língua lambar a dela num ritmo delicioso e combinado.

Como ela poderia saber que o desejo podia ser tão delicioso e fatal? Ou que ela, sempre tão segura, sempre tão cautelosa iria atirar a razão ao vento para buscar mais delícias perigosas? Não. Não queria apenas mais. Queria todas as delícias, pensou, atordoada. Ele todo. E teria tudo. Prendendo as pernas em torno dos quadris dele, recebeu-o em seu corpo.

Ouviu-o arfar, e a primeira arfada culminou num gemido. Viu os olhos cor de cobalto agora fixos nos seus, quando se moveu para preenchê-la. Uma espada desembainhada. Depois, ele se moveu e ela o acompanhou. Perdida no redemoinho, não ouviu nada além do grito do próprio coração.

— Quanto mais alto... — murmurou Rachel, algum tempo depois.

— Hein?

Sorrindo para si, levantou uma das mãos de Zack, soltou-a e a viu cair frouxa no tapete.

— ...Com mais força desabam. — Subiu em cima dele e apoiou-se em seu peito, a fim de observá-lo. Se não soubesse, pensaria que ele estava dormindo, ou inconsciente. A respiração desacelerara , um pouco, mas os olhos mantinham-se fechados. Há tempos não movia um único músculo. — Sabe, Muldoon, você parece ter lutado dez rounds com o campeão.

Os lábios dele se curvaram. Só tinha energia para tanto.

— Você tem um golpe e tanto, gatinha.

Por uma questão de princípios, mordeu-lhe o ombro.

— Não me chame de gatinha. Mas, já que mencionou, você também não se saiu muito mal.

Zack abriu um olho.

— Muito mal? Eu a deixei mole como manteiga derretida.

Era bem verdade, admitiu, mas não podia lustrar-lhe o ego concordando.

— Digamos que é dono de certo estilo pouco refinado, estranhamente atraente. — Desceu o dedo por seu peito. — Mas a verdade é que eu tive de carregar você. — Isso o fez abrir o outro olho, pensou, satisfeita. — Não que eu me importe. Não tinha nada urgente a fazer esta tarde.

— Você me carregou?

— Em termos metafóricos.

A opinião dele a respeito foi curta e grossa.

— Quer me carregar de novo, campeã?

Piscou os olhos.

— A hora que quiser. No lugar que quiser.

— Aqui e agora. — Ria quando ele a virou, mas o riso parou num sussurro de dor, quando ele esbarrou em seu rosto machucado.

— Seu bruto! — exclamou, ao vê-lo se afastar e praguejou.

— Desculpe.

— Ora, Zack. — Sorriu na tentativa de desanuviar a preocupação em seus olhos e trazer de volta a jovialidade. — Só estava brincando.

Ignorando o comentário, virou-lhe a cabeça para examinar mais atentamente a marca em seu rosto.

— Eu devia ter posto gelo no machucado. Não cortou sua pele, mas está...

Ela sentiu a tensão enrijecer-lhe os ombros. Em vez de tentar afastá-la, atçou-o.

— Ouça, Exterminador, eu venho de uma linhagem durona. Já tive machucados piores causados por brigas com meus irmãos.

— Se algum dia ele sair...

— Pare com isso. — Com firmeza, segurou-lhe o rosto com as duas mãos. — Não diga nada do qual venha a se arrepender depois. Lembre-se: sou uma funcionária do tribunal.

— Não me arrependeria. — Inclinou-a até ela sentar-se ao lado dele. Os restos das roupas de Rachel os cercavam.

— E não me arrependo disso, exceto pelo estilo pouco refinado.

Deixou escapar um sopro impaciente.

— Olha, se não sabe brincar, aprenda.

— Espere eu terminar antes de me atacar, está bem? Eu juro, você explode mais rápido do que uma granada. — Colocou seu cabelo para trás e a beijou com força. — Eu não tinha a intenção de ficar. Não hoje. Supus que uma sessão de sexo selvagem não fosse o ideal depois de você ter sido estrangulada.

— Eu não planejava...

Ele a interrompeu.

— Quase. Você sabe que eu a queria de qualquer jeito, Rachel. Não fiz segredo disso. Mas começo a achar que você estava chateada e vulnerável e que me aproveitei da situação.

Precisou aguardar quase um minuto inteiro antes de responder.

— Não me obrigue a ficar zangada com você, Muldoon. E não me insulte.

— Tudo o que estou tentando dizer é... Eu não sei que diabos estou tentando dizer — murmurou e tentou de novo. — Exceto, bem, talvez eu devesse ter aberto esse sofá cama em vez de usar o chão.

Com os olhos, da cor de moedas de ouro antigas e tão exóticos quanto, semicerrados, aproximou o rosto do dele.

— Gosto do chão. Sacou?

Começava a se sentir melhor. Mulheres com propensão à fragilidade não faziam seu gênero. E esta mulher durona e teimosa era bem seu tipo. Olhando-a, pegou a blusa arruinada.

— Eu rasguei suas roupas.

— Está orgulhoso?

Atirou-a longe.

— Sim. Se quiser colocar outra, posso esperar e depois a rasgo.

Rachel mordeu a parte interna do lábio, mas não conseguiu disfarçar o sorriso.

— Essas estavam arruinadas mesmo. Da próxima vez, mando a conta para você. Estou dura.

Gargalhando, mexeu no brinco dela.

— Sou louco por você.

O coração de Rachel palpitou rápido, tomado por forte emoção. O comentário era tão romântico quanto uma declaração de amor sussurrada.

— Ei, não jogue sujo comigo.

— Louco — repetiu, alegre e encantado ao ver o leve rubor em seu rosto.
— E já mencionei que seu corpo me transforma num selvagem?

Sentia-se bem mais confortável com isso.

— Não. — Inclinou a cabeça. — E por que você não...?

— Da proa à popa — disse, deixando a mão falar mais eloquentemente.
— De um lado a outro. De bombordo a estibordo.

— Meu Deus! — Deu um suspiro exagerado e arrepiou-se. — Papo de homens do mar. Adoro um homem despido do uniforme. — Desejando ser excitada, roçou os lábios contra os dele. — Conte-me algo, marinheiro.

— Pode apostar.

— Que parte da popa?

— Vou mostrar. — Muito suavemente, tocou-lhe os lábios no pescoço machucado. — Querida, melhor abriremos este sofá, antes que a gente perca o controle de novo.

— Está certo. — Havia algo indescritivelmente erótico naqueles dedos com calos acariciando-lhe a parte inferior do seio. — Se quiser.

Embora a ideia tivesse mérito, o sofá parecia muito

— Ou podíamos abrir mais tarde. Já sei: se dissesse algo em ucraniano, eu esqueceria que estamos no chão. E prometo fazer você também esquecer.

— Por que motivo eu deveria dizer algo em ucraniano?

— Porque me excita incrivelmente.

Jogou a cabeça para trás.

— Você está me desafiando?

— Há-há. — A língua desenhou um lento e provocante círculo em seus lábios. — Vá em frente. Diga algo.

Depois de um leve suspiro, envolveu-lhe o pescoço com os braços e com a boca colada à sua orelha, murmurou palavras e depois gargalhou ao vê-lo gemer.

— O que significavam? — perguntou, ocupado em dar-lhe beijinhos no ombro.

— Uma tradução livre? Falei que você não passava de um grande e teimoso tolo.

— Hum... Tem certeza de não ter confessado querer meu corpo?

— Não. É assim que se diz.

E disse, mas, ao terminar, ele já a estava satisfazendo.

No escuro, puxou-a para perto. Finalmente, conseguiram abrir a cama. Agora, estavam enrolados nos lençóis. A tarde se transformara em noite e a noite em madrugada. Zack disse baixinho:

— Gostaria de ficar.

— Eu sei. — Tolice ficar infeliz por ele ir embora. Sempre valorizou bastante suas noites de solidão. — Mas não pode. É muito cedo para deixar Nick passar a noite sem a sua presença.

— Se a situação fosse diferente... — Caramba, jamais supusera que fosse ser tão frustrante. — Gostaria de levar você para casa comigo. Gostaria de ter você na minha cama hoje à noite, acordar com você amanhã.

— Nick não está pronto para isso, tampouco. — Ela também não tinha certeza de estar preparada. — Até eu ter uma chance de me acertar com ele, fazê-lo entender, talvez o ideal seja ele não saber que nós somos...

Somos o quê? A pergunta passou pela cabeça de ambos. Nenhum dos dois a exprimiu em palavras.

— Você tem razão. — O colchão rugeu ao se mover. — Rachel, quero ficar com você de novo. Não tem que ser só na cama. — Passou o dedo pelo contorno de seu rosto. — Ou no chão.

— Eu quero ficar com você. — Passou os dedos nas costas da mão dele. — É bom. E isso basta.

— E. — Estava quase certo de ser. — Posso tirar uma folga na quarta. Que tal jantarmos?

— Adoraria. — Voltaram a ficar em silêncio até ela suspirar. — Melhor você ir. Quem sabe você e Nick jantam na casa dos meus pais no domingo? Já falamos a respeito antes, lembra-se?

— Seria ótimo. — Voltou a beijá-la e o beijo parecia não ter fim. — Só mais uma vez.

— Isso. — Enlaçou-o. — Só mais uma vez.

Rachel mudou o telefone de orelha, rabiscou no bloco e olhou de rabo de olho a pilha de arquivos na mesa.

— Sim, Sra. Macetti, compreendo. Precisamos de umas duas testemunhas idôneas para seu filho. O padre, talvez, ou um professor dele. — Enquanto ouvia o inglês sofrível saindo aos borbotões, pensou se poderia atrair a atenção de algum de seus atarefados colegas de trabalho na esperança de algum deles ficar penalizado e lhe trazer uma xícara de café. — Não posso lhe garantir, Sra. Macetti. Nossas chances de conseguir a suspensão da sentença e a liberdade condicional são muito boas, já que Carlo não estava dirigindo. Mas o fato é que ele estava num carro roubado e...

Ficou calada, cuidadosamente dobrando a página na qual escrevera.

— Há-há. Bem, como expliquei antes, vai ser um bocado difícil convencer alguém de que seu filho desconhecia estar num carro roubado, já que as fechaduras estavam arrombadas e fizeram uma ligação direta. — Satisfeita com o formato do aviãozinho de papel, lançou-o pela porta. Tão eficiente quanto uma mensagem numa garrafa.

— Tenho certeza de que ele é um bom menino, Sra. Macetti. — Revirou os olhos. — Más companhias, claro. Vamos torcer para que essa experiência o mantenha afastado dos *Hombres*, Sra. Macetti, Sra. Macetti — repetiu Rachel, procurando demonstrar firmeza. — Estou fazendo tudo o que posso. Tente ser

otimista. Vejo a senhora no tribunal na semana que vem. Não, não, de verdade. Ligo para a senhora. Claro, prometo. Tchou. Claro, com certeza. Tchou.

Rachel desligou o telefone e deitou a cabeça na mesa. Dez minutos lidando com a mãe histérica de seis filhos era tão exaustivo quanto um dia inteiro no tribunal.

— Dia difícil?

Levantando a cabeça, viu Nick na porta com o aviãozinho de papel numa das mãos e um grande copo descartável na outra.

— Mês difícil. — O olhar dela fixou-se no copo fumegante. — Diga que é café.

— Light, sem açúcar. — Entrou e ofereceu-lhe o copo. — Sua mensagem parecia desesperada. — Quando ela tomou o primeiro gole, ele sorriu. — Estava passando pelo corredor e fui atingido no peito. Bela estratégia.

— Acho que os aviõezinhos dão excelentes memorandos internos. — Outro gole e sentiu a cafeína começar a bombear seu organismo. — Já que salvou minha vida, o que posso fazer por você?

— Só estava andando por aí. Pensei que talvez pudéssemos almoçar.

— Sinto muito, Nick. — Apontou a bagunça na mesa. — Estou atolada.

— Eles não deixam você comer? — Adorando vê-la ali, entrincheirada atrás de pilhas de assuntos judiciais, apoiou a coxa no canto da mesa.

— Ah, de vez em quando atiram comida crua para a gente. — Céus, ele estava flertando com ela, percebeu. Rachel avaliou os arquivos apinhados à sua frente e calculou quanto tempo restava antes da reunião com o promotor para barganhar em meia dúzia de casos. Ia ser apertado. — Na verdade, gostaria de conversar com você, se tiver uns minutos.

— Trabalho hoje das seis da tarde às duas da manhã. Então, tenho um bocado de minutos livres agora.

— Ótimo. — Levantou-se, passando por ele com o objetivo de fechar a porta. No momento em que se virou, percebeu que ele interpretara erroneamente o gesto. As mãos seguraram-lhe a cintura. Em poucos anos, essa

combinação de movimentos sinuosos e maneiras bruscas iria ser capaz de devastar hordas de mulheres. Conseguiu se desvencilhar.

— Nick — começou, e hesitou a seguir. — Sente-se — Quando ele se ajeitou na cadeira desconjuntada, ela sentou-se atrás da mesa. — Já entramos na terceira semana. Gostaria de saber como se sente.

— Estou legal.

— O que quero dizer é, quando voltarmos a encontrar a juíza Beckett, é bem provável que ela lhe coloque em liberdade condicional. A não ser que você cometa um grande erro no intervalo.

— Não planejo cometer erros. — A cadeira rugeu quando ele se recostou. — Ir para a cadeia não ocupa um lugar importante na minha lista ultimamente.

— Fico feliz em saber. Mas ela pode perguntar sobre seus planos. Talvez seja chegada a hora de começar a pensar a respeito, saber se gostaria de tornar a situação com Zack permanente.

— Permanente? — Deu uma risada. — Ei, não sei disso não. Provavelmente, vou querer meu próprio canto. Você sabe, Zack e eu... Bem, talvez a gente esteja se dando um pouco melhor, mas ele me controla, quer mudar meu estilo. É duro receber a visita de uma mulher, quando o irmão mais velho pode chegar a qualquer momento. — Fixou os olhos verdes em seu rosto. — Entende meu argumento?

Aproveitou a abertura.

— Você tem uma garota?

O sorriso de Nick era muito másculo e atraente.

— Estou mais interessado em mulheres. Mulheres de grandes olhos castanhos.

— Nick...

— Sabe, quando estava vindo para cá, comecei a pensar em como ser pego acabou sendo um lance de sorte. — Levantou-lhe a mão, passando o polegar nas articulações antes de brincar com seus dedos. Os olhos nunca

abandonavam os seus. — Caso contrário, não teria precisado de uma advogada tão maravilhosa.

— Nick, tenho 26 anos. — Não era aquilo o que tinha intenção de dizer, mas ele apenas inclinou a cabeça. — E fui apontada pelo tribunal como sua tutora.

— Não deixa de ser um arranjo interessante. — O sorriso alargou-se. — Em cinco semanas, tudo vai terminar.

— E ainda vou ser sete anos mais velha do que você.

— Seis — disse, descontraído. — Mas quem está contando?

— Eu estou. — Frustrada, começou a se levantar e, depois, percebeu ser melhor continuar na posição de autoridade, atrás da mesa. — Nick, gosto de você, muito. E falava sério quando lhe disse que queria ser sua amiga.

— Não pode deixar a idade incomodar você, baby. — Quando ele se levantou, Rachel percebeu ter cometido um erro de cálculo ao ficar atrás da mesa. Ele deu a volta e se sentou na beirada. Ela estava presa entre ele e a parede.

— Claro que posso. Quando eu estava na faculdade, você entrava na puberdade.

— Bem, agora já saí dela. — Sorriu e acariciou-lhe o rosto. Demonstrou preocupação. — Isso é um machucado?

— Eu bati em algum lugar — disse, e recomeçou. — A verdade é que sou velha demais para você.

Ele franziu a testa, examinando o machucado por mais um instante e ergueu os olhos.

— Eu não acho. Você acha que uma mulher não deve se envolver com um cara seis anos mais velho do que ela?

— É completamente diferente.

— Machista — falou, estalando a língua. — Achei que acreditasse em direitos iguais.

— Claro que acredito, mas... — Calou-se e, depois, respirou fundo.

— Peguei você.

Os argumentos não estavam funcionando. Melhor mudar a linha de raciocínio.

— Sou sua tutora. Seria errado e, certamente, nada ético encorajar ou concordar com algo assim. Eu me preocupo com o que acontece com você e se lhe passei a impressão de estar interessada em algo além de amizade, sinto muito.

Nick refletiu.

— Acho que você leva seu trabalho muito a sério.

— Sim, levo.

— Saquei. Sem pressão, certo?

O alívio a fez suspirar.

— Certo. — Levantou-se, apertando-lhe a mão. — Você é legal, Nick.

— Você também. — Ambos olharam em volta, quando o telefone começou a tocar. — Vou deixar você entregue à justiça. — Deixou-a boquiaberta, ao levar-lhe a mão aos lábios. — Cinco semanas não é tanto tempo para esperar.

— Mas...

— Nos falamos depois. — Saiu e Rachel se perguntou se, por acaso, ajudaria bater a cabeça na parede.

Nick estava se sentindo ótimo. Tinha o dia inteiro livre, dinheiro no bolso e uma mulher maravilhosa no coração. Teve de rir ao pensar no jeito como a confundira. Nunca se dera conta da satisfação em deixar uma mulher nervosa.

E imaginar uma mulher linda como Rachel preocupada com a idade. Sacudindo a cabeça, desceu para pegar o metrô. Achava que ela era uns dois anos mais moça, mas não fazia a menor diferença. Tudo nela era absolutamente perfeito.

Qual seria a reação de Zack ao ver Nick LeBeck entrar no bar uma noite dessas com Rachel pelo braço? Deixaria de ser considerado um garoto quando todo mundo visse que ele havia conquistado uma gata como Rachel Stanislaski.

Errado, disse a si ao entrar no vagão que o levaria à Times Square. Isso não era jeito de falar de uma mulher de classe. Eles teriam um relacionamento. Quando o metrô se pôs em funcionamento, mergulhou em sonhos e planos para os dois.

Jantariam, fariam longas caminhadas, conversariam. Ouviriam música e dançariam. De vez em quando, passariam a noite esparramados na frente da televisão.

Nick considerava o fato de não ter colocado sexo no topo da lista como sinal de comprometimento.

Sentindo-se no topo do mundo, saiu para o tumulto e o barulho da rua e decidiu gastar alguns de seus trocados num jogo de pinball.

O fliperama estava lotado. As batidas do rock encobriam os sons metálicos de apitos e zumbidos das máquinas. Embora sentisse falta da liberdade de poder entrar onde bem entendesse e quando lhe desse na telha, precisava admitir que era bom poder gastar dinheiro ganho por si só.

Sem se esgueirar, sem o vago sentimento de culpa. Talvez não tivesse a gangue para lhe fazer companhia, mas não sentia nem um pinga da tão temida solidão.

Não admitira em voz alta, mas estava gostando de trabalhar na cozinha com Rio. O cozinheiro grandalhão tinha um monte de histórias, muitas delas sobre Zack. E, quando as ouvia, Nick quase sentia como se tivesse participado delas.

É claro que não participara, lembrou-se, usando o impulso corporal para atirar a bola. Não havia a menor chance de poder explicar como se sentira infeliz quando Zack embarcara. Ficara novamente sem ninguém. A mãe tentara, mas sempre representara mais uma sombra do que alguém de peso em sua vida.

Usara toda a energia para colocar comida na mesa e roupas no corpo do filho. Só sobrava pouco de si mesma, depois do objetivo alcançado.

E, depois, surgira Zack.

Nick ainda se lembrava da primeira vez em que vira Zack. Estava na cozinha do bar, sentado na bancada, devorando batatas fritas. Era alto e moreno, um sorriso constante e um jeitão generoso. Quando Nick tomou coragem para segui-lo por todo lado, Zack não tentou dispensá-lo.

Fora Zack quem o levara pela primeira vez a um fliperama e mostrara como fazer as bolas prateadas pularem.

Fora Zack quem o levara para assistir ao Macy's Parade⁴. Zack quem, pacientemente, lhe ensinara a amarrar os sapatos. Zack quem o salvara quando ele saía correndo para pegar uma bola no meio da rua.

E fora Zack quem, praticamente um ano depois, o deixara com a mãe doente e o padrasto autoritário. Cartões e lembranças não haviam preenchido o vazio.

Talvez Zack desejasse fazer as pazes, pensou, dando de ombros. Praguejou, quando a bola caiu no buraco. E talvez, lá no fundo, Nick desejasse que ele tivesse êxito.

— Oi, LeBeck. — O tapa no ombro quase o fez perder a próxima bola. — Onde tem se escondido?

— Por aí. — Nick deu uma olhada rápida em Cash e voltou a se concentrar no jogo. Pensou se Cash faria algum comentário por ele não estar usando a jaqueta Cobra.

— É? Pensei que tivesse descido pelo ralo do esgoto — Cash recostou-se na máquina, como sempre deslumbrado com a habilidade de Nick. — Não perdeu a prática hein?

— Tenho mãos fantásticas. Pergunte ao mulherio.

Cash bufou e acendeu um cigarro amassado. O último... Reece recebera menos de dez centavos por dólar em troca da mercadoria roubada. Cash já torrara sua parte.

— Aí, irmão, quando as meninas veem essa sua cara feia, você nunca tem chance de usar as mãos.

— Você confundiu seu traseiro com minha cara. — Nick relaxou, satisfeito com a pontuação e o bônus. — Quer jogar esta partida?

— Claro. — Depois de se posicionar, Cash começou a jogar e a sondar. — Você ainda está com seu irmão?

— É, ainda faltam algumas semanas antes de voltar ao tribunal.

Cash perdeu a primeira bola e atirou outra.

— Você se deu mal, Nick. Eu me sinto super mal com o rumo que as coisas tomaram. Estou falando sério, cara.

— Ah, está bem...

— Não, cara. Sério. — Em sua sinceridade, Cash perdeu o controle e deixou a bola cair no buraco. — A gente armou e você se ferrou.

Um pouco mais aliviado, Nick deu de ombros.

— Eu me garanto.

— Foi dose. Mas não deve ser tão ruim trabalhar num bar. Um bocado de goró, não é?

Nick sorriu. Não ia admitir ter tomado, no máximo, duas cervejas nas últimas três semanas. E, se Zack soubesse, ia infernizar-lhe a vida.

— É isso aí, irmão.

— O lugar vai bem, não é? Quer dizer, é popular e tudo o mais?

— Vai bem.

— Deve ter um monte de mulher bonita em busca de ação.

O público do bar era composto mais por trabalhadores e famílias, mas Nick entrou no jogo.

— O lugar está lotado delas. É escolher e pegar.

Cash riu empolgado, mesmo tendo perdido a última

— Quer jogar em dupla?

— Por que não? — Nick procurou mais moedas no bolso. — E como vão as coisas com a gangue?

— O de sempre. O velho de T.J. expulsou-o de casa. Então, ele está acampado comigo. O ronco do cretino parece uma britadeira.

— Cara, e eu não sei? Ele ficou lá em casa umas duas noites no verão passado.

— Uns dois *Hombres* invadiram nosso território. A gente cuidou deles.

Nick sabia que isso significava socos, talvez correntes e garrafas. Ocasionalmente, lâminas. Estranho, mas tudo parecia tão distante... Distante e sem sentido.

— É isso aí... — Era tudo o que tinha a dizer.

— Tem gente que não aprende nunca, saca? Tem um cigarro? Estou duro.

— Tenho, no bolso de cima. — Nick conseguiu outros dez mil pontos, enquanto Cash acendia o cigarro.

— Aí, tenho um conhecido que trabalha numa casa de *strip-tease* no centro. Posso conseguir botar você pra dentro.

— É? — perguntou Nick, ausente, batendo com força na bola.

— Claro. Gostaria de dar uma força para você. Que tal eu passar no bar uma noite dessas para a gente sair?

— Esquece!

— Não, cara, estou falando sério. Eu aviso a galera também. Não me diga que o escorregadio LeBeck não pode dar uma escapada!

— Posso sair quando quiser. Basta sair pela cozinha.

— Pelos fundos?

— É. Zack, em geral, fica ocupado no bar até às três da manhã e até às duas aos domingos. Posso despistar Rio quando quero ou usar a saída de incêndio.

— Tem um apartamento no andar de cima?

— Há-há. Sua vez.

Quando mudaram de lugar, Cash continuou a interrogá-lo, de modo descontraído. Guardavam o dinheiro num cofre no escritório. O movimento costumava ser mais intenso às quartas-feiras, por volta de uma da manhã.

Havia três entradas. A porta da frente, a dos fundos e através do apartamento no andar de cima.

Depois das três vitórias de Nick, Cash sabia tudo de que precisava. Inventou uma desculpa e foi ao encontro de Reece.

Não se sentiu bem em enrolar Nick. Mas ele era um *Cobra*.

CAPÍTULO OITO

Zack saiu do banho, agradecido por aquela noite interminável ter chegado ao fim. Não se importava com a papelada. Pelo menos, não a odiava. Bem, a verdade é que odiava, mas tratava-se de um mal necessário.

Fez os pedidos, pagou as faturas e fechou as contas do mês. Bem, já tinha passado uma semana ou mais do final do mês, mas, mesmo assim, calculou que estava indo bem.

Assim como os negócios.

Finalmente, saíra do buraco no qual a doença do pai e as despesas decorrentes dela o atolaram. Pagar o empréstimo para zerar as dívidas de Nick abalaria o orçamento e, por mais um ano, só poderia se dar ao luxo de olhar barcos nos catálogos.

Como Rachel se sentiria em tirar um mês de férias e velejarem até o Caribe? Gostava de imaginá-la deitada no deque lustroso, usando apenas biquíni. Gostava da ideia de ver os cabelos despenteados pelo vento cobrirem-lhe o rosto.

Claro, ele teria de passar um tempo examinando o barco, testando os cabos e as cordas. Talvez pudesse convencer Nick a passar um dia velejando, ou até mesmo um final de semana. Queria que os dois pudessem escapar. Escapar do bar, da cidade, das lembranças.

Com a toalha amarrada nos quadris, foi até o quarto se vestir. Esperava, sinceramente, que o jantar de domingo com a família Stanislaski quebrasse um pouco mais as defesas do garoto. Sempre que Rachel falava da família, pensava no que havia faltado a eles... a Nick.

Tudo de que o garoto precisava era de um pouco de tempo para ver como a vida podia ser boa. Estavam quase a meio caminho do julgamento e, exceto por poucos atritos, tudo transcorreria com relativa tranquilidade.

Devia isso a Rachel, pensou, vestindo o jeans. Precisava agradecê-la por um monte de coisas. Não apenas ela lhe dera uma segunda chance com Nick, mas acrescentara algo incrível à sua vida. Algo com que nunca sonhara. Algo que ele...

Com um longo suspiro, olhou firme para o espelho. Quando um homem afundava pela terceira vez, reconhecia os sinais.

Não seja idiota, Muldoon, disse para o reflexo. Deixe o barco correr. A moça quer ir com calma e você também. Melhor não esquecer.

— Um encontro promissor? — Fingindo desinteresse, Nick se recostou na soleira da porta. Ao passar, vira o jeito como Zack olhava absorto o espelho.

— Hein? É, acho que pode usar essa expressão. — Nick passou a mão no cabelo molhado e umas gotas de água respingaram. — Não sabia que tinha voltado.

— Pego às 18 h. — Por razões que Nick não podia compreender, as lembranças das vezes em que ficara parado no banheiro vendo Zack se barbear o invadiram. Lembrou-se de Zack passando o creme de barbear no rosto. — O prato especial hoje vai ser ensopado de carne. Pena que você vai perder.

Zack pegou uma camisa.

— Coma a minha parte, por favor, ou então Rio vai me fazer comê-la no café-da-manhã.

O sorriso de Nick transformou-se, em seguida, num sorriso amarelo.

— Você aceita desaforos demais dele.

— Ele é maior do que eu.

— É verdade.

Vendo Nick pelo espelho, Zack abotoou a camisa.

— Rio gosta de pensar que toma conta de mim. Não me custa nada deixá-lo acreditar. Ele já contou como conseguiu aquela cicatriz no rosto?

— Contou uma história de garrafa quebrada e marinheiro bêbado.

— O marinheiro bêbado ia cortar minha garganta com a garrafa quebrada e ele se meteu. Devo muito a Rio para me aborrecer com suas implicâncias. —

Colocando a camisa para dentro da calça, virou-se e sorriu. — E você está sendo pago para aguentar também.

— Ele é legal. — Nick gostaria de perguntar mais, saber a razão de um marinheiro bêbado querer cortar a garganta do irmão, mas teve medo de Zack desconversar. — Ouça, se tiver sorte hoje à noite, não se preocupe em voltar.

Os dedos de Zack pararam no botão do jeans. Fazendo uma careta, pensou como Rachel iria interpretar a fase de Nick.

— Obrigado pela sugestão, mas vou voltar para casa.

— Para ver se estou na cama — resmungou.

— Chame do que quiser — retrucou Zack, e engoliu uma praga. Não importa o que acontecesse, eles iam ter aquela conversa sem alterar a voz. — Ouça, não acho que você vai pular a janela. Caramba, pode fazer isso comigo aqui. Pode ser que a moça não queira companhia a noite inteira.

Aliviado, Nick enfiou os polegares nos bolsos.

— Eles não lhe ensinaram muito na Marinha, não é, mano?

Num antigo gesto esquecido por ambos, Zack esfregou os nós dos dedos na cabeça de Nick.

— Não encha meu saco. — Com a jaqueta pendurada no ombro, preparou-se para sair. — E não me espere acordado. Tenho a impressão de estar com sorte.

Muito tempo depois de a porta se fechar, Nick ainda sorria.

Rachel acabara de destrancar a porta do prédio, quando Zack surgiu por trás.

— Cheguei na hora exata. — Deu-lhe um beijo na nuca.

— Para você, talvez. Hoje, foi uma correria. Eu esperava tomar um banho de banheira, antes de você aparecer.

— Quer um banho de banheira? — Tão logo entraram no elevador, encostou-a na parede. — Pode tomar. Eu ensaboo suas costas.

— Que homem! — Quando a boca fechou-se na sua, sentiu uma dorzinha lá no fundo a recordá-la do quanto desejara estar novamente com ele. — Você está cheiroso.

— Deve ser isso. — Tirou a mão das costas e entregou um embrulho de papel cheio de rosas.

Rachel quase suspirou, mas resistiu.

— Outro suborno? — Mas não podia resistir à vontade de aproximar o rosto do buquê.

— Tinha um sujeito vendendo flores há umas duas quadras daqui, com cara de quem precisava de uns trocados.

— Como você é bobo. — Estendeu as chaves para ele abrir a porta e continuou a cheirar as rosas.

— Pode ficar para você.

— Vai lhe custar caro. — Depois de fechar a porta com o pé, descansou a pasta e colocou as rosas na mesa. — Pague, Muldoon — exigiu, passando os braços em torno dele.

Havia tanta alegria no gesto! Paixão, também. E a doce e aguda dor do desejo. Mas a alegria foi tão inesperada, tão rápida e total que ela riu com a boca colada à sua, enquanto ele a rodopiava.

— Senti sua falta. — Continuou a segurá-la a centímetros do chão.

— É mesmo? — Com as mãos cruzadas confortavelmente em volta do pescoço dele, sorriu. — Talvez eu também tenha sentido saudade de você. Só um pouco. Por quanto tempo vai me manter pendurada?

— Assim eu posso olhar melhor. Você é linda, Rachel.

Não foram as palavras, mas, sim, o modo de dizer que a deixou com um nó na garganta.

— Você não precisa me agradar.

— Não sei como explicar como é linda, exceto que, algumas vezes, quando olho para você, me lembro do mar quando o sol nasce, quando aquela cor toda se espalha no céu, parecendo flutuar acima do horizonte e caindo na água. Por poucos minutos, tudo é tão vibrante tão... Eu não sei, especial. Quando olho para você, é assim que me sinto.

Os olhos se encheram de uma emoção cuja intensidade não estava disposta a analisar. Só lhe restava encostar o rosto no seu.

— Zack. — O nome era um sussurro e ela sabia que iria chorar a qualquer instante, se não mudasse de humor. — Rosas e poesia, tudo num único dia. Não sei o que dizer.

Encantado, mergulhou o rosto em seus cabelos.

— Já é um começo.

— Nós não vamos fazer...

— Sexo — concluiu ele, rindo. — Nós? Está brincando? — Mas, quando se sentou no sofá, a manteve no colo.

— Deixe-me ver esse machucado.

— Não é nada — disse, inclinando a cabeça para uma inspeção detalhada. — O pior é que a notícia se espalhou e tive de ouvir todo tipo de solidariedade e conselho. Se aqueles policiais tivessem mantido as bocas fechadas, eu poderia ter dito que bati com a cara na porta.

— Tire o blazer e o suéter.

Arqueou a sobrancelha.

— Você é tão romântico, Muldoon!

— Pode parar. Quero examinar seu pescoço.

— Já ficou bom.

— Motivo pelo qual você está usando um suéter até o queixo.

— Está na moda.

— Tire-o, gatinha, ou terei de fazê-lo por você.

Os olhos de Rachel se incendiaram.

— Ah, ameaçando uma defensora pública? — Depois de tirar os sapatos, levantou o queixo. — Tente, Exterminador. Vamos ver se você é bom de briga.

Ela não opôs muita resistência, mas o combate inicial foi suficiente para excitá-los. Quando a prendeu no sofá, os braços acima da cabeça e os pulsos presos em uma de suas mãos, ambos respiravam com dificuldade.

— Eu facilitei para você — falou Rachel.

— Deu para perceber. — O blazer estava amassado no chão ao lado deles. Sorrindo, Zack começou a levantar-lhe o suéter, deixando os dedos alisarem o tecido de seda abaixo.

Perdeu o fôlego e, arfante, tentou recuperá-lo.

— Isso não é meu pescoço — conseguiu pronunciar, quando a mão dele segurou-lhe o seio.

— Só estou conferindo. — Olhando-a sem cessar, brincou com o mamilo até ele ficar quente e duro. — Você reage rápido ao toque, Rachel.

Ao dele, pensou, arrepiada. Só ao dele.

Lentamente, determinado a saborear cada segundo, suspendeu o suéter. Soltou os pulsos, tempo suficiente para tirar o suéter, e voltou a prendê-los.

— Zack...

Ignorou as mãos de Rachel que se moviam.

— Minha vez no leme — disse, baixinho. — Uma vez, falei que queria deixar você louca. Esqueceu?

Ele já estava louco.

— Quero tocar você.

— Você vai conseguir. — Primeiro, ele deslizou a ponta do dedo por seu pescoço, examinando cuidadosamente as contusões. Já estavam ficando amareladas. — Não quero vê-la machucada de novo. — Gentilmente, abaixou a cabeça e desenhou um colar de beijos por cima das marcas. Nunca mais.

— Não está doendo. — Sob os lábios suaves, sentia a pulsação vibrante. — Não preciso ser seduzida.

— Sim, precisa sim. Mas está com medo, o que torna a ideia quase irresistível. Vai ter de confiar em mim. — Mudou de lugar para poder abrir o zíper da saia e tirá-la. Roçou a boca na sua e depois a mordiscou. — Vou levá-la a lugares estranhos, maravilhosos. — Em seguida, mergulhou fundo.

A jornada não era calma, mas não tinha outra escolha a não ser segui-lo. Essa avidez por prazer, essa urgência, tudo ainda era tão novo que a deixava indefesa. A mão a percorria, acariciando ali, explorando acolá, enquanto a boca devorava a dela com uma fome incontrollável.

Não tinha escapatória, pensou desesperada, quando ele a levou perto, dolorosamente perto, daquele primeiro tumultuado abandono. Estava aprisionada, totalmente perdida numa mescla de sensações. Contorceu-se sob a mão dele, absorta demais nos próprios desejos para saber o quão deliciosamente lascivos eram seus movimentos.

— Não tive tempo de apreciar tudo isso da última vez.

Zack subiu os dedos sobre as meias finas até a liga branca. Ela devia achá-la prática. Ele a achava erótica.

Com um habilidoso estalar dos dedos que a fez gemer, de soltou uma meia, depois a outra, antes de atormentar a ambos, descendo-as lentamente, centímetro por centímetro, pelas pernas.

Agachou-se no chão e lambeu-lhe as panturrilhas, a parte posterior das pernas, a gloriosa pele de cetim das coxas. Ela gritou, quando ele enfiou a língua por baixo de sua calcinha para provar a carne quente e sensível. Impaciente, ele a tirou para ter mais liberdade para saborear-lhe.

Quando a primeira onda a inundou, curvou-se como um arco, pronunciando palavras em ucraniano, quando o corpo foi tomado por espasmos. Agarrou-o até se desvencilharem das roupas. O fogo os consumia. Pressionou o corpo contra o dele, derrubando-o, montou-lhe em cima com as pernas abertas e a boca sôfrega uniu-se à dele.

— Agora — foi tudo o que ele disse, tudo o que podia dizer, ao agarrar-lhe os quadris.

— Eu realmente tinha pensado em levá-la para sair — disse, deitado no sofá, num emaranhado de pernas.

— Acredito.

Zack sorriu, reconhecendo a satisfação sonolenta em sua voz.

— Sério. Podemos nos vestir e tentar de novo.

Rindo, ela pressionou os lábios em seu peito. O coração dele ainda batia forte.

— Você não vai a lugar nenhum, Muldoon. Não até eu terminar com você.

— Se insiste...

— Para isso, existe serviço de entrega. Que tal comida chinesa?

— Fechado. Quem vai se levantar e ligar?

Ela se remexeu pelo simples prazer de esfregar o rosto na pele dele.

— Vamos tirar par ou ímpar.

Zack perdeu e Rachel aproveitou para tomar um banho rápido e estimulante. Ao voltar, num roupão de banho atoalhado até os joelhos, o cabelo molhado e encaracolado, viu que ele servia o vinho.

— Acho que estou me repetindo — disse, oferecendo-lhe a taça. — Mas você fica linda molhada.

Ele vestira o jeans, mas não se preocupara com a camisa. Rachel desceu o dedo pelo peito dele.

— Você podia ter tomado banho comigo.

— Não teria ninguém para abrir a porta.

— Já que ele vai trazer rolinhos primavera, está perdoado. — Foi até a cozinha pegar os pratos e arrumou-os na mesa perto da janela. — E eu preciso me abastecer. Só deu tempo de comer uma barra de chocolate no almoço. — Como o clima parecia perfeito, acendeu velas. — Nick passou lá no escritório.

— É mesmo?

— Queria ter estado com mais tempo... — Acendeu a vela com o fósforo.
— Chegou quando estava ocupada com telefonemas e antes de uma audiência de conciliação.

Viu-a mover-se pela sala em seu prático roupão atoalhado, inundando o ambiente de romance com as velas. Será que ela percebia a força do contraste?

— Você não precisa me explicar, Rachel.

Apagou o fósforo e acendeu outro. Não que fosse supersticiosa, mas não podia se arriscar acendendo três velas com o mesmo fósforo.

— Preciso explicar a mim mesma. Ele queria sair para almoçar, mas eu, simplesmente, não podia. Expliquei a... situação.

— Sobre o fato de ele ter se tomado de desejo por você?

— Não colocaria dessa forma. — Respirou fundo, quando o interfone tocou. Depois de atendê-lo, abriu a trava de segurança para o entregador. — Ele, simplesmente, confundiu gratidão e amizade com interesse.

Zack deu-lhe uma olhada demorada à luz das velas.

— Você é quem sabe.

Nervosa, voltou para a mesa e se sentou.

— Você é quem sabe, Muldoon.

Zack pegou a carteira. Tinha o dinheiro e a gorjeta certos, quando o entregador chegou. Depois de carregar três sacolas lotadas para a mesa, abriu as pequeninas caixas brancas. Em segundos, o ar foi invadido por aromas exóticos.

— Quer me contar o resto?

— Bem... — Enrolou o macarrão nos palitinhos. — Comecei por explicar nossa diferença de idade. Hum... — Mastigou apreciando o sabor. — Ele não se convenceu. — disse, com a boca cheia. — Apresentou um argumento convincente e, como não consegui contrapor, mudei de tática.

— Já vi você no tribunal.

— Usei a ética como argumentação. Já que sou sua tutora, seria impossível a gente ultrapassar esses termos. — Pensativa, pegou um pouco de lombo com

molho agridoce. — Ele pareceu compreender, enfim.

— Ainda bem.

— Acho que sim. Quer dizer, concordou comigo. Teve uma atitude bastante madura. Entretanto, ao sair, falou não ser tão difícil esperar mais cinco semanas.

Zack nada disse de imediato. Depois, com um meio sorriso, pegou a taça de vinho.

— Você precisa concordar que o garoto tem estilo.

— Zack, isso é sério.

— Eu sei, eu sei. É difícil para nós dois, mas não pode deixar de admirar o modo como ele deu a volta em você.

— Eu disse que ele era. — Depois de pegar outra caixa, provou o *chop suey* de frango e brotos de feijão. — Você não conhece nenhuma adolescente legal para apresentar a ele?

— Lola tem uma — disse Zack, pensativo. — Acho que ela tem 16 anos.

— Lola tem uma filha adolescente?

— Três. Gosta de dizer que começou cedo para não ter de se preocupar aos 40. Posso falar com ela.

— Mal não vai fazer. — Esticando a mão, entrelaçou os dedos nos dela.

— Você gruda na mente de um homem.

— Isso quer dizer que pensa em mim, enquanto mistura drinques e flerta com as clientes?

— Nunca flerto com Pete. Riu.

— Eu estava pensando naquelas duas gatinhas que apareceram por lá. A loura e a ruiva que sempre pedem coquetel de menta.

— Você é observadora, hein?

— A ruiva não desgruda aqueles enormes olhos verdes de você.

— Azuis.

— Ah!

Balançou a cabeça, surpreso por ter caído tão fácil na armadilha.

— É bom conhecer os frequentadores assíduos. Além do mais, gosto de olhos castanhos. Principalmente, quando eles têm uma pitada de dourado.

Deixou os lábios dele tocarem os seus.

— Tarde demais. — Com a cabeça próxima, voltou a rir. — Está bem, Muldoon. Eu sempre posso pegar emprestado o cutelo de carne de Rio, se você reparar em algo além dos olhos dela.

— Então, estou a salvo. Nunca presto atenção àquelas bonitas sardas do nariz. Ou ao sinal sexy no queixo.

Com os olhos apertados, Rachel mordeu-lhe o lábio.

— Se descer um pouco mais, vai estar atolado até o pescoço em confusão.

— Não tem problema. Sou bom nadador.

Horas depois, deitado numa cama fria e vazia, Zack a aqueceu com as lembranças. Tinha sido bom, muito bom mesmo, rirem juntos comendo em caixas de papelão e com palitinhos. Havia provado os pratos preferidos um do outro, conversando à luz das velas queimando. Não sobre Nick, não sobre o trabalho, mas sobre dúzias de outros assuntos.

Depois, voltaram a fazer amor, devagar, com carinho. Lá fora, a noite chegava.

Ele precisou deixá-la. Tinha responsabilidades. Mas, ao repousar o corpo na cama, deixou a mente vagar, imaginando como seria acordar com ela. Sentiu-a espreguiçar a seu lado ao som do despertador. Olhá-la. Sorrir ao vê-la se vestir às pressas para o trabalho.

Rachel num daqueles *tailleurs* elegantes. Tomariam café na cozinha discutindo os planos do dia.

De vez em quando, passaria no escritório dela para um almoço rápido, pois ambos odiavam passar o dia inteiro sem se tocar. Quando fosse possível, escaparia do bar para pegá-la no trabalho e caminhariam até em casa. Quando não fosse, ficaria ansioso por vê-la aparecer na porta do bar, sentar-se num dos bancos e flertar com ele, comendo o *chili* preparado por Rio.

Depois, voltariam para casa juntos.

Durante um fim de semana de tempo bom, velejariam. Ele a ensinaria como manejar o leme. Deslizariam pelo mar azul com as velas infladas.

As ondas eram altas como montanhas, cresciam e batiam assustadoramente no navio. O zunido do vento se assemelhava aos gritos de milhares de mulheres. Abafando o medo, que sabia ter o poder de ser tão destrutivo quanto a tempestade, escorregou no deque molhado e agarrou-se ao suporte escorregadio gritando ordens.

A chuva batia em seu rosto como um chicote, cegando-o. Os olhos vermelhos ardiam devido à água salgada. Sabia que o barco estava lá, o radar o localizara, mas tudo o que podia ver eram paredes e mais paredes da apavorante água.

A onda seguinte inundou o deque, quase o engolindo. Um raio cruzou o céu como um tiro atravessando o vidro. O navio adernou. Viu o marinheiro ser derrubado e ouviu o grito, quando as mãos agarraram-se à borda buscando apoio. Zack saltou e agarrou uma manga, depois um punho.

Uma luz. Pelo amor de Deus, dê-me uma luz. E ele puxava o peso morto da borda. Vento e água. Vento e água.

Ali, sob o clarão de um relâmpago, estava o barco perdido. Jogue o cabo do rebocador! Rápido! Quando o raio faiscou contra o céu escuro, viu três vultos. Tinham se amarrado no barco, um homem no leme, uma mulher atrás dele e uma menina no mastro.

Lutavam valentemente, mas um barco de quarenta pés não era páreo para a fúria de um furacão no mar. Era impossível mandar um barco a motor buscá-los. Só podia rezar para que um deles conseguisse manter o barco firme, enquanto o outro segurasse o cabo.

Mandavam instruções por sinais de lanternas através da tempestade.

Aconteceu rápido. Outro relâmpago e o mastro quebrou, caindo como uma árvore sob a força de um machado. Horrorizado, viu a menina ser atirada junto com ele e tragada pelo mar revolto.

Não havia tempo para pensar. O puro instinto fez Zack agarrar uma boia e mergulhar, desafiando a tempestade.

Caía, caía sem parar, enquanto a tempestade balançava seu corpo como um dado na mão de um jogador. Tudo preto, preto-piche, depois a explosão branca do relâmpago. A sensação de atingir a parede de água foi a mesma de atingir uma pedra. Cruel, fechando por cima de sua cabeça como a morte.

Zack acordou sem ar, sufocado com o pesadelo. Os lençóis banhados de suor o faziam tiritar de frio. Com um gemido, tombou a cabeça no travesseiro e esperou a opressiva sensação de náusea passar.

O quarto girou, ao se pôr de pé. Com base em experiências anteriores, sabia que devia fechar os olhos até recuperar o equilíbrio. Movendo-se no escuro, foi ao banheiro jogar água gelada no rosto.

Ei, você está bem? — Nick apareceu correndo na porta. — Está passando mal?

Não. — Zack fez uma concha com a mão e bebeu a água da torneira para atenuar a secura da garganta. — Volte para a cama.

Nick hesitou, observando o rosto pálido de Zack.

— Você parece doente.

— Droga, já disse que estou bem! Desapareça!

Os olhos de Nick cobriram-se de uma mágoa doída, antes de se virar.

— Ei, espere aí. Desculpe. — Zack respirou fundo. - Um pesadelo. Sempre me deixa num humor insuportável.

— Você teve um pesadelo?

— Foi o que eu disse. — Constrangido, pegou uma toalha para se enxugar.

Era difícil para Nick imaginar o grande e indestrutível Zack tendo um pesadelo ou qualquer coisa que o fizesse suar e empalidecer.

— Quer beber alguma coisa?

— Sim. — Tendo recuperado um pouco da firmeza, abaixou a toalha. — Tem um pouco do uísque do velho na cozinha.

Após um segundo, seguiu Nick. Sentou-se no braço de uma poltrona, enquanto Nick servia uma dose num copo. Pegou-o, engoliu e soltou uma exclamação de desaprovação.

— Não consigo imaginar como ainda lhe restava fígado no final.

Nick queria ter posto a calça e não estar só de cueca. Pelo menos, teria bolsos para enfiar as mãos.

— Acho que, quando ele começou a se esquecer as coisas, tinha uma desculpa para jogar a culpa no uísque e não... Você sabe.

— Alzheimer. É. — Zack deu outro gole. Deixou a bebida na língua por um momento para a garganta se acostumar com a ideia.

— Ouvi você se debatendo na cama. Parecia horrível.

— Foi horrível. — Inclinou o copo, sacudindo o uísque de um lado a outro. — Um furacão. Infernal. Nunca entendi por que passaram a dar também nomes de homens a furacões. Do meu ponto de vista, um furacão é sempre uma mulher. — Deixou a cabeça cair para trás, os olhos fechados. — Já faz quase três anos e eu ainda não fui capaz de esquecer essa em especial.

— Você quer... — Nick se calou. — Pode ajudá-lo a dormir.

Zack sabia o que Nick queria perguntar. E ele também queria. Talvez fosse melhor para ambos se pudessem discutir o assunto.

— Estávamos zarpando das Bermudas, quando recebemos a ligação aflita. Éramos o navio mais próximo e o capitão teve de tomar uma decisão. Fomos ao encontro do furacão. Três civis num barco de passeio. Tinham sido atingidos, é claro, e não conseguiram chegar ao cais antes de a tempestade cair.

Sem nada dizer, Nick sentou-se no braço do sofá para poder olhar o irmão.

— Ventos de 75 nós e as ondas deviam ter uns 12 metros de altura. Eu já havia enfrentado um furacão, mas depois de ele ter se aproximado do continente. Pode ser terrível, realmente terrível, mas nada se compara quando nos encontramos no mar. Você não sabe o que é medo até ver algo assim. Ouvir algo assim. Uma pancada na cabeça deixou o comandante fora do ar. Por pouco, não perdemos parte da tripulação, arrastada para o mar por cima da

borda do navio. Às vezes, ficava escuro. Tão escuro que não se conseguia enxergar as próprias mãos, mas dava para ver a água subindo. Depois, a luz do relâmpago nos cegava.

— E vocês deviam encontrar as pessoas em meio ao furacão?

— Sabíamos onde estavam pelo radar. O sinaleiro poderia ter falhado em localizar o barco no meio da escuridão, mas ele era bom. Nós os localizamos, 30° a estibordo. Haviam amarrado a criança, uma menininha, ao mastro principal. O homem e a mulher lutavam para manter o barco flutuando, mas a água o inundava com rapidez. Lembro-me de pensar que podíamos salvá-los. Depois, o mastro quebrou. Pensei ter ouvido o grito da menina, mas, provavelmente, foi o vento. Ela foi tragada pelas águas tão rápido! Então, mergulhei.

— Você mergulhou? — repetiu Nick, olhos arregalados. — Você pulou na água?

— Estava em cima da borda do navio, antes de tomar consciência. Não agi como herói. Simplesmente, não pensei. Acredite em mim, se eu tivesse... — Deixou as palavras se dispersarem, depois engoliu o resto do uísque. — Foi como pular de um arranha-céu. Você acha que nunca vai parar de cair, tem tempo de sobra para se dar conta de ter acabado de se matar. Foi estúpido. O vento poderia ter me jogado contra o costado do navio. Mas tive sorte e ele me atirou em direção ao barco. Então, atingi o mar. Céus, foi como ir, violentamente, de encontro ao concreto.

Só mais tarde, soubera ter quebrado a clavícula e deslocado o ombro esquerdo.

— Eu não conseguia assumir o controle. A água me mantinha nadando sem sair do lugar, soçobrando. Estava tão escuro... A lanterna de busca, praticamente, não me via. E ali estava eu, afundando e sem ao menos me lembrar do que estava fazendo ali. Dei uma sorte louca por ter encontrado o mastro. A menina estava toda enroscada na corda. Não sei quantas vezes afundamos, enquanto eu tentava soltá-la. Minhas mãos ficaram dormentes;

não enxergava nada. Depois, a peguei e consegui colocar a boia nela. Disseram que eu a amarrei no cabo do reboque, mas não me lembro. Só me lembro de ter me agarrado a ele e rezado para que a próxima onda não nos destruísse. Depois, me lembro de ter acordado numa enfermaria. A menina, sentada, enrolada numa colcha, segurava minha mão. — Sorriu. Ajudava lembrar-se dessa parte. Só dessa parte. — Ela era um bocado bonita. Neta de um almirante.

— Você salvou-lhe a vida.

— Talvez. Nos primeiros dois meses, eu pulava daquele deque toda vez que fechava os olhos. Agora, é só uma ou duas vezes por ano. Ainda morro de medo.

— Achei que você não tivesse medo de nada.

— Tenho medo de um montão de coisas. — Disse baixinho, ao encontrar os olhos do irmão. — Durante certa fase, tive medo a ponto de não conseguir ficar parado no deque e olhar o mar de novo. Tive muito medo de desembarcar, sabendo que, quando fizesse isso, minha vida inteira mudaria. E tenho medo de terminar como o velho: doente, fraco e arrasado. E tenho medo de você sair por aquela porta em poucas semanas, sentindo o mesmo por mim do que quando entrou.

Nick foi o primeiro a afastar o olhar, fitando a sombra do ombro de Zack na parede.

— Não sei como me sinto. Você voltou porque precisava. Eu fiquei porque não tinha para onde ir.

Não havia como contestar a verdade. Pelo que Zack podia entender, Nick apresentara o resumo perfeito.

— Nós nunca conversamos antes.

— Você nunca ficou aqui por muito tempo.

— Eu não conseguia conviver com o velho...

— Você era a única pessoa com quem ele se importava — desabafou Nick.
— Todo dia, eu tinha de ouvir como você era fantástico, como você cuidava

bem de sua vida. Você era um herói e eu não era nada. — Conteve-se e sufocou a carência. — Mas é natural. Você era sangue dele e eu era apenas alguém cuja responsabilidade sobrou para ele, quando minha mãe morreu.

— Não é verdade. Não mesmo — insistiu Zack. — Pelo amor de Deus, Nick, quando morei com ele, ele nunca estava satisfeito comigo. Eu estava aqui e minha mãe não. Isso era o suficiente para deixá-lo infeliz toda vez que me olhava. Droga, ele não tinha essa intenção! — Fechou os olhos e perdeu a sombra de surpresa no rosto de Nick. — Ele era daquele jeito. Levei anos para perceber que estava sempre no meu pé porque era seu jeito de ser pai. Foi o mesmo com você.

— Ele não era meu... — Mas, desta vez, Nick se calou sem concluir a frase ou o pensamento.

— Quando chegou perto do fim, perguntou por você. Ele, realmente, queria ver você, Nick. Devido à doença, na maioria das vezes achava que você ainda era um menininho. E, algumas vezes — na maioria delas, na verdade —, ele nos confundia. Depois, gritava comigo por minha causa e por sua — disse, com um sorriso. Um sorriso que Nick não retribuiu. — Não estou culpando você por ter se mandado ou por ter acumulado, ao longo dos anos, críticas e queixas contra ele. Compreendo que era tarde demais para ele, Nick, mas não precisa ser tarde demais para você.

— E o que isso lhe interessa?

— Você é toda a família que tenho. — Pôs-se de pé e pousou a mão no ombro do irmão caçula. Relaxou ao não ser rechaçado. — Talvez, para ser absolutamente sincero, você seja toda a família que eu já tive e não quero perdê-lo.

— Eu não sei como é fazer parte de uma família — murmurou Nick.

— Nem eu. Talvez a gente consiga descobrir um jeito de aprender.

Nick olhou para cima. Em seguida, afastou o olhar.

— Talvez... De qualquer jeito, ainda vamos ficar colados um ao outro por algumas semanas.

La funcionar, Zack pensou ao apertar o ombro de Nick Por enquanto, bastava.

— Obrigado pelo drinque, garoto. Por favor, não mencione esse negócio de pesadelo para ninguém.

— Deixe comigo. — Nick viu Zack caminhar de volta para o quarto. — Zack?

— Sim.

Ele não sabia o que queria dizer. Só que fora bom, que se sentia bem.

— Nada. Boa noite.

— Boa noite. — Zack caiu na cama com um suspiro, certo de que dormiria como um bebê.

CAPÍTULO NOVE

Algo mudara. Rachel não sabia exatamente o quê. Ao se sentar entre Zack e Nick no metrô em direção ao Brooklyn, sabia que algo acontecera entre eles. Algo diferente.

Ficou nervosa. Teria cometido um erro ao levar os problemas dos dois homens que a flanqueavam à casa dos pais?

E os seus também, admitiu. Afinal, não podia negar ter uma preocupação com os dois bem maior do que poderia ser considerado profissional. Sentia uma intimidade com Nick, a síndrome da irmã mais velha, supunha. Além disso, dizia a mais pura verdade ao confessar a Zack seu fraco por garotos desajustados.

Gostaria de fazer mais por Nick LeBeck do que ajudá-lo a manter-se fora da cadeia.

Quanto ao irmão mais velho de Nick, há tempos cruzara todas as barreiras profissionais com ele, no que podia ser qualificado como um caso de máxima explosão. Só sentar a seu lado no vagão sacolejante a fazia pensar na última vez em que ficaram juntos e sozinhos. E não precisava de nenhum esforço para imaginar como seria da próxima vez em que pudessem gozar de poucas horas.

Com certeza, a mãe perceberia, refletiu. Nada escapava ao olhar de Nadia Stanislaski, quando se tratava de seus filhos. Pensou no que a mãe acharia dele. Na verdade, pensaria é que a filha caçula arranjara um namorado.

Para duas pessoas que tinham jurado não complicar o assunto, ela e Zack não vinham obtendo muito êxito, concluiu. Estava tão segura de ser capaz de manter suas prioridades e aceitar os aspectos físicos de um relacionamento com um homem de quem gostava e respeitava sem fantasiar os passos seguintes...

Mas vinha pensando demais em Zack, já se encaixando no papel de parte de um casal, quando sempre se sentira satisfeítíssima em ser solteira.

Agora, quando imaginava viver sem ele, o quadro tornava-se apagado e desinteressante.

Problema seu, lembrou-se. Afinal, haviam feito um pacto e ela nunca recuava em suas palavras. Era algo com o qual teria de lidar ao chegar a hora. Muito mais imediata era a sensação incômoda de que o relacionamento entre os homens ao seu lado tinha dado uma virada sem que ela tivesse conhecimento.

Para aliviar a sensação, manteve uma conversa banal até alcançarem o destino.

— Fica apenas a algumas quadras — disse Rachel, puxando para trás o cabelo que o vento outonal despenteava. — Espero que não se importem em andar.

Zack levantou uma sobrancelha.

— Acho que podemos acompanhá-la. Você parece nervosa, Rachel. Você também não acha, Nick?

— Um bocado agitada.

— Ridículo. — Saiu andando em meio ao vento e os homens a seguiram.

— Provavelmente, é a ideia de ter um criminoso sentado na mesa para o jantar de domingo — comentou Zack. — Vai ter de contar os talheres.

Chocada com a declaração, Rachel se preparou para responder, mas Nick, simplesmente, resfolegou e respondeu ele mesmo:

— Se quer minha opinião, deve estar preocupada por ter convidado um marinheiro irlandês. Está com medo de ele entornar toda a bebida alcoólica e provocar uma briga.

— Posso lidar com a bebida, camarada. E não pretendo provocar brigas. Só se for com o policial.

Nick pisou numa folha seca, ao atravessarem a calçada.

— Eu cuido do policial.

Nossa, eles estavam brincando entre si. Como irmãos Exatamente como irmãos. Encantada, deu os braços para os dois.

— Se algum de vocês se meter com Alex, vão ter uma surpresinha. Ele é mais malvado do que parece. E o único motivo de eu estar nervosa é por medo de não sobrar nada para mim. Já vi vocês dois comendo.

— Olha só quem fala: uma mulher que come como um estivador.

Rachel franziu a testa para Zack.

— Simplesmente, sou saudável e tenho apetite.

Zack sorriu para ela.

— Eu também, fofinha.

Perguntava-se como controlar a súbita aceleração do coração, quando um carro parou na rua ao lado deles.

— Oi! — gritou o motorista.

— Oi! — Rachel se afastou para cumprimentar o irmão e a cunhada. Curvando-se na janela estreita do MG, beijou Mikhail e sorriu para sua esposa. — Ainda está mantendo-o na linha, Sydney?

Discreta e elegante, em contraste com o marido de aparência displicente, Sydney sorriu.

— Pode ter certeza. Tarefas difíceis são meu forte.

Mikhail beliscou a coxa da mulher e acenou para a calçada.

— Então, qual é a história aí?

— São meus convidados. — Lançou-lhe um olhar de aviso, pura perda de tempo, antes de chamar Nick e Zack.

— Venham conhecer meu irmão e sua sofredora mulher. Sydney, Mikhail, estes são Zackary Muldoon e Nicholas LeBeck.

Os óculos escuros escondiam seus olhos e Mikhail analisou-os detidamente. Ele tinha uma natural falta de confiança no julgamento da irmã, assim como todos os irmãos.

— Qual é o cliente?

— Hoje, ambos são convidados.

Sydney inclinou-se e deu uma cotovelada nas costelas de Mikhail.

— Muito prazer em conhecer os dois. Vocês vão se deliciar com a comida de Nadia.

— Foi o que me disseram. — Zack manteve os olhos fixos em Mikhail ao responder e colocou uma das mãos possessivamente no ombro de Rachel.

Os dedos de Mikhail tamborilaram no volante.

— Você é dono do quê? De um bar?

— Não. Na verdade, meu negócio são escravas brancas.

Isso fez Nick dar uma risada, antes de Rachel balançar a cabeça.

— Vá estacionar o carro.

Ao voltarem para a calçada, Nick sorriu para Rachel.

— Estou entendendo agora sobre irmãos mais velhos. Ser um saco deve fazer parte do pacote.

— Responsabilidade — disse Zack. — Nós apenas passamos o benefício de nossa experiência.

— Não — falou Rachel. — Vocês são é intrometidos. — Alegre, fez um gesto em direção ao som de vozes e risadas. Mikhail e Sydney já estavam à porta da casa, abraçando e sendo abraçados. — Chegamos. — Quando Rachel viu Natasha, deu um grito de prazer e saiu correndo escada acima.

Recuando um passo, Zack viu Rachel abraçar a irmã. Natasha tinha um físico mais miúdo, mais delicado, com olhos castanhos molhados de lágrimas e cachos ruivos descendo-lhe pelas costas. O primeiro pensamento de Zack foi que esta não podia ser a mãe de três filhos descrita por Rachel. Então, um garoto de uns 6 ou 7 anos enfiou-se entre as mulheres exigindo atenção.

— Saiam do frio! — gritou da casa uma voz masculina grave e poderosa, que ecoou pela calçada e mais além.

— Vocês não nasceram num estábulo.

— Sim, papai. — Com voz dócil, Rachel piscou para o sobrinho, o pegou no colo e deu-lhe um beijo. — Minha irmã Natasha — continuou, quando pararam diante da porta aberta. — E meu amiguinho, Brandon. E Katie. —

completou, quando uma criancinha apareceu e se agarrou nas pernas de Natasha.

— Você me pega no colo? — pediu Katie, mirando Nick. — Está bem? — Já levantava os bracinhos sorrindo, flertando. Nick engoliu em seco e olhou Rachel em busca de ajuda. Ao receber apenas um sorriso e um dar de ombros, agachou-se desajeitado.

— Claro. Eu acho.

Bastante experiente em tais assuntos, Katie se acomodou no quadril dele e passou-lhe um braço pelo pescoço.

— Ela gosta de homens — explicou Natasha. Quando o pai voltou a vociferar, revirou os olhos. — Entrem, por favor.

Zack atordoou-se com os sons e os cheiros. Lar, percebeu. Um lar de verdade. E entrar num lar o fez se dar conta de nunca ter tido um.

Os cheiros de presunto, alho e da cera de mobília, as vozes misturada, o tapete na escada para o segundo andar desfiado nas extremidades, testemunha de dúzias de pés a subir e a descer ao longo de anos. A mobília desbotada devido ao sol e ao tempo na sala de estar apertada e entupida de gente. Um piano reluzente encostado numa das paredes. Em cima, uma escultura em bronze. Ele reconheceu os rostos da família de Rachel, os filhos de rostos colados, ladeados por dois rostos mais velhos e orgulhosos que só podiam ser seus pais.

Ele não entendia muito de arte, mas compreendeu o significado da peça: uma unidade que não poderia ser quebrada.

— Então, você traz os amigos e os deixa no frio? — Yuri, sentado numa poltrona, abraçava uma garota. Os braços fortes de trabalhador praticamente envolviam a bonita menina de cabelos lisos louros e olhos curiosos.

— Só está um pouco frio. — Rachel inclinou-se para beijar o pai e a menina. — Freddie, a cada dia que vejo você, a acho mais bonita.

Freddie sorriu e disfarçou o olhar dirigido ao jovem louro com sua irmãzinha no colo. Mas acabara de completar 13 anos e um mundo novo se

abria para ela.

Rachel prosseguiu com as apresentações. Freddie ficou remoendo o nome Nick LeBeck na cabeça, enquanto Yuri ditava ordens.

— Alex, traga cidra quente. Rachel, leve os casacos para cima. Mikhail, beije sua mulher depois. Vá dizer a mamãe que temos visitas.

Em poucos minutos, Zack se encontrou sentado no sofá, coçando as orelhas de um cachorro grande e fofinho chamado Ivan e discutindo os pró e os contras de ter o próprio negócio com Yuri.

Nick se sentia super constrangido com uma criança no joelho. Ela não parecia ter pressa de descer. E a menina loura chamada Freddie continuava a examiná-lo com solenes olhos cinza. Afastou o olhar, esperando que a mãe delas viesse e fizesse algo. Qualquer coisa. Katie escalou-o e começou a mexer no brinco dele.

— Bonito — disse, com um sorriso tão doce que ele não tinha outra opção, a não ser retribuir. — Eu também tenho brincos. Tá vendo? — Para mostrar as minúsculas argolas douradas, virou a cabeça de um lado para o outro. — Porque sou a ciganinha do papai.

— Aposto que sim. — Sem perceber, acariciou-lhe os cabelos. — Você se parece muito com sua tia Rachel.

— Eu posso pegá-la no colo se ela estiver incomodando. — Freddie reunira toda a coragem e estava parada ao lado do sofá, sorrindo para Nick.

Nick, simplesmente, mexeu os ombros.

— Ela é legal. — Ele se esforçou em encontrar algo para dizer. A menina era bonita como uma boneca de porcelana, pensou, e tão estranha para ele quanto a língua ucraniana de Rachel. — Vocês não parecem irmãs.

O sorriso de Freddie tornou-se mais afetuoso e o coração de mulher bateu um pouco mais acelerado.

— Natasha é minha madrastra. Eu tinha quase 6 anos, quando ela e meu pai se casaram.

— Ah! — Uma enteada, pensou. Isso era algo que ele conhecia e com que tinha afinidade. — Imagino que deva ter sido meio difícil para você.

Embora confusa, Freddie continuou a sorrir. Afinal, o cara com pinta de cantor de rock conversava com ela.

— Por quê?

— Bem, você sabe... — Nick se pegou envergonhado diante daquele olhar fixo cinza. — Ter uma madrasta, uma nova família...

— É só uma palavra. — Deixando de lado o nervosismo, sentou-se no braço do sofá ao lado dele. — Temos uma casa na Virgínia do Oeste. Foi onde papai conheceu mamãe. Ele ensina na universidade e ela é dona de uma loja de brinquedos. Você já foi à Virgínia do Oeste?

Nick ainda estava pasmado com a resposta. É só uma palavra. Pelo tom descontraído da voz, entendeu o que ela quis dizer.

— Ah, não, nunca fui.

Dentro da cozinha aquecida e perfumada, Rachel ria com a irmã.

— Katie, certamente, sabe como agarrar seu homem.

— Foi tão bonitinho o jeito como ele corou.

— Aqui. — Nadia colocou uma tigela nas mãos da filha mais velha. — Você prepara as torradas. O garoto tem olhos doces — disse a Rachel. — Por que se meteu em confusão?

Cheirando uma panela fumegante de vagem, Rachel sorriu.

— Porque não tinha pai e mãe para gritar com ele.

— E o mais velho também tem olhos meigos — continuou Nadia, abrindo o forno para checar o presunto. — E não desgrudam de você.

— Talvez.

Depois de dar um tapinha na mão da filha, Nadia tapou a panela.

— Alex reclama deles.

— Ele reclama de tudo.

Natasha sorriu, preparando a massa na fôrma.

— Para mim, é evidente que Rachel está de olho nele tanto quanto ele está de olho nela.

— Muito obrigada — disse Rachel, entre os dentes.

— Se uma mulher não olhar um homem desses, precisa de óculos — falou Nadia, fazendo as filhas rirem.

Quando a curiosidade tornou-se excessiva, Rachel abriu uma fresta da porta giratória e espiou. Sydney, sentada no chão, mantinha Brandon ocupado com uma pilha de carros de corrida. Os homens estavam reunidos discutindo futebol. Freddie, sentada no braço do sofá, obviamente se encontrava no primeiro estágio de enamoramento por Nick. Quanto a Nick, parecia ter esquecido o embaraço e balançava Katie no joelho. E Zack, notou com um sorriso, inclinado para a frente, envolvera-se no debate acalorado a respeito do próximo jogo de futebol.

Quando a mesa foi posta e rangeu sob o peso dos pratos de comida, Zack estava absolutamente fascinado com os Stanislaski. Eles discutiam em voz alta, mas sem o azedume de suas confrontações com o pai. Descobriu que Mikhail era o artista que esculpira a peça no piano, bem como todas as apaixonantes obras do apartamento de Rachel. Ainda assim, falava sobre obras e códigos de construção com o pai, e não sobre arte.

Natasha cuidava das crianças dando-lhes liberdade. Ninguém parecia se importar se Brandon armara uma simulação de pista de corridas de mentirinha ou se Katie subia pela mobília. Mas, quando chegou a hora de parar, bastou uma palavra dos pais.

Alex não parecia o policial durão ao ouvir as gracinhas da família sobre sua última namorada, uma mulher, conforme alegava Mikhail, com o QI da vagem servida no prato.

— Ei, eu não me importo. Assim, eu me encarrego de pensar por ela.

Isso foi o suficiente para Rachel soltar um urro nada educado.

— Ele não saberia lidar com uma mulher com cérebro.

— Um dia, uma vai encontrá-lo — profetizou Nadia. — Como Sydney encontrou Mikhail.

— Ela não me encontrou. — Mikhail passou uma travessa de batatas cozidas para a mulher. — Eu a encontrei. Ela precisava de um pouco de tempero em sua vida.

— E, até onde me lembro, você precisava de alguém para enfrentá-lo e baixar sua bola.

— Foi sempre assim — concordou Yuri, sacudindo o garfo. — Ele era um bom menino, mas... Qual é mesmo a palavra?

— Arrogante? — sugeriu Sydney.

— Isso. — Satisfeito, Yuri mergulhou no prato. — Mas não é muito ruim para um homem ser arrogante.

— Isso é verdade. — Nadia olhava Katie pelo canto do olho. A menina estava concentrada em cortar o bife. — Desde que tenha uma mulher que seja mais inteligente, o que não é muito difícil.

Risadas femininas e protestos masculinos fizeram Katie, encantada, bater palmas.

— Nicholas, você estuda, não é? — perguntou Nadia.

— É... Não exatamente.

— Ele ainda é jovem, Nadia. — disse Yuri, do outro lado da mesa. — Tem tempo para decidir. Você é muito magrinho. — Franziu os lábios, examinando Nick. — Mas tem braços fortes. Se precisar de emprego, posso contratá-lo. Ensino você a construir.

Estarrecido, Nick o fitou. Ninguém jamais lhe oferecera algo tão descontraidamente. O homem grande de rosto largo a atacar o presunto nem o conhecia.

— Obrigado. Mas já estou trabalhando para Zack.

— Deve ser interessante trabalhar num bar. Brandon, coma as verduras e deixe as torradas. Todas as pessoas que se tem oportunidade de conhecer —

continuou Natasha, salvando o copo de Katie de cair ao chão, sem quebrar o ritmo.

— Você não encontra muitas na cozinha — resmungou Nick.

— Você tem de ter 21 anos para atender no bar ou servir drinques — lembrou Zack.

Notando a expressão rebelde de Nick, Rachel interrompeu a conversa.

— Mamãe, você tem que ver o cozinheiro de Zack. É um gigante da Jamaica e faz uma comida incrível. Tentei convencê-lo a me dar umas receitas.

— Eu troco uma com ele.

— Ofereça em troca o molho desse presunto e garanto que ele vai lhe dar o que quiser. — Zack comeu outro pedaço. — É fantástico.

— Leve um pouco para casa — ordenou Nadia. — Para fazer sanduíches.

— Sim, senhora — sorriu Nick.

Rachel aguardou a oportunidade certa para convencer, sem muito esforço, a mãe a tocar piano. Esperou o jantar terminar e três das quatro tortas de maçã preparadas pela mãe terem sido devoradas. Nadia e Spence tocaram um dueto, a música pairando sobre o burburinho dos pratos e das vozes.

Rachel notou o jeito atento e concentrado de Nick. Tão eficiente quanto um general alinhando as tropas, agarrou a chance quando Spence e Nadia fizeram uma pausa. Estendeu a mão, convidando Nick a acompanhá-la.

— Eu não devia ter comido aquele segundo pedaço de torta — disse, com um suspiro.

— Nem eu. — Difícil decidir como lhe dizer da emoção que aquela noite lhe proporcionara. Ele não acreditava que as pessoas vivessem daquele jeito. — Sua mãe é fantástica.

— É, também acho. — Descontraída, virou-se e começou a brincar com as teclas. — Ela e papai adoram os domingos em que podemos todos nos

reunir.

— Seu pai estava dizendo como a casa ficou grande, depois de todos os filhos saírem. Mas, agora, talvez precise fazer mais uns dois quartos para caber todo mundo. Imagino que vocês se reúnam muitas vezes.

— Sempre que podemos.

— Eles não pareceram se importar de você ter trazido a mim e a Zack.

— Eles gostam de companhia. — Tentou um acorde, recuando ao som das notas. — Isso sempre parece tão fácil quando Spence e Mamãe tocam...

— Tente isso. — Colocou a mão por cima da dela, guiando-lhe os dedos.

— Ah, bem melhor. Mas não entendo como as pessoas podem tocar coisas diferentes com cada uma das mãos. Ao mesmo tempo, entendeu?

— Não dá para pensar. Simplesmente, a gente deixa acontecer.

— Bem...

Ela parou e ele, incapaz de resistir, começou a improvisar um blues. Quando a música o dominou, esqueceu estar numa sala cheia de gente e deixou-se levar. Mesmo quando o silêncio reinou na sala, continuou, absorvido pelo prazer de criar som e emoção com as teclas. Quando tocava, não era Nick LeBeck, o pária, e, sim, alguém que não compreendia, alguém que não podia enxergar direito e que desejava desesperadamente ser para sempre.

Relaxou tocando músicas de que se lembrava vagamente, dando nova interpretação, deixando as notas vibrarem de acordo com seu humor, de blues a *boogie-woogie*, passando a jazz para recomeçar em seguida.

Quando parou, sorrindo, inebriado pelo prazer absoluto de tocar, Zack colocou a mão em seu ombro e o trouxe de volta à realidade.

— Onde você aprendeu a tocar? — A surpresa na voz de Zack refletia-se em seus olhos. — Para mim, é uma novidade.

Com um dar de ombros, Nick enxugou as mãos, de súbito úmidas de nervosismo, nas coxas.

— Só estava brincando.

— Uma brincadeira e tanto!

Cauteloso, tentando identificar o que se escondia no tom de voz de Zack, Nick retribuiu o olhar.

— Não é nada de mais.

Sorrindo de orelha a orelha, Zack sacudiu a cabeça.

— Cara, para alguém que não consegue tocar o básico isso é um verdadeiro concerto. — O orgulho sobrepunha-se à surpresa. — Foi fantástico. Fantástico mesmo.

O prazer deixou Nick tão pouco à vontade quanto a crítica para a qual se preparara. Foi então que percebeu. Todo mundo parara de falar e o contemplava. Ficou vermelho de vergonha.

— Olha, eu disse que não era nada de mais. Só estava batendo nas teclas.

— Foi uma batida muito talentosa. — Com Katie enganchada no quadril, Spencer moveu-se em direção ao piano. — Nunca pensou em estudar piano a sério?

Surpreso, Nick olhou as mãos. Uma coisa era sentar diante de Spencer Kimball no jantar e outra, completamente diferente, discutir música com o renomado compositor.

— Não. Quero dizer, não a sério. Só brinco de vez em quando, só isso.

— Você tem talento e ouvido. — Notando o olhar de Rachel, entregou Katie e trocou de lugar com ela. Sentou-se ao lado de Nick no banco do piano. — Conhece alguma coisa de *Muddy Waters*?

— Um pouco. Você gosta de *Muddy Waters*?

— Claro. — Começou a tocar o baixo. — Pode tocar o solo?

— Claro. — Nick colocou as mãos nas teclas e sorriu. — Claro.

— Nada encabulado o menino — murmurou Rachel para Zack.

Ele ainda olhava o irmão, embevecido.

— Ele nunca me disse. Nem uma palavra. — Quando Rachel segurou-lhe a mão, apertou-a com força. — Aposto que contou para você.

— Só um pouquinho, o suficiente para eu ter a ideia de fazê-lo tocar. Só não sabia que ele era tão bom.

— Ele é bom mesmo, não é? — Estupefato, pressionou os lábios nos cabelos de Rachel. Nick estava muito envolvido para perceber, embora vários pares de olhos observassem o gesto. — Parece que vou ter de arrumar um piano.

Rachel reclinou a cabeça em seu ombro.

— Você é muito legal, Muldoon.

Demorou quase uma semana, mas, usando a poupança, Zack comprou um piano vertical. Com a ajuda de Rachel, mudou a mobília de lugar no apartamento para abrir espaço para o instrumento.

Um pouco resfolegante, com as mãos nos quadris, ela examinou o espaço aberto debaixo da janela.

— Não seria melhor encostá-lo naquela parede?

— Você já mudou de ideia três vezes. Agora, vai ficar aí. — Tomou um grande gole da cerveja gelada. — Está decidido.

— Você não vai se casar com a droga do piano. Só está arrumando. E eu acho mesmo...

— Continue achando e derrubo isso na sua cabeça. — Pegou-lhe o queixo e inclinou-lhe a cabeça para um beijo. — E não é uma droga de um piano. O cara me garantiu ser o melhor que eu poderia conseguir com o dinheiro.

— Não comece de novo. — Reclinou-se e passou os braços pelo seu pescoço. — Nick não precisa de um piano de cauda.

— Eu só queria ter comprado um piano um pouco melhor para ele.

— Muldoon! — Pressionou a boca contra a sua. — Esse está ótimo. A que horas ficaram de trazer o piano?

— Há vinte minutos. — Aflito, começou a andar de um lado para o outro. — Se eles furarem, depois de eu ter passado o diabo para tirar Nick daqui...

Rachel interrompeu-o, emocionada.

— Vai correr tudo bem. E acho que foi uma inspiração usar os amendoins para tirá-lo do caminho.

— Ele estava furioso. — Com um sorriso, caiu no sofá.

— Discutiu comigo dez minutos querendo saber por que ele precisava conferir uma entrega de amendoins, quando ganhava para lavar pratos.

— Acho que vai perdoá-lo quando voltar.

— Ei, vocês aí em cima! — A voz musical de Rio ecoou da escada. — Temos um lindo piano chegando. Melhor descerem e darem uma olhada.

Rachel tentou ficar na dela, embora várias vezes, enquanto eles faziam força e manobravam o piano para subir as escadas, ela quisesse dar palpite. A melhor parte era olhar Zack, o que fez durante todo o tempo em que o instrumento foi manobrado, colocado no lugar e afinado. Ele se preocupava com o piano com instinto maternal, tirando poeira da superfície, abrindo e fechando a tampa.

— Parece bem legal. — Rio dobrou os maciços braços no peito. — Vai ser bom ouvir música enquanto cozinho. Você cuida bem do garoto, Zack. Ele vai ser alguém na vida. Você vai ver. Agora, vou preparar algo especial. — Sorriu para Rachel. — Quando vai trazer sua mãe aqui para podermos falar de comida?

— Em breve — prometeu. — Ela vai trazer uma receita ucraniana antiga.

— Ótimo. Aí, eu dou o segredo do meu molho de churrasco. Acho que ela deve ser uma boa mulher. — Saía, quando Nick subiu correndo as escadas. — Para que a pressa, garoto? O prédio está pegando fogo?

— Malditos amendoins! — foi tudo o que disse, esbarrando em Rio. Entrou no apartamento pronto para a briga. — Aí, irmão, da próxima vez que precisar de alguém para... — A mente esvaziou, ao ver o piano novo e reluzente debaixo da janela.

— Desculpe pelo trabalho sem sentido. — Nervoso, Zack enfiou as mãos nos bolsos. — Queria tirar você de casa para colocarmos isto aqui. — Ficou

inseguro devido ao silêncio de Nick. — E, então, que tal?

Nick engoliu em seco.

— O que você fez? Alugou ou o quê?

— Comprei.

Como os dedos ardiam por tocar as teclas, imitou o gesto do irmão e enfiou as mãos nos bolsos. Rachel quase suspirou. Pareciam dois cachorros vira-latas que não sabiam se brigavam ou viravam amigos.

— Não devia ter feito isso. — A frase em voz tensa soou curta e grossa.

— Pode me dizer por quê? — retorquiu Zack. As mãos agora estavam cerradas e tensas contra o denim. — É meu dinheiro. Achei que seria legal ter música por aqui. E, então, vai querer experimentar ou não?

Havia uma dor se espalhando, revirando seu estômago e queimando-lhe a garganta. Precisava sair.

— Esqueci algo — murmurou e saiu, rígido, porta afora.

— Que diabos foi isso? — explodiu Zack. Pegou a cerveja, voltou a colocá-la no lugar para abrir mão da tentação de atirar a garrafa contra a parede. — Se esse filho da...

— Calma! — ordenou Rachel, colocando-lhe a mão no peito. — Ah, vocês dois são umas figuras e tanto. Ele não sabe como dizer obrigado e você é estúpido demais para perceber como ele estava emocionado e, praticamente, a um passo das lágrimas.

— Quanta besteira! Ele não deu a mínima.

— Seu idiota! Você lhe deu um sonho. É bem provável que, pela primeira vez, alguém tenha entendido o que ele precisava, lá no fundo, e lhe dado uma chance. Ele não sabia como lidar com isso, Zack, assim como você também não.

— Ouça, eu... — Calou-se e, depois, praguejou. — O que devo fazer agora?

— Nada. — Segurando-lhe o rosto, puxou-o para beijá-lo. — Nadinha. Eu vou falar com ele, está bem? — Recuou e caminhou para a porta.

— Rachel. — Zack respirou fundo e foi ao seu encontro. — Preciso de você. — Ele viu a surpresa em seus olhos, ao lhe segurar as mãos e as levar aos lábios. — Talvez eu também não saiba lidar com essa sensação.

O coração palpitou.

— Você está indo bem, Muldoon.

— Acho que você não entende. — Ele, tampouco. — Eu preciso mesmo de você.

— Estou aqui.

— Mas vai continuar aqui quando seu dever chegar ao fim?

A palpitação aumentou.

— Temos ainda duas semanas para pensar a respeito. — Calma, Rachel, pense bem, avisou a si mesma. — Não me preocupo só com Nick. — Apertou de leve os dedos dele antes de se afastar. — Deixe-me procurá-lo. Conversamos sobre o resto depois.

— O.K. — Ele se afastou dela e do que sentia. — Mas acho que vamos ter de conversar sobre isso. Logo.

Com um rápido aceno, ela desceu apressada as escadas. Rio, simplesmente, fez um gesto em direção à frente do bar e ela, agradecida por não ter de falar por um minuto, saiu à procura de Nick.

Encontrou-o parado na calçada com as mãos enfiadas nos bolsos, olhando o trânsito do final de tarde. Ah, ela entendia o que ele sentia! Como Zackary Muldoon podia entrar na sua vida, tumultuar suas emoções antes de você ter chance de se defender?

Mais tarde, prometeu a si, pensaria no que ele fizera com suas emoções. Por enquanto, concentraria-se em Nick.

Parou a seu lado e mexeu-lhe no cabelo caindo nos ombros.

— Você está bem?

Nick não a olhou, continuou a observar o movimento do trânsito.

— Por que ele fez isso?

— Por que você acha?

— Eu não pedi nada.

— Os melhores presentes são os que não pedimos.

Ele virou de lado, fitando-a por segundos.

— Foi você quem o convenceu?

— Não. — Tentando ser paciente, pegou-o pelos braços para obrigá-lo a encará-la. — Abra seus olhos, Nick. Você viu o jeito como ele reagiu ao ouvir você tocar. Sentiu tanto orgulho que mal podia falar. Queria dar algo importante para você. Não foi para que você se sentisse devedor, mas porque o ama. É isso que as famílias fazem.

— Sua família.

Ela o sacudiu de leve.

— E a sua. Não tente me enrolar com essa bobagem de não serem irmãos de verdade. Você se preocupa tanto com ele quanto ele com você. Sei o quanto significou para você entrar e ver o piano. Mamãe tinha o mesmo olhar no rosto no Dia das Mães, mas era mais fácil para ela mostrar seus sentimentos. Você precisa praticar um pouco.

Fechando os olhos, encostou a testa na dela.

— Eu não sei o que dizer a ele. Como agir. Ninguém nunca... Eu nunca tive ninguém. Quando era criança, só queria ficar andando atrás dele. E, aí, ele se mandou.

— Eu sei. Tente se lembrar de que ele também não passava de uma criança, quando se foi. Ele não vai a lugar nenhum agora. — Rachel beijou-lhe as bochechas, como a mãe teria feito. — Por que não volta lá para dentro, Nick, e faz o que você sabe fazer de melhor?

— E o que é?

Sorriu para ele.

— Toque de ouvido. Vá em frente. Ele está louco para você experimentar.

— Está bem. — Ele deu um passo atrás. — Você vem?

— Não. Tenho coisas a fazer. — Meditar, na verdade. — Diga a Zack que o vejo mais tarde.

Mas esperou após ele ter entrado. Parada na calçada, olhou a janela. E, depois de um tempo, ouviu ao longe o som da música.

CAPÍTULO DEZ

Rachel! — Pete se ajeitou no banco e encolheu o barrigão ao vê-la entrar no bar. — Que tal eu lhe pagar um drinque?

— Pode ser que eu aceite. — Mas o sorriso era para Zack, quando pendurou o casaco num dos ganchos perto da porta. Ao atravessar a sala, deu um olhar expressivo para a loura sedutora sentada no banco do bar que pedia outro drinque e passava os dedos no braço de Zack. — Muito movimento?

Lola fez malabarismos com a bandeja.

— Este é o terceiro coquetel de menta dela — cochichou para Rachel. — E aqueles olhos grandes azuis estão devorando o chefe há duas horas.

— É só isso que ela vai fazer, a não ser que queira os olhos roxos.

Lola deu uma risada compreensiva.

— É isso aí, garota. Ei, calma. — Com uma habilidade que Rachel admirava, serviu os clientes, esvaziou os cinzeiros e substituiu uma cesta vazia de salgadinhos. — Está vendo aquela morena perto da *jukebox*?

— Com os lábios contraídos, Rachel observou os quadris estreitos no jeans apertado e a cascata de cabelo castanho-mel.

— Não diga que vou precisar me preocupar com ela também.

— Não, eu vou. É minha filha mais velha.

— Sua filha? É linda.

— Sim. Por isso, preciso me preocupar. De qualquer modo, Zack tem insistido para Nick conhecer umas pessoas mais ou menos da idade dele, então a convenci a vir provar um dos hambúrgueres de Rio.

— E?

— Nick olhou. Na verdade, se mostrou bastante entusiasmado em servir as mesas hoje à noite. Mas não se aproximou dela.

— Olhar já é o bastante — brincou. — Você não se importaria se ele se interessasse e a convidasse para sair?

— Nick é legal. Além do mais, minha Terri sabe se cuidar. — Lola piscou. — Puxou à mãe. Não tire as calças pela cabeça — gritou para uma mesa, onde quatro gesticulavam para ela. — Falo com você depois.

— Bem... — Rachel ajeitou-se no banco entre Harry e Pete. Uma taça de vinho branco já a esperava. — Quais as novidades?

— Palavra de seis letras para entusiasmo — disse Harry. — Termina com e.

Rachel sorriu tomando um gole.

— Êxtase — disse, olhando Zack.

— O.K.! — Satisfeito, preencheu o espaço em branco nas palavras cruzadas. — Aqui, tem outra com cinco. Caracterizado pela ausência de substância.

— Perfeito — murmurou, desviando o olhar para a loura que se debruçava, exibindo os seios no bar. — Tente vácuo.

— Caramba, você é boa.

— Harry! — Deu um sorriso que o fez ficar vermelho como um pimentão. — Sou terrível. Fique de olho por mim. Quero falar com Nick.

Pete a viu sair e suspirou.

— Se eu fosse vinte anos mais moço, pesasse menos 14 quilos, não tivesse uma mulher que cortaria meus pulsos e se ainda tivesse todo meu cabelo...

— É. Continue sonhando. — Harry fez sinal pedindo outra rodada.

No minuto em que entrou na cozinha, Rachel respirou fundo. Sempre cheirava a paraíso.

— Tudo bem, Rio? Qual a boa de hoje?

— Tudo é sempre bom. — Sorriu, enxugando as mãos enormes no avental. — Mas, hoje, meu frango frito é o número um.

— Deve ter uma reserva em meu nome. Ei, Nick! — Agora, sentia-se tão em casa ali quanto na cozinha da mãe. Recostou-se na bancada onde ele empilhava os pratos. — Como vão as coisas?

— Pela última contagem, lavei 6.082 pratos — respondeu, com um sorriso. — Zack mencionou que talvez você aparecesse hoje. Andei procurando por você.

Rio entregou-lhe um prato cheio de frango frito, batatas com creme e salada de repolho.

— Se eu viesse com mais frequência, ia sair rolando.

— Você come — acenou Rio, com a espátula antes de virar os hambúrgueres. — Gosto de ver uma mulher com quadris.

— Pois está prestes a ver uma. — A força de vontade era inexistente, quando se via diante do frango super-temperado de Rio. Rachel começou a comer de pé. — Definitivamente, o número um — comentou com a boca cheia. Rio sorriu. — E, então, queria falar comigo sobre alguma coisa em particular? — perguntou a Nick.

— Não. — Passou a mão nos cabelos dela. — Só queria ver você.

—Opa!

— Nick, acho que...

— Só temos mais duas semanas de espera.

— Eu sei. — Afastou-se ligeiramente, colocando o prato entre eles. — Na verdade, consegui falar com o promotor sobre seu progresso. Ele não planeja opor nenhuma objeção à suspensão da sentença e à liberdade condicional que esperamos da juíza Beckett.

— Sabia que podia contar com você, mas não era nisso que pensava.

Sabia muito bem no que ele pensava e já havia evitado o confronto por tempo suficiente. Colocou o prato de lado.

— Rio, preciso conversar com Nick um minuto. Pode ficar sem ele se formos lá em cima?

— Sem problema. Ele só vai ter de lavar duas vezes mais rápido, quando voltar.

Manteria a calma, prometeu Rachel a si ao subirem as escadas. Seria racional e ficaria sob controle.

— O.K., Nick — disse, no instante em que entraram no apartamento. E foi tudo o que disse, porque se pegou sendo beijada apaixonadamente. — Pare. — A voz abafada, mas firme, e as mãos empurrando-lhe os ombros bastaram.

— Senti sua falta, só isso. — Afrouxou a pegada e a soltou por completo quando ela recuou. — Já faz um tempão que não temos a chance de ficarmos sozinhos.

Pressionando as mãos nas têmporas, suspirou.

— Oh, Nick, que trapalhada! — A emoção confusa ficou evidente em seus olhos quando o fitou. — Eu ficava repetindo que a situação iria se resolver por si só, embora soubesse que não iria. — Num gesto demonstrativo de todo o desamparo que sentia, deixou as mãos tombarem ao longo do corpo. — Não quero magoá-lo.

Nick sentiu um frio na barriga. As pessoas só vinham com esse papo de não magoar você, naquele tom de voz quando estavam prestes a fazê-lo.

— Do que você está falando?

— De mim e de você. Sobre você pensar que existe um "eu e você". — Deu as costas, à espera das palavras certas. — Tentei explicar antes, mas não obtive êxito. Entende? Primeiro, fiquei tão surpresa por você pensar em mim desse jeito! Eu não... — Emitindo uma exclamação irritada, virou-se para encará-lo outra vez. — Não estou lidando direito com a situação de novo!

— Por que não diz o que pretende?

— Eu gosto de você e não apenas como cliente, mas como pessoa.

Aquela luz tão familiar surgiu nos olhos dele.

— Eu também gosto de você.

Deu um passo em sua direção e ela levantou as mãos, com as palmas voltadas para a frente.

— Mas não desse jeito, Nick. Não... de um jeito romântico.

Estreitou os olhos e ela viu, magoada, como ele absorvia a rejeição.

— Você não está interessada em mim.

— Estou interessada em você, mas não do modo como você gostaria que eu estivesse.

— Já entendi. — Tentando bancar o forte, enfiou os polegares nos bolsos da frente. — Você acha que sou muito criança.

Ela pensou no modo como fora beijada e deixou escapar um profundo suspiro.

— Esse argumento não parece válido. Deveria, mas você não é o adolescente típico.

— Então, qual o problema? Não sou seu tipo?

Quando ela pensou no quanto ele e Zack tinham em comum, precisou conter a risada.

— Isso tampouco funciona. — Lamentando magoá-lo, mas sabendo ser necessário, Rachel tentou explicar da melhor maneira. — Nick, o que sinto por você é mais ou menos o mesmo que sinto por meus irmãos. Lamento não ser o que você quer, mas é tudo o que posso oferecer. — Queria segurá-lo, tocar-lhe o braço, mas receava que ele fosse afastá-la. — Também sinto muito por não ter esclarecido tudo semanas atrás, mas não sabia como.

— Estou me sentindo um idiota.

— Não. — Ela não conseguiu se controlar e segurou-lhe as mãos. — Não há motivo para se sentir um idiota. Você se sentiu atraído e foi honesto. E, apesar da minha confusão e surpresa — acrescentou, tentando sorrir —, me senti muito lisonjeada.

— Preferiria que dissesse que se sentiu tentada.

— Talvez. — O sorriso intenso fez o pobre coração machucado palpitar. — Só por um instante. — Espero que não fique magoado por dizer isso, mas quero ser sua amiga.

— Bem, você já falou com todas as palavras. — Não tinha outra opção senão aceitar. Uma garota era apenas uma garota, tentou convencer-se. Mas sabia que não existia ninguém igual a Rachel. — Sem ressentimentos.

— Que bom! — Queria beijá-lo, mas imaginou ser melhor não arriscar a própria sorte. Nem a dele. Segurou-lhe a outra mão. — Eu sempre quis um irmão caçula.

Ele não estava preparado para essa posição.

— Por quê?

— Pela mais simples das razões: para ter alguém a quem pudesse intimidar. — Ao vê-lo sorrir, sentiu o primeiro ímpeto de alívio genuíno. — Vamos embora. De volta ao trabalho.

Desceu com ele, certa de terem atingido outro patamar. Para se tranquilizar, permaneceu na cozinha por alguns minutos, satisfeita ao não perceber nenhuma tensão em Nick.

Quando saiu, procurou Zack imediatamente.

— No escritório — disse Pete, sorrindo. — Você devia entrar logo.

— Obrigada. — Surpreendeu-se ao ouvir cochichos, mas, ao olhar à volta, todo mundo parecia ocupado e inocente. Inocente demais, pensou ao abrir a porta do escritório de Zack.

Ele estava ali, grande como a vida, parado na frente da mesa em formato de barco, com uma curvilínea loura colada nele como papel celofane.

Com a sobrancelha arqueada, Rachel analisou a cena. A loura fazia o possível para escalar o corpo de Zack. Ela quase o prendia à mesa e Zack segurava os braços que lhe envolviam o pescoço. A expressão em seu rosto, refletiu Rachel, uma espécie de embaraço, por si só valia o preço de ter entrado.

— Ouça, querida, aprecio a oferta. De verdade. Mas não estou... — Calou-se ao ver Rachel.

Esta expressão, concluiu, era ainda melhor. Tinha traços de choque, decepção e justificativa, tudo temperado com uma boa dose de medo.

— Ai, meu Deus! — Conseguiu tirar um braço de seu pescoço e tentou afastar a loura, mas ela abraçou-o pela cintura.

— Desculpe — disse Rachel, tentando não rir. — Posso ver que está ocupado.

— Droga, não feche a porta. — Os olhos se arregalaram, quando a loura lhe deu um aperto íntimo no traseiro. — Poupe-me, Rachel.

— Você quer que eu poupe você? — Olhou para trás, onde alguns frequentadores assíduos se reuniam com o pescoço esticado com a intenção de admirar o espetáculo. — Ele quer que eu o poupe! — disse a eles. Muito desenvolta, atravessou a soleira da porta. — Qual perna você quer que eu quebre, Muldoon? Ou prefere um braço? Quem sabe o pescoço?

— Tenha piedade! — A loura ria, agarrando-lhe o suéter. — Ajude a me livrar dela. Ela não desgruda.

— Imaginei que um homem forte como você pudesse cuidar disso sozinho.

— Ela se move como uma maldita enguia — resmungou. — Por favor, Babs, me solte. Vou chamar um táxi para você.

Ela enrodilhava-se como uma cobra, notou Rachel e, com um suspiro, assumiu o controle. Puxou a loura pelos cabelos cuidadosamente arrumados com uma das mãos. Com força. O imediato grito de dor foi muito prazeroso. Em seguida, puxou seu rosto para perto.

— Você está ultrapassando os limites, queridinha.

Babs contorceu-se e deu um sorriso turvo.

— Não vi nenhum sinal.

— Considere-se sortuda por eu não fazer você ver estrelas. — Usando os cabelos como uma coleira, Rachel puxou a loura aos berros para a porta. — Por aqui.

— Eu cuido dela. — Lola passou um braço em torno da cintura da loura. — Vamos, gracinha, você está um pouco pálida.

— É que ele é tão lindo! — Babs saiu suspirando e tropeçando em direção ao banheiro feminino com Lola.

— Chame um táxi para ela — gritou Zack. Depois de um olhar inflamado em direção aos rostos sorridentes dos fregueses, bateu a porta. — Ouça,

Rachel... — Além de humilhado, perdera o fôlego e levou um tempo para se recompor. — Não é o que você pensa.

— É mesmo? — A situação era cômica demais. Andou sem pressa até a mesa, ajeitou-se na beirada e cruzou as pernas. — E o que é que eu pensei, Muldoon?

— Você sabe muito bem. — Bufou e, indeciso sobre o que fazer com as mãos, enfiou-as nos bolsos. — Ela exagerou. Bebeu coquetéis de menta demais. Entrei para chamar um táxi e ela me seguiu. — As sobrancelhas se juntaram, quando Rachel ergueu a mão para examinar as unhas. — Ela me atacou.

— Quer dar queixa?

— Não banque a engraçadinha comigo. — Num ranking de momentos constrangedores, Zack daria nota dez para este. — Eu estava tentando... me defender.

— Pude presenciar a batalha acirrada. Você teve sorte de sair com vida.

— O que eu deveria fazer? Dar um soco? — Andou de um lado para o outro. — Eu disse que não estava interessado, mas ela não desistiu.

— Você é tão lindo! — disse Rachel, batendo os cílios.

— Engraçado. Muito engraçado. Você vai repetir essa história até o final da vida, não vai?

— Bingo. — Pegou uma espátula da mesa. Testou a ponta, pensativa. — Como advogada de defesa, preciso perguntar se você acredita que se exhibir pelo bar nesse jeans preto colado...

— Eu não me exhibo.

— Vou reformular a pergunta. — Testou a ponta da espátula com o polegar. — Pode dizer... Quero deixar claro, Sr. Muldoon, que o senhor está sob juramento. Pode declarar diante deste tribunal que não fez nada para seduzir a ré e fazê-la acreditar estar disponível? Até mesmo disposto?

— Eu nunca... Bem, talvez antes de você... — Como homem do mar, Zack sabia quando entregar os pontos. Cruzou os braços. — Invoco a *Quinta Emenda*⁵.

— Covarde.

— Pode apostar. — Desconfiado, espiou a espátula. — Pretende usá-la em alguma parte particularmente sensível de minha anatomia?

Abaixando o olhar, Rachel passou a língua no lábio superior.

— Provavelmente, não.

Zack sorriu aliviado.

— Você não está zangada de verdade, está, gatinha?

— Por ter entrado e encontrado você numa posição comprometedora com uma louca explosiva? — Depois de uma gargalhada, mudou a espátula de posição. — Por que eu deveria estar zangada, gatinho?

— Você pode ter salvado a minha vida. — Apesar de julgar ter lhe acalmado o ânimo, aproximou-se cauteloso. — Você não sabe o que ela disse que ia fazer comigo. — Com ar debochado, deu de ombros e passou os braços à sua volta, como se buscasse ajuda. — Ela é professora de ioga.

— Nossa! — Refreando um sorriso, Rachel deu-lhe um tapa nas costas. — O que ela ameaçou fazer com você?

— Bem, acho que começou com algo como... — Inclinou-se perto de sua orelha e cochichou algo. Ouviu a gargalhada surpresa de Rachel. — E depois...

— Meu Deus! — foi tudo o que disse. Engoliu em seco. — Você acha isso anatomicamente possível?

— Você precisaria ser hiper-flexível, mas podíamos

Com um sorriso travesso nos olhos, Rachel inclinou a cabeça para trás.

— Não me importo com o que diz, Muldoon. Acho que você gostou de ser apalpado.

— Sim. — Ele encostou o nariz em seu pescoço. — Foi degradante. Me senti tão... vulgar.

— É, eu salvei você.

— Você foi uma verdadeira viking.

— E você sabe o que dizem sobre os vikings... — murmurou, aproximando a boca da sua.

— Vá em frente — propôs, convidativo. — Pode me usar.

— Ah, eu planejo usá-lo.

O beijo foi demorado e satisfatório, mas, quando começou a esquentar, ele afastou a boca da sua para enterrar o rosto em seus cabelos.

— Rachel, você não sabe como é gostoso, como é bom ficar com você.

— Eu sei que é bom. — Com os olhos apertados, puxou-o para mais perto.

— Você acha?

— Sim. Acho... — As palavras transformaram-se num suspiro. Vinha pensando um bocado ao longo dos últimos dias. — Eu acho que, às vezes, as pessoas se encaixam. Como me disse uma vez.

Ele se afastou, segurando-lhe o rosto. Os olhos eram muito profundos, muito intensos. Ela não estava inteiramente segura do que lia neles, mas, não importava o que fosse, o coração parecia sair pela garganta.

— Nos encaixamos. Eu sei que você disse não querer se envolver. Que tem suas prioridades.

Segurou-lhe os punhos.

— Eu disse um monte de coisas.

— Rachel, quero que você se mude e venha viver comigo. — Viu a surpresa em seus olhos e adiantou-se antes que ela pudesse responder. — Eu sei que você queria que fosse um relacionamento sem compromisso, simples. Eu também. Mas o nosso não precisa ser uma complicação. Você teve tempo para pensar a respeito. Precisamos esperar até tudo ficar acertado com Nick, mas preciso que saiba o quanto quero estar com você, e não apenas passar tempo.

Ela deixou escapar um suspiro entrecortado.

— É um grande passo.

— E você não toma atitudes por impulso. — Abaixou os lábios para tocar os seus. — Pense a respeito. Pense — sussurrou e deu-lhe um beijo profundo, profundo, tão profundo que abstraiu qualquer pensamento.

— Zack, preciso... — Nick entrou no escritório e ficou imóvel. Viu Rachel colada ao irmão, as mãos agarradas em seu cabelo, os olhos doces e nublados.

Os olhos clarearam com rapidez e demonstraram tumulto, vergonha. Mas, quando Nick os fitou, só sentia raiva pela traição.

Ela gritou seu nome, quando Nick saltou. Zack previu o golpe, mas não o impediu. Perdeu o equilíbrio. Sentiu o gosto de sangue. O instinto o fez agarrar os pulsos de Nick para evitar outro soco, mas Nick escapuliu, ágil como uma serpente, pronto para o próximo round.

— Pare com isso! — Indiferente ao fato de outro soco poder ser desferido a qualquer segundo, Rachel se colocou entre eles, empurrando-os. — Não é assim.

Reprimindo a raiva, Zack simplesmente a levantou e a colocou de lado.

— Afaste-se.— Perguntou a Nick: — Você quer brigar aqui ou lá fora?

— De todos os...

— Você decide — retrucou Nick, interrompendo Rachel. — Seu filho da mãe. Sempre você! — Empurrou Zack, mas a dor em seus olhos impediu Zack de revidar. — Você sempre tem de vir em primeiro lugar, não é? — Resfolegando, empurrou Zack contra a parede. — Todo esse papo furado sobre família. Bem, você sabe onde pode enfiar seu papo, mano.

— Nick, por favor. — Rachel esboçou um gesto, mas parou ao se deparar com aqueles olhos furiosos em sua direção.

— Cale a boca. Já ouvi muita asneira sua lá em cima Você tem um talento e tanto, mocinha, porque eu acreditei. Você sabia como eu me sentia e todo tempo estava saindo com ele pelas minhas costas.

— Nick, não foi assim.

— Sua sem-vergonha mentirosa.

A cabeça foi jogada para trás, quando Zack acertou-o com as costas da mão. Agora, os dois traziam sangue.

— Se quiser me enfrentar, vá em frente. Mas não fale com ela desse jeito.

Com os dentes trincados, Nick limpou o sangue dos lábios. Queria odiar. Precisava.

— Vão para o inferno! Os dois!

Girou nos calcanhares e saiu porta afora.

— Ai, meu Deus! — Rachel cobriu o rosto, mas não conseguiu apagar a imagem de dor vislumbrada nos olhos de Nick. Nem o dano por ela causado, pensou, infeliz. — Que horror! Vou atrás dele.

— Deixe-o sozinho.

— É minha culpa — disse, deixando tombar os braços. — Preciso tentar.

— Eu disse para deixá-lo em paz.

— Droga, Zack.

— Desculpe. — Ouviram uma batida na porta, deixada aberta por Nick. Rachel se virou e reprimiu um soluço.

— Juíza Beckett...

— Boa noite, Srta. Stanislaski. Sr. Muldoon, vim tomar um de seus famosos *manhattans*. Talvez possa preparar um para mim, enquanto tenho uma conversinha com a advogada de seu irmão.

— Meritíssima. — começou Rachel — Meu cliente...

— Eu vi seu cliente, quando ele saiu daqui vociferando.

— Sua boca está sangrando, Sr. Muldoon. — Virou-se para sair e lançou um olhar para Rachel. — Advogada...

— A hora perfeita — murmurou Rachel, em meio a um suspiro. — Eu cuido disso — disse a Zack. — Não se preocupe. E quando Nick esfriar a cabeça...

— Ele vai voltar sorrindo? — completou Zack. A raiva perdia a força, mas a culpa aumentava a pleno vapor. — Eu não acredito. E não é sua culpa. — Desejava ter algo além da sensação de fracasso a lhe oferecer. — Ele é meu irmão. Eu sou responsável. — Sacudiu a cabeça, antes de ela poder falar. — Vou preparar o drinque da juíza.

Esbarrou nela ao sair. Rachel tentou impedi-lo, mas a mão caiu inerte. Não havia nada que pudesse dizer para aplacar a dor. Mas tinha uma chance de minimizar o estrago conversando com Beckett.

Encontrou a atraente mulher sentada à vontade em uma mesa, num canto afastado do bar. Apesar da elegante calça azul e do suéter branco, irradiava a mesma aura de poder de quando usava a toga negra no tribunal.

— Sente-se, advogada.

— Obrigada.

Beckett sorriu, tamborilando as unhas cor-de-rosa na beirada da mesa.

— Posso ver as engrenagens em funcionamento. O quanto digo e o quanto escondo? Sempre gostei de tê-la em minhas audiências. A senhorita tem estilo.

— Obrigada — voltou a repetir Rachel. Os drinques chegaram e, enquanto eram servidos, aproveitou o tempo para arrumar os pensamentos. — Receio que a senhora possa, o que é compreensível, interpretar mal o que presenciou, Meritíssima.

— Receia mesmo? — Com um sorriso, Beckett provou a bebida. Voltou o olhar para Zack e ofereceu-lhe um sorriso de aprovação. — E qual será minha interpretação?

— Obviamente, Nick e o irmão discutiam.

— Brigavam — corrigiu Beckett, mexendo a cereja na bebida antes de mordê-la. — Discutir envolve palavras. E, embora palavras possam deixar cicatrizes, não fazem escorrer sangue.

— A senhora não tem irmãos, tem, Meritíssima?

— Não, não tenho.

— Eu tenho.

Levantando a sobrancelha, Beckett deu outro gole.

— Está bem, aceito o argumento. Sobre o que discutiam?

Rachel sabia pisar em terreno pantanoso.

— Foi apenas um mal-entendido. Não vou negar que ambos são esquentados e que, com esse tipo de temperamento, um mal-entendido pode, por vezes, evoluir para...

— Uma discussão? — sugeriu Beckett.

— Isso. — Precisando usar de toda persuasão, Rachel se inclinou. — Juíza Beckett, Nick vem fazendo progressos incríveis. Quando fui, inicialmente, designada para o caso, quase o considerei outro caso perdido. Mas havia algo mais que me fez reavaliá-lo.

— Olhos assustados causam esse efeito numa mulher.

Surpresa, Rachel piscou.

— Sim.

— Prossiga.

— Ele é tão jovem e, apesar disso, começava a desistir de si e de todo mundo. Depois que conheci Zack e o histórico de Nick, foi fácil entender. Nunca teve ninguém permanente em sua vida, ninguém em quem acreditasse poder contar e confiar. Mas com Zack... Ele estava disposto. Não importa o quão inflexível e desinteressado Nick tenha tentado agir, quanto mais tempo passava com Zack, mais era visível precisarem um do outro.

— Quão envolvida está com o cotutor?

Com o rosto impávido, Rachel reclinou-se no assento.

— Acredito que isso seja irrelevante.

— Você acha? Bem... — Fez um gesto com a mão. — Continue.

— Por quase dois meses, Nick não se meteu em confusão. Tem assumido as responsabilidades impostas por Zack. Tem desenvolvido interesses paralelos. Ele toca piano.

— É mesmo?

— Zack comprou um ao descobrir.

— Isso não parece motivo para socos. — Um sorriso pálido brincou em sua boca quando ela fez um gesto com o *manhattan*. — Você está esquivando-se do ponto, advogada.

— Quero que a senhora entenda que esse período probatório tem sido bem-sucedido. O que aconteceu hoje foi, simplesmente, produto de um erro de interpretação e temperamentos exaltados. Foi a exceção e não a regra.

— A senhorita não está no tribunal.

— Não, Meritíssima, mas não quero que meu cliente seja penalizado, quando eu sou a culpada.

— Concordo. — Satisfeita com o que viu em Rachel, com o que ouviu e com o que sentiu, Beckett mexeu o gelo no copo. — Explique o ocorrido hoje.

— Foi minha culpa — disse, empurrando a taça de vinho para o lado. — Um erro de julgamento de minha parte fez Nick sentir, acreditar sentir... algo.

Beckett contraiu os lábios.

— Começo a entender. É um jovem normal e a senhorita é uma mulher atraente que demonstrou interesse por ele.

— E eu estraguei tudo — disse, amarga. — Acreditei saber lidar com a situação. Estava tão segura de estar acima de tudo!

— Sei como se sente. — Pensativa, Beckett provou um amendoim. — Comece do início. O que disser ficará entre nós.

Na esperança de que a própria culpa pudesse aliviar o ônus de Nick, mesmo se representasse sua dispensa do caso, Rachel explicou. Beckett nada disse, apenas assentia ou emitia sons interessados vez por outra.

— E, quando ele entrou no escritório e viu a mim e a Zack juntos, concluiu... Tudo o que viu foi traição. Sei que não tinha o direito de me envolver com Zack. Desculpas de nada adiantam.

— Rachel, você é uma excelente advogada. Isso não a impede de ter uma vida pessoal.

— Quando põe em perigo meu relacionamento com um cliente...

— Não me interrompa. Admito que você pode ter cometido um erro de julgamento nesta instância. Também admito que as pessoas não podem escolher sempre a hora, o lugar e as circunstâncias de se apaixonar.

— Eu não disse que estava apaixonada.

Beckett sorriu.

— Eu percebi. É mais fácil se castigar se disser a si que o amor nada teve a ver com isso. — O sorriso alargou-se. — Nenhuma tréplica, advogada? Sem problema, pois ainda não terminei. Eu poderia dizer que você perdeu a objetividade, mas você já sabe. Eu, por exemplo, não estou totalmente segura de que objetividade é sempre a resposta. Há tantas nuances entre o certo e o errado! Descobrir a que se encaixa é algo que tentamos todo dia. Seu cliente está tentando encontrar seu caminho. Você talvez não seja capaz de ajudar.

— Não quero desapontá-lo.

— Melhor fazer o possível para evitar que ele se desespere consigo. Às vezes, funciona, às vezes, não. Você vai descobrir com que frequência não funciona, quando for sua vez de estar na minha posição.

A compreensão no olhar de Beckett fez Rachel pegar a taça de vinho.

— Não sabia que eu era tão transparente.

— Ah, para alguém que já passou por isso, com certeza. — Desenvolta, Beckett brindou com Rachel. — Mais alguns anos de experiência, advogada, e vai se tornar uma juíza competente. É isso que deseja?

Rachel encarou Beckett.

— É. É exatamente o que desejo.

— Ótimo. Agora, já que tomei um drinque e estou me sentindo sentimental, vou lhe dizer algo em segredo. Eu era você há quase trinta anos. Tão parecida com você... As coisas eram mais difíceis para as mulheres em nossa posição do que hoje. Ainda estão longe da perfeição — acrescentou, colocando o copo de lado —, mas algumas das batalhas foram vencidas. Precisei fazer escolhas. Escolhas entre o profissional e o pessoal, raramente impostas aos homens. Escolho uma família ou uma carreira? Não lamento ter escolhido minha carreira. — Voltou o olhar para o bar, para Zack e suspirou. — Ou só muito de vez em quando. Mas os tempos mudam e, mesmo uma mulher com ambições profissionais, não precisa tomar uma decisão, optando

por ou um por outro. Pode ter ambos, se for inteligente. Você me parece uma mulher inteligente.

— Gosto de acreditar nisso — murmurou Rachel. — Mas isso não torna a situação menos aterrorizante.

— Esse tipo de terror faz a vida valer a pena. Eu não acho que o medo vá travá-la. Acho que nada vai. Enquanto isso, cuide para que você e seu cliente estejam preparados para a audiência.

Quando Beckett se levantou, Rachel imediatamente se pôs de pé.

— Meritíssima, quanto a hoje...

— Eu vim para um drinque. É um bar encantador. Limpo, agradável. Quanto à minha decisão, vai depender do que eu vir e ouvir na audiência. Entendido?

— Sim. Obrigada.

— Diga ao Sr. Muldoon que ele prepara um excelente *manhattan*.

Com as emoções ainda à flor da pele, Rachel viu Beckett partir.

— A situação está muito ruim? — perguntou Zack, às suas costas.

Rachel, simplesmente, balançou a cabeça, segurando-lhe a mão.

— Ela gosta do jeito como você prepara um drinque. — Virando-se para ele, confortou-o com um abraço. — E acho que acabo de encontrar outra mulher inteligente com um fraco por rapazes desajustados. Vai dar tudo certo.

— Se Nick não voltar...

— Ele vai voltar. — Precisava acreditar. Precisava fazer Zack acreditar. — Ele está zangado e magoado, mas não é estúpido. — Apertou-lhe novamente a mão e sorriu. - Ele é muito parecido com você.

— Eu não deveria ter batido nele.

— Em termos racionais, concordo. Emocionalmente...

Como a paixão fazia parte de sua vida, deu de ombros.

— Já vi meus irmãos socarem um ao outro com muita frequência para acreditar ser o fim do mundo. Preciso ir. — Deu-lhe um beijo carinhoso nos

lábios inchados. — Quando ele voltar, talvez seja melhor eu não estar aqui. Mas quero que me ligue quando ele aparecer, não importa a hora.

— Não gosto que vá sozinha para casa — falou, acompanhando-a até o local onde seu casaco estava pendurado.

— Vou pegar um táxi. — O fato de ele não discutir a fez perceber o quanto ele estava abalado. — Vamos dar um jeito nisso, Zack. Confie em mim.

— Está bem. Eu ligo.

Rachel saiu e dirigiu-se à esquina. Confie em mim, dissera a ele. Só podia esperar merecer essa confiança.

CAPÍTULO ONZE

Rachel quase ligou para Alex ao chegar em casa, mas teve medo de que, se o irmão vasculhasse a cidade à procura de Nick, mesmo não oficialmente, o garoto ficaria ainda mais furioso.

Não lhe restava outra opção a não ser esperar. E esperar sozinha.

Formavam um estranho triângulo, pensou, andando inquieta pelo apartamento com uma xícara de chá já esfriando. Nick, jovem e desafiante, vendo rejeição e traição por todos os lados, ao mesmo tempo em que buscava tão desesperadamente um lugar no mundo. E Zack, tão generoso, tão inflamado pela paixão e tão vulnerável em relação ao irmão. E ela mesma, a advogada objetiva, lógica e ambiciosa, que se apaixonara pelos dois.

Talvez devesse escrever novelas, pensou, ao sentar-se no sofá. Enroscou as pernas, segurando a caneca com as duas mãos. Se tivesse imaginação para tal, pelo menos conseguiria encontrar uma solução para si.

Ah, como acontecera?, refletiu, fechando os olhos cansados. Ela era daquelas pessoas que programavam tudo com exatidão. Sempre soubera para onde ia e como chegaria lá. Cada obstáculo que pudesse vir a bloquear seu caminho havia sido considerado e pesado. Todas as opções, todos os modos de ultrapassar os obstáculos, calculados.

Todos.

Exceto Zackary Muldoon.

Ao se envolver com ele, ao deixar as emoções guiarem sua cabeça, tinha transformado tudo numa imensa confusão. Era possível que Nick, movido pela mágoa e frustração, se metesse em confusão antes da noite chegar ao fim. Se Nick cometesse algum delito, a juíza Beckett, por mais compreensiva e caridosa que fosse, não teria outra alternativa exceto condená-lo.

Mesmo que a pena fosse leve, como poderia se perdoar? Como Zack poderia perdoá-la por ter falhado? E o pior de tudo, como Nick reagiria a essa

última rejeição, quando a sociedade o colocasse atrás das grades?

Queria acreditar que ele voltaria para Zack. Zangado, sim; desafiante, com certeza; talvez mesmo buscando briga. Todas essas coisas poderiam ser resolvidas, se ele voltasse.

Mas se não voltasse...

O som do interfone a sobressaltou. Consciente de passar da meia-noite, foi atender na esperança de ser Zack para avisar que Nick chegara bem.

— Sim?

— Quero subir. — Era a voz irritada e determinada de Nick. Rachel precisou conter um grito de alívio.

— Claro. — Manteve o tom de voz suave ao liberar a entrada. — Suba.

Comprimiu os olhos para afastar as lágrimas a inundá-los. Era estúpido se tornar tão emotiva. A lógica não lhe dissera que ele teria de voltar? Não dissera isso a Zack?

Mas já abria a porta ao ouvir a batida firme, e as palavras saíram aos borbotões.

— Estava tão preocupada! Eu ia atrás de você, mas não sabia onde procurar. Ai, Nick, desculpe! Lamento tanto.

— Lamenta por ter sido desmascarada? — Ele bateu com a porta. Não pretendia ir ao seu encontro, mas andara, andara e, de repente, parecera ser o único lugar aonde podia ir. — Lamenta por eu ter entrado e encontrado você com Zack?

Ainda estava longe de terminar, deu-se conta. Os olhos cheios de raiva, como no momento em que pulara em cima de Zack.

— Lamento ter magoado você.

— Você lamenta por eu ter descoberto o que você realmente é. Você não passa de uma mentirosa.

— Nunca menti para você.

— Toda vez que abriu a boca. — Ele não se afastara da porta, as mãos contraídas, os nós dos dedos brancos. — Você e Zack. Todo o tempo você

fingiu gostar de mim. Agiu como se gostasse de estar comigo e saía com ele.

— Eu gosto — começou, mas interrompeu.

— Imagino como os dois devem ter se divertido com a situação. O pobre e patético Nick, sonhando acordado pelos cantos, tentando fazer algo com sua vida porque tinha um caso com a advogada sexy. Imagino vocês dois deitados na cama, rindo até explodir.

— Não. Nunca foi assim.

— Você vai me dizer que não foi para a cama com ele?

Ele viu a verdade em seus olhos, antes que a raiva a possuísse.

— Você está ultrapassando os limites. Não vou discutir...

Tirou as mãos dos bolsos e agarrou-a pelas lapelas do roupão. As costas de Rachel bateram com força na porta. A primeira bolha de medo explodiu em sua garganta ao sentir o rosto de Nick colado ao seu. Só enxergava aqueles olhos verdes, cintilantes de fúria.

— Por que fez isso? Por que precisava me fazer de tolo? Precisava ser com meu irmão?

— Nick. — Segurou-lhe os punhos e tentou afastá-lo. mas a força muscular fora aumentada pela raiva.

— Faz ideia de como me sinto sabendo que, enquanto sonhava conosco, você estava com ele? E ele sabia. Ele sabia.

Rachel ofegava, mas lutou por conter-se.

— Você está me machucando.

Achou que a declaração sairia calma, até mesmo autoritária. Em vez disso, saiu insegura e, mesmo Nick, apesar do estado desequilibrado em que se encontrava, pôde perceber o medo. Os olhos dele ficaram vazios por um momento e depois contemplaram as próprias mãos a apertarem os ombros de Rachel. Atemorizado, retirou-as e a encarou.

— Estou indo embora.

Por vezes, tudo o que restava era o impulso. Rachel o seguiu e pressionou as costas contra a porta.

— Não vá. Por favor. Não vá embora desse jeito.

O estômago lhe incomodava de puro autodesprezo.

— Nunca empurrei uma mulher antes. É o mais baixo a que um homem pode chegar.

— Você não me machucou. Estou bem.

O que estava, notou Nick, era pálida feito a morte.

— Você está tremendo.

— Está bem, estou tremendo. Podemos nos sentar?

— Eu não devia ter vindo aqui, Rachel. Não devia ter atacado você daquele jeito.

— Estou feliz por ter vindo. Vamos deixar como está por um instante. Por favor, vamos sentar.

Como temia que ela voltasse a pressionar as costas contra a porta até ele concordar, meneou afirmativamente a cabeça.

— Você quer botar para fora algumas coisas. Acho que lhe devo isso. — Quando sentou, os ombros desabaram. — Imagino que vá pedir para ser desligada do caso.

— Isso não tem nada a ver com o que aconteceu. Mas não. — Pensou em pegar o chá já gelado, mas tinha medo de as mãos não estarem firmes o suficiente. — Isso é pessoal, Nick. Fui eu quem pôs tudo a perder ao ultrapassar os limites. Eu tinha consciência. Não tem desculpa. — Inspirando profundamente, cruzou as mãos no colo. — O que aconteceu entre mim e Zack não foi planejado e, certamente, não foi profissional.

Ele deu um riso debochado.

— Agora, você vai me dizer que fugiu ao controle.

— Não — disse, baixinho. — Eu poderia controlar. Sempre temos uma escolha. Eu não quis me controlar.

Sua resposta e o tom da voz o fizeram franzir a testa. Tinha certeza de que ela tentaria encontrar uma forma de escapar.

— Então, você o escolheu.

— O que aconteceu foi inesperado, talvez um pouco avassalador... — Não tinha certeza de haver palavras para descrever o que acontecera entre ela e Zack. — De qualquer modo, eu poderia ter parado. Ou, pelo menos, adiado. Não fiz e a culpa recai sobre mim. O fato de sermos ambos seus tutores não ajudou em nada, mas... — Sacudiu a cabeça. — Sem "mas". Não ajudou em nada e ponto final. — Os olhos encontraram os dele e imploraram por um voto de confiança. — Nunca pensamos a seu respeito como o pobrezinho ou o patético. Nunca rimos de você. Não importa o que pense a meu respeito, não deixe arruinar o que está recuperando com Zack.

Ele me passou a perna.

— Nick. — A voz demonstrava paciência e compaixão. — Ele não fez isso. Você sabe que não.

No fundo, sempre soubera que o relacionamento com Rachel não passava de uma fantasia. Mas reconhecer não aliviava as feridas doídas da rejeição.

— Eu gostava de você.

— Eu sei. — Os olhos ficaram cheios de lágrimas e escorreram antes que pudesse evitar. — Eu sinto muito.

— Céus, Rachel, não! — Ele não poderia suportar isso. Primeiro, aterrorizara-a e, agora, fazia-a chorar. — Não chore.

— Não vou chorar. — Mas, quanto mais enxugava as lágrimas, mais elas corriam. — Eu me sinto tão mal a respeito de tudo! Quando faço um retrocesso, enxergo uma dúzia de maneiras de lidar com a situação. Em geral, eu assumo o controle. — A respiração entalou ao lutar para manter a compostura. — Eu odeio, realmente odeio, ter me metido entre vocês dois.

— Ei, pare com isso. — Nick se sentia totalmente perdido. Quando se levantou para se aproximar dela, ficou surpreso por não deixar uma trilha de lama no tapete.

— Ouça, se acalme, está bem? — Sem jeito, deu-lhe um tapinha nos ombros. — Já fui dispensado antes.

A afirmação a forçou a procurar um lenço no roupão.

— Não o odeie por causa disso.

— Não peça milagres.

— Ah, Nick, se você pudesse enxergar em meio a todos os nossos erros, o que você significa para ele...

— Sem lições de moral. — Como as lágrimas pareciam estar secando, decidiu poder expor sua dedução. — Você se comporta como se estivesse apaixonada por ele. — Ficou atônito ao ver o olhar, um olhar infeliz, de partir o coração, antes de os olhos se encherem de lágrimas de novo. — Puxa vida! — Enquanto ela soluçava, ele reformulou o pensamento. — Quer dizer que não é só sexo?

— Era para ser. — O braço de Nick envolveu-a. Ela buscou apoio. — Ai, Deus, como me meti nisso? Eu não quero me apaixonar por ninguém.

— É difícil. — Ocorreu então a Nick que, apesar de a abraçar, o coração não batia acelerado nem sentia atração. O pior é que o sentimento era quase fraternal. Ninguém tinha chorado em seu ombro antes ou o procurado buscando ajuda. — E ele? Ele está na mesma onda?

— Eu não sei. — Fungou, assoou o nariz. — Ainda não conversamos. Nem vamos conversar. A situação toda é ridícula. Eu sou ridícula. — Terrivelmente envergonhada, acalmou-se. — Digamos que essa foi uma noite emocional. Por favor, não conte nada a ele.

— Calculo que isso fique por sua conta.

— Ótimo. Agradeço. — Ainda trêmula, limpou uma lágrima perdida com as costas da mão. — Não me odeie muito.

— Não odeio você. — Ele se recostou, exausto de repente — Não sei o que sinto. Talvez tenha pensado em vir aqui hoje e provar ser o melhor. Bem idiota da minha parte.

— Vocês dois são muito especiais. Por que outro motivo uma mulher legal e sensata como eu me apaixonaria pelos dois?

Nick a fitou e deu um sorriso frágil.

— Você com certeza pode ter os dois.

— Claro. — Tocou-lhe o rosto. — Com certeza, posso. Diga que vai voltar.

Os lábios dele se contraíram.

— Para onde mais eu poderia ir?

Isso não a satisfaz.

— Diga que vai voltar para casa, conversar com Zack e esclarecer tudo.

— Isso não posso garantir.

Quando ele fez menção de se levantar, ela pegou-lhe a mão.

— Deixe-me ir junto com você. Eu quero ajudar. Preciso saber que fiz isso por vocês dois.

— Você não fez nada de errado, a não ser se apaixonar pelo cara errado.

Sentiu um enorme conforto ao ouvir o sorriso familiar.

— Talvez tenha razão. Mas me deixe ir junto assim mesmo.

— Fique à vontade. Talvez queira lavar o rosto. Seus olhos estão vermelhos.

— Ótimo. Dê-me cinco minutos.

Rachel sentiu Nick começar a ficar tenso a meia quadra do *Lower the Bloom*. Ele arqueou os ombros, abaixou as sobrancelhas e enfiou as mãos nos bolsos.

Típico, pensou. O animal macho sacode o pelo e arreganha os dentes para mostrar ao rival o quanto é perigoso.

Manteve a observação para si, sabendo que nenhum desses machos a apreciaria.

— Tenho uma ideia — disse, parando à porta. — Foi uma noite pouco movimentada e já passa de 1 h. Vamos esperar o bar fechar e vocês dois podem se abrir. Vou ser a mediadora.

Será que ela fazia ideia de como era duro encarar o que havia do outro lado daquela porta?

— Como preferir.

— E não vai haver mais pancadaria — acrescentou, ao abrir a porta. — Se alguém vai bater, sou eu.

Ele esboçou um sorriso que morreu tão logo entraram.

Rachel estava certa. A noite não tivera muito movimento, como em geral ocorria no meio da semana. A maioria dos frequentadores já tinha ido para casa, para a família. Uns poucos teimosos permaneciam no bar, do qual Zack cuidava sozinho. Lola se ocupava em limpar as mesas e, ao erguer a cabeça, deu um olhar satisfeito para Rachel e voltou ao trabalho.

Zack pegou uma garrafa de água mineral. Rachel viu os olhos dele mudarem, reconhecendo o alívio antes de abaixar as cortinas.

Rachel sentou-se num banco.

— Ei, barman, tem café?

— Claro.

— Sirva dois — disse, dando uma olhada significativa na direção de Nick que, calado, sentou-se ao seu lado.

— Temos uma tradição antiga ucraniana — começou, quando Zack colocou as xícaras no bar — chamada de reunião familiar. Vocês estão preparados?

— Claro. — Zack inclinou a cabeça em direção ao irmão. — Acho que posso lidar com isso. E você?

— Estou aqui — murmurou Nick.

— Ei. — Um homem a meio caminho da embriaguez apoiou-se pesadamente no bar, a pouca distância. — Vou conseguir outro *bourbon* aqui?

— Não. — Carregando o bule, Zack aproximou-se. — Mas pode tomar um café por conta da casa.

O homem demonstrou irritação através dos olhos vermelhos.

— Quem diabos é você? Um assistente social?

— O próprio.

— Eu disse que queria um maldito drinque.

— Mas não vai conseguir outro aqui.

O bêbado estendeu o braço e agarrou o suéter de Zack. Levando em conta o tamanho de Zack, Rachel considerou o gesto do cara como prova de que a bebida já fizera efeito.

— Isto é um bar ou uma igreja?

Os olhos de Zack relampejaram. Rachel reconheceu a reação e fazia menção de descer do assento, quando Nick impediu-a de prosseguir.

— Ele cuida disso — disse, seco.

Zack abaixou o olhar para as mãos em seu suéter e, depois, subiu-o para o rosto irado do freguês. Quando falou, a voz era surpreendentemente tranquila.

— Engraçado você ter perguntado. Eu conheci um cara uma vez, lá em New Orleans. Ele também gostava de *bourbon*. Uma vez, foi de bar em bar, tomando todas e, trôpego, saiu pela rua. Dizem que, de tão bêbado, entrou numa igreja achando ser outro bar. Foi entrando e bateu com o punho, sabe? Onde fica o altar. E ordenou uma dose dupla. Depois, caiu morto. Duro como uma pedra. — Zack fitou os dedos em seu suéter. — Pelo que estou vendo, se você beber bastante *bourbon* a ponto de não saber onde está, pode acordar morto na igreja.

O homem praguejou e engoliu o café.

— Eu sei onde estou.

— É bom saber. Odeio a ideia de rebocar cadáveres.

Rachel ouviu o riso abafado de Nick e sorriu.

— Verdade ou mentira? — sussurrou.

— Provavelmente, um pouco de cada. Ele sempre sabe como lidar com bêbados.

— Não estava lidando muito bem com a loura mais cedo.

— Que loura?

— É uma outra história — falou Rachel, e riu olhando seu café. — Depois, eu conto. Ouça, você se sentiria mais confortável discutindo lá em cima ou... — Calou-se ao ouvir o estrondo vindo da cozinha. — Céus, parece que Rio socou a geladeira! — Fez menção de se levantar para conferir. Depois, ficou paralisada. A porta da cozinha abriu e Rio saiu, o sangue escorrendo pelo rosto de um ferimento na testa. Atrás dele, um homem usando uma máscara de meia apontava-lhe uma arma enorme no pescoço.

— Hora da festa — pronunciou, entre os dentes, empurrando o homenzarrão com o cano da arma.

— Me pegaram de surpresa — disse Rio irritado, cambaleando. — Vieram do andar de cima.

Ouviu-se uma risada descontrolada e dois outros homens armados, com as feições distorcidas pelas meias de náilon, entraram.

— Ninguém se mexe! — Um deles acentuou a ordem, badalando o sino de navio acima do bar, que ecoou com estardalhaço.

— Tranque a porta da frente, idiota. — O primeiro homem gesticulava furiosamente. — E nada de gritos, a não ser que eu mande. Todo mundo esvaziando os bolsos. E rápido. — Fez um gesto para o terceiro homem se colocar numa posição em que os três dominassem o espaço inteiro do ambiente. — Carteiras e joias também. Ei, você! — Apontou a arma na direção de Lola. — Pode ir passando as gorjetas, querida. Você parece ter ganhado um montão.

Nick não se moveu. Não podia. Reconheceu a voz. Apesar das feições distorcidas, era fácil identificar os três homens armados. A risada e o andar gingado de T.J. A surrada jaqueta jeans de Cash. A cicatriz no pulso de Reece causada pela lâmina de um *Hombre*.

Esses eram seus amigos. Sua família.

— Que diabos estão fazendo? — perguntou, quando T.J. dirigiu-se arrogante para o bar, enchendo um saco de lavanderia com o roubo.

— Esvazie — exigiu Reece.

— Você deve estar louco.

— Ande! — Ele apontou o cano da arma para Rachel. — E cale a droga da boca.

Nick manteve os olhos em Reece e disse.

— É o fim, cara. Você passou dos limites.

Por trás da máscara, Reece apenas sorriu.

— No chão! — gritou. — Com a cara para baixo e as mãos na cabeça. Você não — disse a Zack. — Você esvazia a caixa registradora. E você — agarrou o braço de Rachel —, vai ser minha refém. Se alguém bancar o engraçadinho, acabo com ela.

— Diabos, deixe ela...

— Nick! — A ordem rápida e baixa de Zack o fez calar-se. — Afaste-se. — Enquanto esvaziava o caixa, olhou Reece. — Você não precisa dela.

— Mas gosto dela.

Rachel engoliu em seco, quando a mão apertou-lhe o braço.

— Carne fresca — gritou, estalando a língua. T.J. explodiu em gargalhadas. — Talvez a gente leve você, meu docinho. Vamos nos divertir um bocado.

O revide furioso queimou-lhe a ponta da língua. Rachel trincou os dentes. Enfiaria o salto do sapato no peito do seu pé, pensou. O cotovelo em seu pescoço. Podia atacá-lo e a ideia fez o sangue pulsar com velocidade. Mas, se agisse assim, os outros dois abririam fogo.

Quando Nick se adiantou, Reece prendeu Rachel numa chave-de-braço.

— Tente, lavador de pratos. — Os dentes brilharam num desafio brutal. — Anda, cara. Vem para cima.

— Calma. — A atitude de Reece em relação à mulher deixava Cash nervoso. — Deixe disso. Viemos pegar o dinheiro. Só o dinheiro.

— Eu pego o que quiser. — Observou T.J. enfiando o dinheiro do caixa na sacola. — Onde está o resto?

— Noite sem movimento — respondeu Zack.

— Não me provoque, cara. Tem um cofre no escritório. Abra.

— Certo. — Zack moveu-se devagar, passando através da abertura da bancada do bar. Tinha de controlar a vontade de brigar, de agarrar o safado de voz zombeteira e arrebentar-lhe a cara. — Vou abrir assim que você a soltar.

— Eu estou armado e dou as ordens — lembrou-o Reece.

— Você tem a arma — concordou. — E eu o segredo. Se quiser o que tem no cofre, solte-a.

— Anda logo — apressou Cash. As mãos suavam na arma. — Não precisamos da garota. Livre-se dela.

Reece sentiu o poder esmorecer, quando Zack continuou a encará-lo com frios olhos azuis. Queria deixá-los tremendo de medo. Todos eles. Queria que chorassem e implorassem. Ele era o cabeça dos *Cobras*. Estava no comando. Ninguém lhe diria como agir.

— Abra ou furo você — disse, com raiva.

— Você não vai conseguir o que tem no cofre desse jeito. — Pelo canto do olho, Zack viu Rio se mover. O homenzarrão estava preparado para o que desse e viesse. — Este lugar é meu — continuou Zack. — Não quero ninguém machucado aqui. Você deixa a moça sair e pode pegar o que quiser.

— Vamos quebrar essa droga toda — gritou T.J e mirou os copos acima do bar. Espatifou os vidros e achou tanta graça que quebrou outros. — Vamos acabar com eles, destruir tudo. — Pegou uma vodca com gelo e engoliu-a de um só gole. Depois, uivando, atirou o copo no chão.

Ao som da destruição e dos gritos abafados dos reféns no chão, Reece sentiu uma descarga de adrenalina.

— Isso, vamos arrebentar essa porcaria toda. — Diante das tímidas objeções de Cash, atirou na televisão, explodindo a tela. — É isso que vou fazer com o cofre. Não preciso de uma porcaria de mulher. — Empurrou Rachel e ela perdeu o equilíbrio, caindo apoiada nas mãos e nos joelhos. — E não preciso de você.

Apontou a arma para Zack, saboreando o momento. Estava prestes a tirar uma vida e isso era novo. E perversamente excitante.

— É assim que dou ordens.

No momento em que Zack se preparava para reagir, Nick saltou. Como um velocista recordista, disparou e se arremessou em Zack com todo seu peso, quando a arma de Reece detonou.

Houve gritos, dúzias de gritos. Rachel pegou uma cadeira e sentiu o choque ao atingir alguém e ouvir um grunhido de dor. Vislumbrou uma montanha, Rio, passar voando perto dela, mas já se debruçava sobre Zack e Nick estendidos no chão.

Viu o sangue. Sentiu seu cheiro. As mãos estavam cobertas de sangue.

À sua volta, a sala parecia um hospício. Gritos, quedas, pés em disparada. Ouvia alguém chorar. Outra pessoa vomitar.

— Ai, meu Deus! Ai, por favor! — Rachel pressionava as mãos contra o peito de Nick, quando Zack se sentou, ainda tonto.

— Rachel! Você está... — Depois, viu o irmão, estatelado no chão, o rosto pálido como o de um fantasma. E o sangue manchando rapidamente a camisa. — Não! Nick, não! — Em pânico, Zack o agarrou, afastando Rachel, enquanto ela tentava estancar o sangue do ferimento com as mãos.

— Pare! Você tem de parar! Preste atenção: mantenha as mãos aqui. Mantenha a pressão. Vou pegar uma toalha. — Rezando, ela levantou-se cambaleante e correu para trás do bar. — Chame uma ambulância — gritou. — Diga que se apressem. — Como o terror não deixava espaço para indecisões, agachou-se e, ajoelhada ao lado de Zack, afastou suas mãos e pressionou a toalha dobrada no ferimento de Nick. — Ele é jovem. É forte. — As lágrimas caíam ao mesmo tempo em que, freneticamente, examinava o pulso de Nick. — Não vamos deixá-lo ir.

— Zack. — Rio agachou-se. — Eles escaparam. Lamento. Vou atrás deles.

— Não. — A vingança brilhou em seus olhos. — Eu vou atrás deles depois. Pegue uma colcha para Nick, Rio. E mais toalhas.

— Já peguei. — Lola passou-as para Rachel e colocou a mão na cabeça de Zack. — Ele é um herói, Zack. Nós não deixamos nossos heróis morrerem.

— Ele se meteu no caminho — disse Zack, o sofrimento cerrando-lhe a garganta. — Esse maldito garoto sempre se meteu no caminho. — Olhou para Rachel e cobriu as mãos dela com as suas sobre o peito do irmão. — Eu não posso perdê-lo.

Você não vai perdê-lo. — Ouviu o som das sirenes e suspirou de alívio. — Nós não vamos perdê-lo.

Horas infundáveis na sala de espera, andando de um lado para o outro, fumando, bebendo café amargo. Zack ainda se lembrava da palidez de Nick, ao ser levado às pressas para a sala de emergência e colocado num elevador cuja porta bateu na sua cara.

Impotente. Hospitais sempre o faziam se sentir tão impotente! Apenas um ano se passara desde que vira o pai morrer num hospital. Lenta, inevitável, desgraçadamente.

Mas Nick não. Ele poderia se agarrar à vida. Nick era jovem e a morte não era inevitável, quando se era jovem. Mas o sangue... Quanto sangue!

Fitou as mãos que esfregara e limpara, mas nelas ainda via a vida do irmão salpicada. Em suas mãos. Não conseguia pensar em outra coisa. A vida de Nick estivera em suas mãos.

— Zack? — Retesou-se quando Rachel veio por trás dele e lhe massageou os ombros. — Que tal uma caminhada? Um pouco de ar fresco?

Apenas sacudiu negativamente a cabeça. Ela não insistiu. Inútil sugerir que tentasse descansar. Não podia. Os olhos queimavam, mas sabia que, se os fechasse, veria aquele último e horrível instante. A arma movendo-se em direção a Zack. Nick saltando. O estampido. O sangue.

— Vou buscar comida. — Rio levantou-se do sofá roto. O curativo branco brilhava na testa escura. — E você vai comer o que eu trouxer. Esse garoto vai precisar de cuidados em breve e você não poderá cuidar dele se estiver doente. — Com os lábios apertados, caminhou para o saguão.

— Ele é louco por Nick — disse Zack, quase apenas para si. — Está se corroendo por não ter detido os três homens armados sozinho.

— Nós vamos encontrá-los, Zack.

— Eu pensei que ele fosse feri-la. Eu vi nos olhos dele. Aquele tipo de insanidade não pode ser disfarçada com uma máscara. Ele ia ferir alguém, queria ferir alguém e segurava você. Nem pensei em Nick.

— Não é sua culpa. Não. Não vou permitir que faça isso consigo. Havia um monte de gente naquele bar e você estava fazendo o possível para proteger todos. O que aconteceu com Nick foi resultado de ele tentar proteger você. Você não vai transformar um gesto de amor em culpa — disse, com severidade, quando ele tentou se afastar.

Desta vez, quando o abraçou, ele se entregou.

— Preciso falar com ele. Acho que não vou aguentar, se não conseguir falar com ele.

— Vocês vão ter muito tempo para conversar.

— Sinto muito. — Alex hesitou na porta. O coração latejava, desde que ouvira as notícias. — Rachel, você está bem?

— Estou. — Manteve o braço firme em volta da cintura de Zack, quando se virou. — Nick...

— Já soube. Quando recebemos o telefonema, pedi para cuidar do caso. Achei que seria mais fácil para todos. — Os olhos voltaram-se para Zack e se mantiveram firmes. — Está bem para você?

— Claro. Muito obrigado. Já falei com uns dois policiais.

— Por que não nos sentamos? — Alex esperou Zack se sentar na beirada de uma cadeira e acender outro cigarro.

— Alguma novidade sobre o estado de seu irmão?

— Eles o levaram para uma cirurgia. Não nos disseram nada.

— Talvez eu consiga descobrir algo. Por que não me fala sobre os três bandidos?

— Eles usavam máscaras de meias — começou Zack, cansado. — Roupas pretas. Um deles usava uma jaqueta jeans.

Rachel segurou a mão de Zack.

— O que atirou em Nick tinha mais ou menos 1,70m ou 1,75m — acrescentou. — Cabelos pretos, olhos castanhos. Uma cicatriz na parte lateral do pulso esquerdo de mais ou menos 5 cm. Usava botas de motoqueiro gastas no calcanhar.

— Boa garota. — Não era a primeira vez que achava que a irmã daria uma excelente policial. — E os outros dois?

— O que queria destruir o lugar tinha uma risada estridente — lembrou-se Zack. — Um cara magricelo, irritadiço.

— Uns 1,80 m mais ou menos — completou Rachel. — Talvez 60 kg. Não o examinei direito, mas tinha cabelo claro. Louro, eu acho. O terceiro tinha, mais ou menos, a mesma altura, mas truncado. Diria que as armas o deixavam nervoso. Suava um bocado.

— E as idades?

— Difícil dizer. — Olhou para Zack. — Jovens, no início dos 20?

— Mais ou menos. Quais as chances de pegá-los?

— Muito obrigado pelas informações. — Alex fechou o bloco. — Olha, não vou iludi-lo. Não vai ser fácil. Agora, se deixaram impressões digitais e elas estiverem arquivadas, aí é outro papo. Mas vamos trabalhar nisso. Eu vou trabalhar nisso — acrescentou. — Tenho interesse particular pelo caso.

— Sei. — Zack olhou para Rachel. — Acho que sim.

— Não apenas por ela — disse Alex. — Interesse-me pelo garoto também. E gosto de ver a lei funcionar, Muldoon.

— Sr. Muldoon? — Uma mulher de cerca de 50 anos usando uma roupa verde gasta entrou na sala. Quando Zack fez menção de se levantar, gesticulou

para que ele permanecesse onde estava. — Sou a Dra. Markowitz, cirurgiã de seu irmão.

— Como... — Precisou fazer uma pausa e recomeçar. — Como ele está?

— Aguentando firme. — Como concessão à dor nos pés e na lombar, sentou-se no braço de uma poltrona. — Você quer todo o jargão técnico para eu poder me exibir ou que eu vá direto ao ponto?

A crise de medo deixou-lhe as mãos úmidas.

— Direto ao ponto.

— O estado é crítico. E ele tem um bocado de sorte, não apenas por ter a mim como cirurgiã, mas pelo fato de a bala por pouco não lhe atingir o coração. Eu diria que, no momento, as chances são de, aproximadamente, 75 por cento. Com sorte e graças à força da juventude, vamos ser capazes de subir suas chances em 24 horas.

O café embrulhou-lhe o estômago com violência.

— A senhora está me dizendo que ele vai escapar?

— Estou dizendo que não gosto de dar tanto duro e por tanto tempo cuidando de alguém e perdê-lo. Vamos mantê-lo na unidade de tratamento intensivo por enquanto.

— Posso vê-lo?

— Vou pedir a alguém que desça e lhe diga quando ele sair do CTI. — Deu um bocejo e notou que passara outro alvorecer numa sala de cirurgia. — Você quer que eu despeje todo o palavreado de que ele não vai sair de lá nas próximas horas, não vai saber que você está aqui e que deveria é ir para casa e descansar um pouco?

— Não, obrigado.

A médica esfregou os olhos e sorriu.

— Foi o que pensei. Ele é um garoto muito bonito, Sr. Muldoon. Estou ansiosa por conversar com ele.

— Obrigado. Muito obrigado mesmo.

— Vou ver como ele está. — Levantou-se, esticou-se e examinou Alex. —
Policial?

— Sim, senhora.

— Posso reconhecê-los a quilômetros de distância — disse e saiu.

CAPÍTULO DOZE

A dor era uma fina película de agonia encoberta pela tonteira. Toda vez que Nick recobrava os sentidos, sentia dor, enjoo, sem saber de onde vinham. Logo em seguida, voltava a emergir no abrigo da reconfortante inconsciência. Algumas vezes, tentou falar, mas as palavras saíam desconexas e sem sentido, mesmo para ele.

Ouviu um desconcertante martelar, aborrecido e firme, sem saber se tratar das batidas de seu coração no monitor. O constante e agradável sussurro em seus ouvidos abafava o som das solas de sapato emborrachadas no piso. As ocasionais espetadas e apalpadelas, a fim de conferir e re-conferir seus sinais vitais eram apenas um incômodo menor, levando-se em conta a enorme e escura ausência de consciência a abater-se sobre ele.

Por vezes, sentia uma pressão na mão, como se alguém a segurasse. E um murmúrio. Alguém falava com ele. Mas não tinha forças para manter a atenção.

Uma vez, sonhou com o mar em meio a um furacão e se viu a mergulhar do deque de um navio, arremessando-se rumo ao vazio, sem nunca atingir o fundo. Apenas flutuava.

Teve outros sonhos. Zack parado atrás dele numa máquina de pinball, guiando-lhe as mãos, rindo com o movimento das bolas e ruídos.

Depois, Cash estava lá, recostado na máquina, a fumaça do cigarro retorcido, enrodilhando-se e ocultando parte de seu rosto.

Viu Rachel sorrir para ele num aposentado freneticamente iluminado, com cheiro de pizza e alho por toda parte. E os olhos brilhavam interessados. Lindos.

Depois, via-os debulhados em lágrimas. Não cessavam de pedir desculpas.

O velho gritava com ele. Parecia tão doente e cambaleante no topo das escadas! *Você nunca vai prestar para nada. Já sabia desde a primeira vez que pus os*

olhos em você. Depois, aquele olhar vazio, perdido, surgia no rosto e ele só conseguia se lamuriar. *Onde você estava? Onde está Zack? Ele vai voltar logo?*

Mas Zack tinha partido, estava a centenas de milhas de distância. Não havia ninguém para ajudá-lo.

Rio fritava batatas e ria de uma das próprias piadas. E Zack... o sonho sempre retornava a Zack... aparecia na cozinha. *Você vai comer todos os lucros, garoto? Um sorriso sincero, um tapinha amigável antes de sair.*

O piano reluzente, aquele sonho fascinante, e Zack parado ao lado, sorria feito bobo. Depois, o brilho de uma lâmpada iluminava o cano de uma arma. E Zack.

Com um gemido, acordou agitado.

— Ei, ei, calma, garoto. — Zack levantou-se da cadeira ao lado da cama e pressionou, gentilmente, o ombro de Nick. — Está tudo bem. Não precisa de pressa. Não vai a lugar nenhum.

Tentou se concentrar, mas as imagens à volta iam e vinham como fantasmas nas sombras.

— O quê? — A garganta parecia cheia de areia; doía. — Estou doente?

— Já estive melhor. — E eu também, pensou Zack, esforçando-se para evitar o tremor das mãos ao suspender o copo de plástico. — Disseram que você podia beber um pouco de água, quando acordasse.

Nick tomou um gole de água no canudo, um segundo, mas não teve forças para o terceiro. Pelo menos, a visão clareara. Lançou uma olhadela comprida e detida em Zack.

Olheiras escuras nos olhos cansados sobressaíam em meio a um rosto com a barba por fazer.

— Você está com uma aparência horrível.

Sorrindo, Zack esfregou a mão na barba por fazer.

— A sua também não é das melhores. Vou chamar uma enfermeira.

— Enfermeira? — Zack balançou a cabeça, quase imperceptivelmente. Franziu a testa diante do soro. — Isto é um hospital?

— Não é o hotel Ritz. Está doendo?

Nick pensou e sacudiu a cabeça.

— Não sei dizer. Pareço dopado.

— E está. — Inundado pelo alívio, Zack colocou a mão no rosto de Nick e lá a deixou, até retirá-la, embaraçado. — Você é um tremendo de um idiota, Nick.

A mente de Nick estava muito turva para perceber o tom de brincadeira na voz de Zack.

— Sofri um acidente? Eu... — E, de repente, tudo veio à tona. — No bar. — As mãos se contraíram por sobre os lençóis. — E Rachel? Rachel está bem?

— Está ótima. Tem vindo sempre aqui. Pedi a Rio para forçá-la a comer alguma coisa.

— E você? — Nick deu outra olhada demorada, buscando conforto. — Ele não atirou em você.

— Não, seu idiota. — A voz fraquejou para, em seguida, recobrar a firmeza. — Ele atirou em você.

Quando as pernas bambearam, Zack voltou a sentar-se e mergulhou o rosto nas mãos trêmulas. Nick ficou olhando, totalmente surpreso, quando o homem que sempre julgara o mais próximo ao Super-homem lutou por manter a compostura.

— Eu poderia matar você por ter me assustado deste jeito. Se você já não estivesse aí estirado, pode apostar que eu o colocaria aí.

Mas insultos e ameaças feitos com voz emocionada não causavam muito efeito.

— Ei! — Nick ergueu a mão, mas não tinha certeza do que fazer com ela. — Você está bem?

— Não, não estou nada bem — retrucou Zack, levantando-se para ir até a janela. Ficou parado, olhando sem nada ver, até sentir uma parcela do controle retornar. — Tá, tá, estou bem. E me parece que você também vai pelo mesmo

caminho. Disseram que iam passar você para um quarto comum em breve, se você merecesse.

— Onde estou agora? — Curioso, virou a cabeça para examinar o quarto. Paredes de vidro e máquinas a piscar e emitir ruídos. — Uau, alta tecnologia! Quanto tempo estive desacordado?

— Acordou umas duas vezes antes. Avisaram que não se lembraria. Você tagarelou um bocado.

— Ah é? Sobre o quê?

— Máquinas de pinball. — Mais sereno, Zack voltou para a cama. — Uma garota chamada Marcie ou Marlie. Lembre-me de perguntar mais detalhes sobre a garota depois. — Felicitou-se por ver um leve sorriso curvar os lábios de Nick. — Você pediu batatas fritas.

— O que posso fazer? É uma fraqueza. E consegui?

— Não. Talvez possamos contrabandear algumas mais tarde. Está com fome?

— Não sei. Você não me disse quanto tempo.

Zack ia pegar um cigarro, mas lembrou-se a tempo e suspirou.

— Cerca de vinte horas desde que terminaram de cortar e costurar suas costas. Imagino que, se ele tivesse atirado na sua cabeça e não em seu peito, nada lhe teria acontecido e você sairia assoviando. — Bateu com os nós dos dedos na frente de Nick. — Dura como uma rocha. Fico lhe devendo uma, das grandes.

— Não, nada disso.

— Você salvou minha vida.

Nick fechou os cílios pesados.

— É como pular de um navio em meio a um furacão. Você não pensa. Entende o que quero dizer?

— Claro.

— Zack?

— Estou aqui.

— Quero falar com um policial.

— Você precisa descansar.

— Preciso falar com um policial — repetiu, e as palavras sumiram. — Sei quem eles eram.

Zack o viu dormir e, como não tinha ninguém à vista, acariciou, suavemente, o cabelo caído na testa do irmão.

— Eu disse que ele estava em boas condições — repetiu a Dra. Markowitz.
— Vá para casa, Sr. Muldoon.

— Nem pensar. — Zack recostou-se na parede ao lado da porta do quarto de Nick. Sentia-se bem melhor, desde que o irmão saíra do CTI, mas ainda não estava pronto para abandonar o barco.

— Deus me livre de irlandeses teimosos! — Lançou um olhar duro para Rachel. — Sra. Muldoon, a senhora tem alguma influência sobre ele?

— Não sou a Sra. Muldoon e não tenho influência. Acho que só podemos expulsá-lo daqui depois de voltar a falar com Nick. Meu irmão não vai ficar com ele muito mais tempo.

— Seu irmão é o policial? — A médica suspirou e balançou a cabeça. — Está bem. Vou lhe dar cinco minutos com meu paciente e, depois, fora daqui! Acredite em mim. Vou chamar o Serviço de Segurança e pedir para expulsá-lo se for necessário.

— Sim, senhora.

— E aquele gigante que fica perambulando pelos corredores também.

— Vou levar ambos para casa — prometeu Rachel. Voltou o olhar na direção da porta aberta. — Alex?

— Já terminamos. — Ele não conseguia esconder o brilho de satisfação do olhar. — Preciso fazer uma ronda.

— Nick os identificou? — perguntou Zack.

— Todos eles. E está disposto a testemunhar.

— Eu quero...

— Sem chance — disse Alex, rápido, percebendo os punhos cerrados de Zack. — O garoto descobriu como fazer isso do modo correto, Muldoon. Aprenda a lição. Mantenha-o na linha, Rach.

— Vou tentar — murmurou, ao ver o irmão sair apressado. — Zack, se você vai entrar para falar com ele, controle-se.

— Aquele desgraçado atirou no meu irmão.

— E vai pagar por isso.

Com um curto aceno, Zack passou por ela e entrou no quarto de Nick. Parou aos pés da cama.

— Como está passando?

— Bem. — Estava exausto após a conversa com Alex, mas não acabado. — Preciso falar com você, contar, explicar.

— Isso pode esperar.

— Não. Foi tudo minha culpa. O negócio inteiro. Eles eram *Cobras*, Zack. Sabiam quando entrar e como porque eu contei. Eu não sabia... Juro por Deus que não sabia o que eles tinham em mente. Entendo, se não acreditar em mim.

Zack esperou um momento até recuperar a presença de espírito.

— E por que eu não acreditaria em você?

Nick apertou os olhos com força.

— Eu estraguei tudo. Como sempre. — Botou para fora toda a história de como esbarrara com Cash no fliperama. — Achei que estávamos apenas conversando. E, todo o tempo, ele estava armando para cima de mim. Para cima de você.

— Você confiou nele. — Zack deu a volta na cama e apoiou a mão no punho de Nick. — Você achou que ele era seu amigo. Isso não é estragar tudo, é apenas confiar em pessoas que não merecem. Você não é como eles. — Quando os olhos de Nick voltaram a abrir, Zack apertou-lhe a mão com força.

— Se você estragou alguma coisa, foi a si por tentar ser como eles. Mas isso já terminou.

— Eu não vou deixá-los escapar dessa.

— Nós não vamos — afirmou Zack. — Estamos juntos nessa.

— Isso. Está combinado — disse Nick, com um longo suspiro.

— Eles vão me expulsar daqui, para você poder descansar. Volto amanhã.

— Zack! — chamou, quando o irmão já alcançara a porta. — Não se esqueça das batatas fritas.

— Pode deixar.

— Tudo bem? — perguntou Rachel, quando Zack saiu.

— Tudo bem. — Depois, a ergueu e a apertou com força. Ela era magra e pequena e tão firme quanto uma âncora num mar revolto. — Venha comigo, por favor — murmurou contra seus cabelos. — Fique comigo esta noite.

— Vamos embora. — Deu-lhe um beijo no rosto. — Posso comprar uma escova de dentes no caminho.

Mais tarde, quando ele caiu num sono exausto, Rachel ficou deitada a seu lado a olhá-lo. Sabia que era a primeira vez que ele dormia em quase 48 horas. Nesse espaço de tempo, apenas cochilara numa cadeira. Estranho, pensou, ao observar o rosto na luz pálida e difusa que entrava pelas janelas. Nunca se considerara o tipo maternal. Mas fora muito satisfatório apenas deitar-se ao lado dele e abraçá-lo até que o estresse e a fadiga dos últimos dias o levassem a adormecer.

Quanto mais alto..., voltou a pensar, dando-lhe um beijo terno na testa.

Ainda assim, embora cansada e aliviada, não conseguia dormir. Quão assombroso era se dar conta de ter chegado a um estágio da vida em que não tinha mais certeza dos próprios passos.

O amor não tinha a menor lógica. Não seguia linhas retas ou obedecia a uma lista de prioridades. Apesar de tudo, em questão de dias, o laço a uni-los se partiria. Iriam ao tribunal e tudo ficaria resolvido de um jeito ou de outro.

Era chegada a hora de encarar o futuro.

Zack a convidara para morar com ele. Rachel mudou de posição e olhou o desenho formado pelas sombras no teto. Poderia bastar. Ou ser demais. Seu problema agora era decidir com o que poderia viver e com o que não poderia viver sem.

Tinha muito medo de que a única coisa com a qual não pudesse viver sem estivesse adormecida a seu lado.

Zack estremeceu uma vez, emitiu um som estrangulado e acordou assustado. De imediato, Rachel se aproximou para confortá-lo.

— Shhh... — Tocou seu rosto, seus ombros, alisando-os. — Está tudo bem. Tudo bem.

— Ciclones — murmurou, grogue. — Um dia, eu conto para você.

— Está bem. — Repousou a mão sobre seu coração, como se tentasse atenuar a pulsação acelerada. — Volte a dormir, Muldoon. Você está exausto.

— É bom ter você aqui. Bom mesmo.

— Eu também gosto. — Uma sobrelha arqueou-se quando ela sentiu a mão dele descer até sua coxa. — Não comece algo que não vamos conseguir terminar.

— Só quero minha camiseta de volta. — Moveu a mão por cima de sua roupa de dormir improvisada até o seio quente e macio encher-lhe a mão. Conforto. Excitação. Perfeição. — Exatamente como eu pensara. Este é um corpo completamente sem controle.

O arrepio começou lá embaixo, profundo e foi aos poucos tomando conta dela.

— Você está colocando sua sorte em jogo.

— Eu estava sonhando com a Marinha. — A fadiga fazia tudo se mover em câmera lenta, tornando tudo mais erótico, quando ele tirou-lhe a camisa.

Os braços pareciam flutuar acima de sua cabeça e para baixo novamente, como água. — Nunca me esqueço do que é estar no mar por meses sem ver uma mulher. — Abaixou a cabeça e passou-lhe a língua. — Ou sentir o gosto de uma.

Ela suspirou com desejo e mesmo esse singelo movimento aumentou o desejo dele.

— Conte mais. — A boca tocou a sua, tão macia, tão terna.

— Quando acordei há pouco, senti o cheiro de seus cabelos, de sua pele. Tenho acordado desejando você há semanas. Agora, posso acordar e ter você.

— Fácil assim, né?

— É. — Levantou a cabeça e sorriu para ela. — Fácil assim.

Rachel percorreu-lhe as costas com o dedo, pensativa.

— Tenho só uma coisa a dizer, Muldoon.

— O que é?

— Mãos à obra. — Com uma risada, rolou e se posicionou em cima dele.

E foi natural, muito natural.

Rachel argumentava com Nick:

— Você não está sendo sensato. — Subia as escadas do tribunal a seu lado, segurando-lhe o braço. — Dadas as circunstâncias, é a coisa mais simples do mundo conseguir um adiamento.

— Quero me ver logo livre disso — repetiu, olhando para Zack.

— Estou de acordo.

— Longe de mim discutir com vocês dois — retrucou, irritada. — Se você desmaiar...

— Não sou inválido.

— Faz dois dias que saiu do hospital — afirmou.

— A Dra. Markowitz deu sinal verde para ele — alegou Zack.

— Eu não me importo com o que a Dra. Markowitz deu.

— Rachel! — Um pouco ofegante pela subida, mas ainda em forma, Nick apertou-lhe a mão. — Pare de bancar minha mãe.

— Está bem. — Jogou as mãos para o alto e as abaixou. Ajeitou a gravata e os ombros do paletó de Nick. Pegou Zack sorrindo por cima do ombro de Nick e repreendeu-o. — Cale a boca, Muldoon.

— Claro, claro, comandante.

— Ele se julga tão engraçadinho usando essa linguagem náutica! — Deu dois passos atrás e examinou o cliente. Ainda um pouco pálido, mas aguentaria. — Preste atenção. Está seguro de se lembrar de tudo o que expliquei?

— Rachel, você me fez repetir o discurso uma dúzia de vezes. — Bufando, voltou-se para o irmão. — Posso ficar um minuto a sós com ela?

— Claro. — Zack lançou um olhar por cima do ombro. — Mantenha as mãos afastadas.

— Claro, claro. — O sorriso voltara, mas era bem-humorado e não zombeteiro. — Ouça, Rachel, primeiro eu quero dizer como... Bem, foi realmente legal sua família ter ido me visitar no hospital. Sua mãe — nervoso, enfiou as mãos nos bolsos e as retirou a seguir — me trazer biscoitos e tudo mais. Seu pai me fazer companhia e jogarmos damas.

Podia parecer deboche, refletiu Nick. Mas não soara assim.

— Eles vieram ver você porque quiseram.

— Eu sei, mas... Bem, foi legal. Eu até recebi um cartão de Freddie. Quanto ao policial, ele foi maneiro.

— Alex tem seus momentos.

— O que estou querendo dizer é que não importa o que aconteça hoje, você fez muito por mim. Talvez eu não saiba para onde vou, mas sei aonde não vou. E devo isso a você.

— Não, não deve. — Com medo de chorar, endureceu o tom de voz. — Um pouco, com certeza, mas a maior parte estava bem aqui. — Espetou o

dedo em seu peito. — Você é legal, LeBeck.

— Obrigado. Só mais uma coisa. — Espiou para se certificar de que Zack não poderia ouvi-los. — Eu sei que antes tornei as coisas um tanto quanto complicadas. De vez em quando, Zack tem mencionado que talvez você se mude para a casa dele. Só queria que soubesse que não vou atrapalhar.

— Ainda não me decidi sobre o que fazer. Independentemente disso, você não atrapalharia. Você é nossa família, entendeu?

Os lábios dele se curvaram.

— Estou entendendo. Se decidir dispensá-lo, estou à disposição.

— Vou manter a proposta em mente. — Ajeitou-lhe o paletó pela última vez. — Vamos.

Não havia razão para nervosismo, pensou ao conduzir Nick à mesa da defesa. Preparara bem a argumentação e a juíza simpatizava com o caso.

Mas estava aterrorizada.

Rachel levantou-se com o resto da corte à entrada da juíza. Ignorando o aperto no peito, deu a Nick um sorriso rápido e confiante.

— Muito bem, Sr. LeBeck — começou Beckett, cruzando as mãos. — O tempo voa. Um passarinho me contou que, recentemente, o senhor se meteu em confusão. Está recobrado?

— Meritíssima! — Surpresa pela quebra da rotina do tribunal, Rachel se levantou.

— Sente, sente, sente — Beckett acenou com as costas da mão. — Sr. LeBeck, perguntei como está passando.

— Estou bem.

— Ótimo. Também fui informada de que o senhor identificou os três marginais que assaltaram o bar do Sr. Muldoon. Três membros dos *Cobras*, uma organização com a qual já estive associado, acredito, estão detidos, aguardando julgamento.

Rachel tentou outra vez.

— Meritíssima, em meu relatório final...

— Já li, obrigada, advogada. A senhora fez um excelente trabalho. Mas prefiro ouvir o depoimento diretamente do Sr. LeBeck. Minha pergunta é: por que o senhor entregou esses homens que, há relativamente pouco tempo, preferiu proteger?

— Levante-se. — Rachel sussurrou entre os dentes. Franzindo a testa, Nick obedeceu.

— Senhora?

— A pergunta não foi clara? Devo repeti-la?

— Não. Eu entendi.

— Excelente. E sua resposta?

— Eles mexeram com meu irmão.

— Ah! — Como uma professora congratulando um estudante que tivesse feito grandes progressos, Beckett sorriu. — E isso muda inteiramente as coisas.

Esquecendo todas as recomendações de Rachel, Nick assumiu a postura natural, ou seja, agressiva.

— Ouça, eles arrombaram o bar, bateram com a cabeça de Rio na parede, empurraram Rachel e dispararam armas. Não era certo. Talvez a senhora ache que entregá-los me transforma num cafajeste, mas Reece ia atirar em meu irmão. Não ia deixá-lo, de jeito nenhum, escapar dessa.

— O que acho é que o ocorrido o fez, LeBeck, ver as coisas com clareza e se tornar um adulto responsável, capaz de entender não apenas os conceitos básicos de certo e errado, mas também a lealdade, em geral, mais valiosa. Você, com certeza, cometerá alguns enganos na vida, mas duvido que sejam do tipo que o tragam de volta ao tribunal. Agora, acredito que o promotor público tenha algo a dizer.

— Sim, Meritíssima. O Estado cancela todas as acusações contra Nicholas LeBeck.

— Que bom! — exclamou Rachel, saltando.

— É só isso? — conseguiu dizer Nick.

— Quase. — Beckett atraiu a atenção para si. — Preciso fazer isto. — Bateu com o martelo. — Agora, acabou.

Com uma risada, Rachel passou os braços em volta do pescoço de Nick.

— Você conseguiu — murmurou para ele. — Quero que nunca se esqueça. Você conseguiu.

— Não vou para a cadeia. — Ele não tinha permitido a ninguém, nem mesmo a si, perceber o quanto a ideia de ser preso o aterrorizava. Deu um último abraço em Rachel antes de se voltar para Zack. — Vou para casa.

— Está certo. — Zack estendeu-lhe a mão. Depois, com um palavrão, puxou Nick e o abraçou. — Jogue direito, garoto. Vou até mesmo lhe dar um aumento.

— Um aumento, o caramba. Vou querer sociedade.

— Se os cavalheiros me permitem, tenho outros clientes. — Ela deu em cada um beijo nada profissional.

— Precisamos comemorar. — Zack segurou-lhe as mãos. Não havia mais nada que pudesse dizer. Muito precisava ser dito. — Às 19 h, no bar. Esteja lá.

— Não perderia por nada.

— Rachel! — chamou Nick — Você é o máximo.

— Ainda não. — Lançou uma risada por cima do ombro. — Mas vou ser.

Estava um pouco atrasada. Nada a fazer. Como saberia que lhe entregariam um caso de agressão criminal às 18 h?

Dois anos no escritório da defensoria pública, lembrou-se, sorrindo ligeiramente, ao abrir a porta do bar.

Ao ouvir o som de aclamação, ficou imóvel. Faixas, bolas e muitas pessoas usando um chapeuzinho de festa incrivelmente ridículo. Uma enorme faixa pendurada na parede dos fundos.

Comparado a Rachel, Perry Mason é aprendiz.

Ela teve de rir, mesmo quando Rio a pendurou nos ombros e a carregou para o bar. Colocou-a sentada e alguém lhe entregou uma taça de champanhe.

— Que festão!

Zack segurou-lhe o cabelo até ela virar o rosto para um beijo.

— Eu tentei fazê-los esperar por você, mas eles se empolgaram.

— Eu vou recuperar o tempo perdido... — balbuciou. Ficou boquiaberta.

— Mamãe?

— Já estávamos comendo as costelinhas de Rio — informou Nadia. — Agora, seu pai vai dançar comigo.

— Talvez eu dance com você depois — disse Yuri à filha, enquanto arrastava Nadia para o que, com certeza, era uma polca.

— Você convidou meus pais. E... — Aturdida, sacudiu a cabeça. — Aquele ali, entupindo a pança de almôndegas, é Alex.

— É uma festa particular. — Zack fez-lhe um brinde. — Nick preparou a lista. Dê uma olhada.

Esticou o pescoço e o vislumbrou numa mesa.

— Aquela não é a filha de Lola?

— Ela está incrivelmente impressionada por ele ter levado um tiro.

— Uma das dez melhores maneiras de impressionar uma mulher.

— Não me esquecerei disso. Quer dançar?

Rachel tomou outro gole de champanhe.

— Aposto uma semana do meu salário como você não sabe dançar polca.

— Vai perder — afirmou, agarrando-lhe a mão.

A festa durou horas. Rachel perdeu a noção do tempo. Experimentou a enorme variedade de pratos preparados por Rio, regada a champanhe. Dançou até os pés ficarem dormentes e, finalmente, juntou-se a seu pai, ligeiramente alto, e entoaram canções do folclore ucraniano.

— Festa boa! — exclamou Yuri, um tanto quanto oscilante, enquanto a mulher o ajudava a colocar o casaco.

— É sim, papai.

Ele sorriu, quando se inclinou em direção a Rachel.

— Agora, vou para casa fazer sua mãe se sentir como uma garota.

— Você fala demais. Vai é cair roncando antes de chegar em casa.

Yuri deu uma olhadela de canto de olho para a mulher.

— Aí, você me acorda.

— Talvez. — Nadia beijou a filha. — Você me deixa muito orgulhosa.

— Obrigada, mamãe.

— Você é uma garota inteligente, Rachel. Vou lhe dizer o que já deve saber. Quando encontrar um bom homem, não vai perder nada por se envolver e deixar a vida seguir seu rumo. Você me entende?

— Sim, mamãe. — Rachel procurou Zack com o olhar. — Acho que sim.

— Ainda bem.

Rachel os viu sair de braços dados.

— Eles são muito legais — disse Nick às suas costas.

— São sim.

— E seu irmão não é nada mau, para um policial.

— Afinal de contas, gosto muito dele. — Com um suspiro, afastou uma mecha dos cabelos. — Parece que a festa terminou.

— Esta sim. — Sorrindo, se distanciou para ajudar Rio a arrumar a bagunça. Se Nick conhecia o irmão, e começava a acreditar conhecê-lo, Rachel ia ter outra surpresa antes de a noite terminar.

Zack tolerou o pessoal da limpeza por quase vinte minutos antes de ordenar que Rio fosse para casa e Nick para a cama. Se não conseguisse ficar sozinho com Rachel, explodiria.

— Cuidamos do resto amanhã.

— Você é o chefe. — Rio piscou para Rachel e vestiu o casaco. — Por enquanto.

Zack sacudiu uma garrafa de champanhe quase vazia.

— Ainda tem um pouco. Que tal?

— Acho que eu poderia entornar o resto. — Sentou-se no bar e, lançando-lhe seu mais provocativo olhar, ergueu a taça. — Pode me pagar um drinque, marinheiro?

— Será um prazer. — Depois de encher o copo, colocou a garrafa de lado. — Não há nada que eu possa dizer ou fazer para retribuir o que fez por nós.

— Não comece.

— Quero que saiba o quanto aprecio. Você fez toda a diferença.

— Estava cumprindo meu dever e seguindo os ditames de minha consciência. Ninguém precisa me agradecer por isso.

— Droga, Rachel, deixe-me explicar como me sinto.

Nick surgiu da cozinha.

— Se isso é o melhor que pode fazer, mano, você vai precisar de toda a ajuda do mundo.

Zack lançou um único e explosivo olhar em sua direção.

— Já para a cama.

— Estou a caminho. — Entretanto, caminhou até a *jukebox* e colocou algumas moedas. Depois de apertar alguns botões, voltou-se pra eles. — Vocês dois são umas figuras. Ouçam o conselho de alguém que sabe que vocês dois têm fraquezas: parem de blá-blá-blá e vão direto ao que interessa. — Com um aceno de cabeça, diminuiu as luzes e saiu.

— Que diabos foi isso? — perguntou Zack.

— Não me pergunte. Fraquezas? Eu não tenho nenhuma fraqueza.

Zack sorriu para ela.

— Eu tampouco. — Rodeou o bar. — Mas a música é bonita.

— Bonita mesmo — concordou, enrodilhando-se em seus braços.

— As coisas têm andado meio agitadas.

— Hum... Só um pouco.

— Gostaria de conversar com você sobre o que propus um tempo atrás. Sobre se mudar para cá.

Rachel fechou os olhos. Já decidira que a resposta seria "não". Por mais duro que fosse resistir a aceitar migalhas do pão, ia lutar por um inteiro.

— Talvez não seja a hora de discutirmos isso.

— Não posso pensar numa melhor. Rachel, a verdade é que não desejo que se mude para cá.

— Você... — Ficou tensa e, em seguida, sacudiu os ombros, quase derrubando-o. — Por mim, tudo bem.

— O que quero...

— Tenho uma sugestão para você fazer com o que quer — retrucou. — Mas isso não é típico? Depois que eu organizo toda a bagunça, você me dispensa.

— Eu não estou...

— Cale a boca, Muldoon. Quem fala sou eu.

— E quem poderia impedi-la? — resmungou.

O barulho dos saltos altos ecoavam, quando ela começou a andar de um lado para o outro, na tentativa de engolir a raiva.

— Você não está batendo bem, Exterminador. Foi você quem deu em cima de mim, forçou a barra. — Ela o imitou simulando empurrões. — Simplesmente, não aceitava "não" como resposta.

— Você não disse "não" — lembrou-a.

— Isso é irrelevante. — Encarando-o, colocou as mãos nos quadris. — Então, você não quer que eu venha morar com você. Ótimo. Minha resposta de qualquer jeito era um sonoro não.

— Fantástico. — Deu um passo à frente, de modo a inclinar-se e berrar. — Porque não estou propondo que empacote algumas coisas e venha brincar de casinha comigo. Quero que se case comigo.

— E se você acha... Ai, meu Deus! — Vacilou e precisou pressionar a mão no peito de Zack para retomar o equilíbrio. — Preciso me sentar.

— Então, sente-se. — Segurou-a pela cintura e a colocou no banco do bar. — E ouça. Sei que combinamos não pensar em compromissos a longo prazo.

Você não queria, nem eu tampouco. Mas estamos virando a página aqui, Rachel, e há uma nova lista de regras.

— Zack, eu...

— Não. Você não vai conseguir me envolver numa discussão. — Rachel era boa o suficiente para ganhar todas e ele se amaldiçoaria se perdesse tempo. — Pensei um bocado. Você tem suas prioridades e as respeito. — Apertou as mãos dela com força. Rachel decidiu que depois verificaria se quebrara algum dedo. No momento, não sentia nada além de assombro. — Tudo o que precisa fazer é adicionar mais uma prioridade à sua lista. Eu. Não planejei me apaixonar por você, mas aconteceu. Então, vamos lidar com isso.

— Eu também não — murmurou, mas ele prosseguiu.

— Talvez você ache que não haja espaço em sua vida... — Sentiu um aperto e ignorou o inesperado gemido de Rachel. — O que você disse?

— Eu disse "nem eu".

— "Nem eu" o quê?

— Você disse que não planejou se apaixonar por mim e eu disse que eu também não. — Deixou escapar um suspiro longo e entrecortado quando as mãos dele, frouxas, afastaram-se das dela. — Mas foi isso que aconteceu. Então, lide com isso.

— Ah é?

— É. — Reclinada no bar, cruzou os braços em volta de seu pescoço e tombou a testa junto à dele. Incrível, pensou. Ele estava tão assustado quanto ela. — Você se superou, Muldoon. Eu ia dispensar você por amá-lo demais, para aceitar menos do que tudo de você. Tenho andado em círculos há dias.

— Semanas. — Ele levou a boca à sua. — Eu ia tentar convencê-la aos poucos, mas não consegui esperar. Até falei com seu pai a respeito de minhas intenções hoje à noite.

Sem saber se ria ou chorava, Rachel vacilou.

— Você não falou.

— Primeiro, por via das dúvidas, o entupi de vodca. Ele confessou querer mais netos.

Rachel sentiu o coração inchar de alegria.

— Gostaria de atendê-lo.

A emoção inundou o peito de Zack e ganhou asas.

— Está brincando.

Rachel, pensativa, fitou-o. Sem dúvida, uma nova lista de regras. Uma vida nova a se descortinar.

— Não estou brincando. Quero uma família com você. Quero tudo com você. Está decidido.

Zack prendeu-lhe o rosto entre as mãos.

— Você é tudo com que sempre sonhei e achei que nunca teria.

— Você é tudo o que eu sempre quis — repetiu ela. — E fingia não querer. — Quando lhe procurou os lábios, sentiu um nó na garganta. — Nós não vamos fazer amor, vamos, Muldoon?

— Quem? Nós? — Sorriu, quando ela saiu do banco e se atirou em seus braços. — Sem chance...

Fim

¹ Termo náutico com vários significados, podendo ser "baixar os panos" (da vela principal), "diminuir a velocidade" (objetivo dessa manobra) ou até mesmo dar um soco em alguém (gíria norte-americana). (N. da E.)

² Capitão Bligh (1754-1817) foi um oficial da Marinha Real Britânica considerado tão tirânico pela sua tripulação que acabou sendo vítima de um motim dentro do Bounty, o pequeno navio sob seu comando. (N. da E.)

³ Norman Rockwell (1894-1978) foi um pintor e ilustrador norte-americano muito popular nos Estados Unidos por retratar o ideal de família em seus trabalhos (entre outros temas). (N. da E.)

⁴ Desfile anual promovido pela loja de departamentos americana Macy's, cuja maior atração são os balões de personagens emblemáticos como a Hello Kitty, o Garfield, a Betty Boop e o Gato Félix, entre outros. (N. da E.)

⁵ Emenda da Constituição dos Estados Unidos que assegura o direito de permanecer calado e evitar a autoincriminação. (N. da E.)